

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VICTOR EMRICH

TRABALHO, GREVES E FUTEBOL:

Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe  
Trabalhadora Friburguense (1911-1933)

NITERÓI  
2007

VICTOR EMRICH

TRABALHO, GREVES E FUTEBOL:

Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe  
Trabalhadora Friburguense (1911-1933)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de MESTRE. Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr.º Marcelo Badaró Mattos

NITERÓI  
2007

VICTOR EMRICH

TRABALHO, GREVES E FUTEBOL:

Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe  
Trabalhadora Friburguense (1911-1933)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de MESTRE. Área de Concentração: História Social.

Aprovada em julho de 2007.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr.º Marcelo Badaró Mattos  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Marcos Alvito Pereira de Souza  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr.º Ricarda da Gama Rosa Costa  
Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia

NITERÓI  
2007

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Prof. Dr.º Marcelo Badaró Mattos pela dedicação e profissionalismo com que me orientou, mostrando-se, além de um grande intelectual convicto de suas idéias e ações, uma grande pessoa e um excelente amigo.

A todos os professores com os quais tive o prazer de me relacionar durante os Seminários da Pós-Graduação e que colaboram de forma inestimável com suas aulas para que eu pudesse trilhar de maneira mais segura e convicta sobre meu objeto de pesquisa. A Virgínia Fontes, Mário Grynzpan, Norberto Ferreras e Marcelo Badaró Mattos, o reconhecimento de quem se sente profundamente enriquecido pelo alto nível das discussões com as quais fui contemplado nos cursos.

Agradeço também ao Prof. Dr.º Marcos Alvito Pereira de Souza por suas sugestões e comentários na Banca de Qualificação de minha dissertação, essenciais para que este trabalho pudesse ter sido concluído.

Minha gratidão especial ao amigo João Raimundo de Araújo, professor na graduação e um dos incentivadores incansáveis dessa dissertação e de todos os estudos sobre Nova Friburgo.

Também estendo esse agradecimento ao grande amigo e colaborador Ricardo Costa, um dos responsáveis pela concretização desse trabalho, pelas sugestões, críticas e, acima de tudo, pelo companheirismo destes vários anos em que tive a felicidade de ser brindado com sua amizade.

Agradeço aos amigos Ademir Branco Corguinha e Guilherme Moraes da Silveira pelo estímulo que me passaram durante toda essa pesquisa. Sem a amizade de vocês, com certeza eu não conseguiria concluí-la.

Aos funcionários do Departamento Pró-Memória de Nova Friburgo, em especial à Tereza, José Carlos e Isabel, pela atenção e tratamento dos mais amigáveis.

Aos funcionários do Sindicato dos Têxteis de Nova Friburgo, pela atenção e gentileza ímpares com as quais fui recebido.

Aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, pela eficiência e pelo trabalho competente.

Porém, e acima de tudo, essa dissertação é dedicada aos meus pais, Hasenclever e Dilma, pelo permanente incentivo e compreensão que tiveram, especialmente na fase final deste trabalho. Também dedico aos meus irmãos, Maurício, Regina e Leônidas, pela forte torcida. A toda minha família, além dos muitos amigos aqui não citados, que aguardaram ansiosos o momento de comemorar o fechamento de todo esse trabalho.

## RESUMO

Este trabalho centra sua análise na formação da classe trabalhadora em Nova Friburgo no período constituído entre 1911 e 1933, entendendo como fundamentais as relações decorrentes do conflito entre capital e trabalho. O recorte cronológico tem por idéia localizar o início do processo de consolidação das indústrias na cidade, ainda em 1911, visualizando, neste momento, disputas entre grupos da classe dominante que culminariam na “Noite do Quebra-Lampiões”, envolvendo também outros atores, como as classes populares.

A partir de então, a classe operária em formação levantaria várias bandeiras de protestos coletivos, redundando em algumas greves durante a década de 1910 e 1920. Embora algumas não tenham obtido o conjunto de suas reivindicações, contribuíram para um profundo amadurecimento da classe, que ficaria patente na grande greve de 1933, envolvendo várias forças e vários atores sociais.

Portanto, desenvolvo a hipótese de que a classe trabalhadora friburguense passou por um processo de *fazer-se* entre 1911 e 1933, e que a visão harmoniosa que se tentou associar à cidade – como o mito da “Suíça Brasileira – não se revelava na prática, haja vista os vários momentos de enfrentamento entre trabalhadores e capitalistas.

Contudo, uma parte significativa dessa consciência de classe que se forjara, estaria diretamente ligada às formas de sociabilidade desses trabalhadores e, de maneira especial, ao futebol. Numa cidade que dificultava o contato entre operários, em função da distribuição espacial das fábricas, o esporte bretão surgia como uma possibilidade de criação de laços identitários, como a fundação do Esperança Foot-Ball Club mostraria. Porém, antes mesmo da criação de tal clube, os dirigentes das fábricas – em sua maioria, alemães ou descendentes – fundariam também um time de futebol chamado Friburgo Foot-Ball Club.

A partir da constituição desses dois clubes, é notório o quanto o campo de futebol se revestiu em uma arena de luta de classes, uma vez que muitos dos confrontos não terminaram de forma amistosa. E, tal situação se agravaria ainda mais, quando da criação de um terceiro clube, surgido de dentro do Friburgo F. C., que seria o Fluminense A. Club, complexificando ainda mais as disputas futebolísticas na cidade.

Assim, através do futebol e das várias organizações de classe – entre as quais, o Partido Comunista e os Sindicatos – foi possível aos trabalhadores se identificarem e atuarem enquanto classe, como a greve de 1933 provaria.

## ABSTRACT

This work centers its analysis in the formation of the diligent classroom in Nova Friburgo in the period consisting between 1911 and 1933, understanding as the decurrent relations of the conflict between capital and work basic. The chronological clipping has for idea to locate the beginning of the process of consolidation of the industries in the city, still in 1911, visualizing, at this moment, disputes between groups of the ruling class that would culminate in the “Night of Break”, also involving other actors, as the popular classrooms.

From now on, the laboring classroom in formation would raise some flags of collective protests, resulting in some strikes during the decade of 1910 and 1920. Although some have not gotten the set of its claims, they had contributed for a deep matureness of the classroom, that would be clear in the great strike of 1933, involving some social forces and some actors.

Therefore, I develop the hypothesis of that the friburguense diligent classroom passed for a process to become enters 1911 and 1933, and that the harmonious vision that if tried to associate with the city - as the myth of “Brazilian Switzerland - did not show in practices, have seen the some moments of confrontation between workers and capitalists.

However, a part meant of this conscience of classroom that if it forges, would be directly on to the forms of sociability of these workers and, in special way, to the soccer. In a city that made it difficult the contact between laborers, in function of the space distribution of the plants, the Breton sport appeared as a possibility of creation of identidad bows, as the foundation of the Hope Foot-Ball Club would show. However, before exactly of the creation of such club, the controllers of the plants - in its majority, Germans or descendants - would also establish a teams of called soccer Friburgo Foot-Ball Club.

From the constitution of these two clubs, are notary how much the soccer field if coated in an enclosure for bullfighting of fight of classrooms, a time that many of the confrontations had not finished of friendly form. E, Such situation if would aggravate still more, when the creation of one third club, appeared of inside of Friburgo F.C., that the Club would be the Inhabitant of the state of Rio de Janeiro., that complexifying still more the football disputes in the city.

Thus, through the soccer and of the some organizations of classroom - between which, Communist Party and the Unions - was possible to the workers if they had identified and to act while classroom, as the 1933 strike would prove.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO I – URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E POLÍTICA</b>	11
Aspectos Gerais de Nova Friburgo na Virada do Século XIX para o Século XX	11
Conservadores <i>Versus</i> Liberais	16
O Grupo Conservador: Coronel Galiano das Neves e sua Influência	18
Galdino do Valle e o Projeto Liberal	19
Política e Industrialização	21
O Mito da Suíça Brasileira	31
A Revolução de 1930 e as Mudanças Políticas em Nova Friburgo	33
<b>CAPÍTULO II – REAÇÕES DOS TRABALHADORES FRIBURGUENSES AO CAPITAL: AS GREVES DO PERÍODO</b>	36
A Greve de 1917 na Fábrica Ypú	42
A Greve de 1918 na Arp e na Ypú	49
A Greve dos Ferroviários	51
Novamente uma Greve na Ypú na e Arp	54
A Greve na Fábrica Filó	64
A Greve de 1933	69
<b>CAPÍTULO III – FUTEBOL E LUTA DE CLASSES</b>	76
Surge o Esperança Foot-Ball Club	85
O Esperança e seus primeiros confrontos	89
As Comemorações do Centenário de Nova Friburgo e a Ausência do Esperança Foot-Ball Club	96

O Início dos anos 1920 e a Popularização do Futebol	99
Disputas Intraclasse: A Fundação do Fluminense A. C.	102
Friburgo e Esperança Voltam a se Confrontar	105
A Luta de Classes se Acirra	108
A Fundação de uma Liga de Futebol e o Primeiro Torneio Oficial da Cidade	114
A Inauguração do Campo do Esperança e um Novo Campeonato Municipal	118
O Campeonato de 1931 e a Vitória do Esperança: Acirramento Profundo da Luta de Classes a Partir desta Conquista	123
<b>CONCLUSÃO</b>	132
<b>FONTES</b>	136
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	137

“A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição”.(E. P. THOMPSON)<sup>1</sup>

“Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais”. (E. P. THOMPSON)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, vol. I p. 12.

<sup>2</sup> Idem, Ibidem, p. 13.

## INTRODUÇÃO

Com a implantação das fábricas em Nova Friburgo a partir de 1911, a cidade ganha novos contornos, sejam eles demográficos, espaciais, econômicos ou sociais. É evidente que tal projeto não foi consolidado de forma pacífica, pois ocorreram conflitos no seio da própria classe dominante e entre os trabalhadores. Apesar disso, a imagem que se buscou associar a Nova Friburgo diz respeito a uma cidade ordeira, harmoniosa e, sobretudo, sem luta de classes. Para tanto, a criação do Mito da Suíça Brasileira será de suma importância, procurando enfatizar uma formação social diferente das demais cidades brasileiras.

Apesar disso, foi possível aos trabalhadores friburguenses desenvolverem táticas e estratégias de resistência, forjando uma cultura operária própria. Isso fica bastante claro com a criação do Esperança Futebol Clube, que angariava trabalhadores de diferentes fábricas e profissões. E a identidade criada por esses jogadores/trabalhadores era tão intensa que, ao jogar com o Friburgo Futebol Clube, constituído por dirigentes das fábricas ou filhos destes, os ânimos se acirravam, sendo muito comum os jornais noticiarem invasões de campo por parte da torcida, muitas vezes, mas nem sempre, terminando em pancadaria. Isso demonstra que os clubes estavam para além dos jogadores, e a participação da torcida era fundamental.

É lógico que o futebol, para além da luta de classes, servia como forma de sociabilidade, principalmente para os trabalhadores, sendo responsável por inúmeras conversas de botequim, apostas, e até mesmo brigas entre eles, uma vez que tal atividade esportiva envolvia e agitava as suas vidas.

Todavia, apesar do futebol se constituir como atividade operária na cidade, é importante também frisar outros conflitos ocorridos no período. Foi possível localizar a ocorrência de alguns movimentos grevistas, sejam eles mais localizados sejam eles mais localizados, ou com um teor de greve geral, como a verificada em 1933, quando diversos atores e diversas forças sociais estarão presente.

Sendo assim, esse trabalho estudará o processo de formação da classe trabalhadora em Nova Friburgo entre os anos de 1911 e 1933 em duas dimensões - as greves e o futebol - em que se manifestavam tanto a identidade de classe em formação, quanto (e como parte

desta identidade) a oposição de interesses, modo de vida e a luta contra a classe dominante local.

Dessa forma, faz-se necessário explicitar com que conceito de classe social trabalharei. Para tanto, servir-me-ei do arcabouço teórico de E. P. Thompson, por oferecer elementos importantes para a compreensão das formações de classe. É evidente que tal perspectiva engendrada por uma preocupação de explicar os fenômenos sociais através das classes é hoje em dia bastante criticada e renegada por diversos historiadores e cientistas sociais. Contudo, na contra-mão dessa visão, este trabalho tem uma preocupação central com o fenômeno classista. E para os que acham que tal instrumental é arcaico, Aijah Ahmad, em entrevista concedida a Ellen Wood, ao ser perguntado sobre a centralidade e a utilização da categoria de classe social, assim responde, buscando elementos em seu país que justifiquem tal utilização:

“(...) Diz-se que a Índia tem uma população entre 900 milhões e 1 bilhão de pessoas. Cerca da metade delas é analfabeta; mas nenhum burguês é analfabeto em qualquer parte do mundo e aqueles que constantemente falam do ‘prazer do texto’ nunca são pobres. Cerca da metade das pessoas cegas no mundo vive na Índia; mas a cegueira é também uma questão de classe, no sentido de que a cegueira é esmagadoramente uma doença dos pobres e no sentido de que essa incidência tão alta de cegueira tem a ver com as condições de vida que produzem cegueira, com a quantidade e a qualidade de hospitais, com a capacidade de pagar pela cura e pelos cuidados. O que precisa se justificar é essa outra espécie da cegueira, que se recusa a ver que a maioria das coisas é uma questão de classe. Essa recusa é ela própria muito intimamente uma questão de classe”.<sup>3</sup>

Como ficou exposto acima, a categoria de classe social é central para o entendimento de questões contemporâneas. Evidentemente que não se trata de ignorar outras identidades. O perigo surge, contudo, quando todas as “identidades”, quaisquer que sejam suas formas, são tratadas como equivalentes, de modo tal que preferências pessoais em estilo de vida, como os “estilos musicais” recebem o mesmo peso e importância que atributos físicos, tais como “deficiência física” ou alguns produtos sociais como raça e

---

<sup>3</sup> AHMAD, Aijaz - Linhagens do Presente, São Paulo, Boitempo, 2002, p. 239.

classe, enquanto, ao mesmo tempo, cada identidade é concebida à parte de relações sociais específicas.<sup>4</sup>

Porém, para além dessas questões contemporâneas, a dimensão classista assume fundamental importância na história. É bem verdade que foi e ainda é um tema controvertido, muitas vezes discutido, mas pouco elaborado, tanto pelo próprio Marx quanto por seus seguidores. Marx, na realidade, não chegou a desenvolver a fundo tal questão, pois o último manuscrito “classes” – Capítulo LII da Parte Segunda do Livro Terceiro da sua obra – reconstituída neste trecho por Engels – encerra-se antes que o autor desenvolva a resposta à pergunta por ele formulada: “o que constitui uma classe?”<sup>5</sup>

A maior exceção talvez seja E. P. Thompson, embora, segundo Ellen Wood, “apesar de ter exemplificado essa concepção na sua obra teórica, ele nunca enunciou uma teoria sistemática de classe nesses termos.”<sup>6</sup>

Em seu famoso *Prefácio da Formação*, Thompson assim entende a classe:

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe”.<sup>7</sup>

Por tal definição, é possível constatar a importância atribuída à experiência, enquanto mediadora entre as relações de produção e a cultura. Em *A Miséria da Teoria*, Thompson, numa polémica acirrada contra Althusser, afirmará que tanto esse como seus

---

<sup>4</sup> MALIK, Kenan – “*O Espelho da Raça: O Pós-Modernismo e a Louvação da Diferença*” In: WOOD, Ellen & FOSTER, John – *Em Defesa da História – Marxismo e Pós-Modernismo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, p. 127.

<sup>5</sup> MARX, Karl – *O Capital*, São Paulo, Abril Cultural, 1985, vol. III, Tomo 2, p. 317.

<sup>6</sup> WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico*, São Paulo, Boitempo, 2003, p. 74.

<sup>7</sup> THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, vol. I p. 10.

seguidores ausentam esse conceito, em nome de um certo “empirismo”.<sup>8</sup> Através desse conceito, ele acreditava ser capaz de demonstrar como:

“Homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada”.<sup>9</sup>

É possível então perceber em sua obra duas dimensões da categoria da experiência, quais sejam: uma experiência vivida (relações de produção) e a compreensão dessa experiência vivida (consciência de classe). Isso nos remete à discussão feita por Marx em o *18 de Brumário de Louis Bonaparte*, ao afirmar que:

“Na medida em que milhões de famílias vivem em condições econômicas de existência que as separam pelo seu modo de viver, pelos seus interesses e pela sua cultura das outras classes e as opõem a estas de modo hostil, aquelas formam uma classe. Na medida em que subsiste entre os camponeses detentores de parcelas uma conexão apenas local e a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhuma comunidade, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, não formam uma classe”.<sup>10</sup>

Isto significa que, embora os camponeses vivenciem situações econômicas parecidas, eles ainda não adquiriram a consciência política de que seus interesses são contrários aos interesses de outros grupos. Isto é atestado pelo fato de que, mesmo após 1848, o campesinato francês ainda continua votando em grupos conservadores, demonstrando que, se economicamente os camponeses franceses podem ser considerados

---

<sup>8</sup> Idem, – *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Uma Crítica ao Pensamento de Althusser*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 182.

<sup>9</sup> Idem, *Ibidem*, p. 182.

<sup>10</sup> MARX, Karl – *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte. Obras Escolhidas*, vol. 1. Moscou, Progresso; Lisboa, Avante, 1982, p. 503.

como classe, politicamente eles não podem ser considerados como tal, pois não atuam no sentido da mudança.

A partir dessas questões, é possível perceber duas dimensões da classe: a forma como o capital divide os trabalhadores (classe em si), e a luta política, que vai além dos interesses econômicos imediatos (classe para si). Sendo assim, Thompson fala de uma classe madura, dotada de consciência, embora negue a utilização do termo “falsa consciência”, pois a utilização de tal noção desemboca numa visão de que a classe existe, porém, mistificada, não conhece a si mesma nem seus próprios e verdadeiros interesses, o que na realidade é um absurdo, pois segundo ele, “uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesma.”<sup>11</sup>

Para Thompson, a classe é sobretudo histórica, no sentido de que deriva de processos sociais através do tempo<sup>12</sup>, unificando uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência.<sup>13</sup>

Contudo, ao tratar a classe como fenômeno histórico, é possível perceber historiadores dispendo do conceito com dois significados diferentes: a) com referência ao conteúdo histórico correspondente, empiricamente observável, e b) como uma categoria heurística ou analítica, recurso para organizar uma evidência histórica cuja correspondência direta é muito mais escassa. No seu modo de pensar, tal conceito pode ser adotado com propriedade em ambos os sentidos, embora às vezes haja confusões quando se desloca de uma acepção para outra.<sup>14</sup>

No primeiro caso, classe na sua acepção moderna, guarda relação com a sociedade capitalista industrial do século XIX. No segundo caso, a especificidade histórica, anacrônica, deve ser levada em conta quando lançamos mão do conceito na análise de sociedades anteriores à Revolução Industrial. Entretanto, o fato de se manter o uso da categoria heurística de classe não deriva da perfeição do conceito, mas da carência de categorias adequadas à análise do processo histórico evidente e universal. Segundo Hobsbawm, partilhando dessa posição de Thompson:

---

<sup>11</sup> THOMPSON, E. P. “Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência”. In As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos, Campinas/São Paulo, Ed. Unicamp, 2001, p. 279.

<sup>12</sup> Idem, Ibidem, p. 270.

<sup>13</sup> Idem, A Formação ..., op.cit, p. 9.

<sup>14</sup> Idem, “Algumas Observações...”, op.cit, p. 272.

“No capitalismo a classe é uma realidade histórica imediata e em certo sentido *vivenciada* diretamente, enquanto nas épocas pré-capitalistas ela pode ser meramente um conceito analítico que dá sentido a um complexo de fatos que de outro modo seriam inexplicáveis.”<sup>15</sup>

Isso conduz à fórmula “luta de classes sem classe”, que Thompson propõe para descrever a sociedade inglesa do século XVIII, pretendendo transmitir os efeitos de relações sociais estruturadas em classes sobre os agentes sem consciência de classe e como precondição de suas formações conscientes. A luta de classes, portanto, precede a classe, tanto no sentido de que formações de classe pressupõem uma experiência de conflito e de luta que surge das relações de produção, quanto no sentido de que há conflitos e lutas estruturadas nas formas de classe mesmo nas sociedades em que suas formações ainda não são conscientes. Como o próprio Thompson nos mostra, ao afirmar a prioridade do conceito de luta de classes, por ser mais universal:

“Na verdade, na medida em que é mais universal, luta de classes me parece ser o conceito prioritário. Talvez diga isso porque a luta de classes é evidentemente um conceito histórico, pois implica um processo, e, portanto, seja o filósofo, o sociólogo ou o criador de teorias, todos tem dificuldades em utilizá-lo. Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatendo-se em cima desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesma como classe, vindo, pois, a fazer a sua descoberta da sua consciência de classe”.<sup>16</sup>

Ao tratar a classe como fenômeno histórico e processual, ou seja, não como simples construção histórica sem referência a um processo ou a uma força social real, foi possível a Thompson recusar a metáfora base/superestrutura, justamente por obscurecer o papel das classes na história:

---

<sup>15</sup> HOBBSAWM, Eric - Mundos do Trabalho – Novos Estudos Sobre História Operária, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, p 37.

<sup>16</sup> THOMPSON, E. P. “Algumas Observações...”, *op.cit.*, p. 274.

“Uma divisão arbitrária como essa, de uma base econômica e uma superestrutura cultural, pode ser feita na cabeça e bem pode assentar-se no papel durante alguns momentos. Mas não passa de uma idéia na cabeça. Quando procedemos ao exame de uma sociedade real, seja qual for, rapidamente descobrimos (ou pelo menos deveríamos descobrir) a inutilidade de se esboçar respeito a uma divisão assim”<sup>17</sup>

Aliás, não foi somente Thompson a se recusar utilizar tal metáfora. Antes mesmo dele, Raymond Williams já havia feito severas críticas a respeito, quando por exemplo afirma que “é uma ironia lembrar que a força da crítica original de Marx se voltava principalmente contra a separação das áreas de pensamento e atividade (como na separação entre a consciência e a produção material) e contra o esvaziamento correlato do conteúdo específico – atividades humanas reais – pela imposição de categorias abstratas. A abstração comum da infra-estrutura e da superestrutura é portanto uma continuação radical do pensamento que ele atacou”.<sup>18</sup> E a consequência habitual dessa fórmula é a descrição da arte e do pensamento como “reflexo”.<sup>19</sup>

Assim como Williams, Thompson sugere que tal metáfora não leva em conta as diferentes formas em que diferentes classes se relacionam com o modo de produção, ou as formas diferentes em que suas respectivas instituições, ideologias e culturas “expressam” o modo de produção.<sup>20</sup> Apesar do modelo base/superestrutura ter algum valor para descrever as relações da classe dominante, ele não se presta bem a descrever a cultura dos dominados. E, mais uma vez, retomando Ellen Wood:

“O significado de tudo isso só se torna evidente na prática histórica de Thompson, e o valor de suas discordâncias com a linguagem de base e superestrutura pode ser testado pelo simples exame do que ele percebe através de seu prisma conceitual e que não é tão claramente percebido por outros através de seus prismas. Dois aspectos de sua obra histórica se destacam especialmente: um profundo senso de processo, expresso numa capacidade inigualável de identificar as

---

<sup>17</sup> THOMPSON, E. P. “Folclore, Antropologia e História Social”. In As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos. Campinas, Editora da Unicamp, 2001 pp. 254/255.

<sup>18</sup> WILLIAMS, Raymond – Marxismo e Literatura, Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 82.

<sup>19</sup> Idem, Ibidem, p. 98.

<sup>20</sup> WOOD, Ellen – op.cit., p. 64.

emaranhadas interações entre continuidade e mudanças; e sua habilidade de revelar a lógica das relações de produção não como abstração, mas como um princípio histórico operacional visível nas transações diárias da vida social, nas instituições e nas práticas concretas que existem fora da esfera da própria produção. Essas duas competências estão em operação na “decodificação” que ele faz da evidência que indica a presença de forças de classe e modos de consciência estruturados por classe nas instituições históricas em que não se percebe clara e explicitamente a consciência de classe como prova sem ambigüidade da presença de classe.”<sup>21</sup>

Voltando ao tratamento que é dado por Thompson à classe como relação e como processo, percebemos sua insistência em reconhecê-la como uma relação que se estende além do processo imediato de produção e do nexos imediato de extração da mais-valia. As ligações e oposições contidas no processo de produção são a base da classe; mas a relação entre pessoas que ocupam posições semelhantes nas relações de produção não é dada diretamente pelo processo de produção e apropriação.

Evidentemente, como ficou claro, Thompson não corrobora com a idéia da formação da classe ser independente de determinações objetivas, nem sustenta que a classe possa ser definida como simples fenômeno cultural, ou coisa semelhante. É nesse sentido que Facina nos aponta:

“Diferentemente de uma perspectiva idealista de inspiração romântica, é preciso notar que a cultura não é uma totalidade harmônica, mas sim palco de disputas, conflitos e lutas de classe que caracterizam a sociedade como um todo.”<sup>22</sup>

Ou, nas palavras do próprio Thompson, reforçando a presença do conflito e não do consenso:

“Cultura, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.”<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Idem, *Ibidem*, p. 65.

<sup>22</sup> FACINA, Adriana – *Literatura e Sociedade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004, p. 25.

<sup>23</sup> THOMPSON, E. P. – *Costumes em Comum*, São Paulo, Cia das Letras, 1998, p. 17.

Portanto, Thompson realmente tem uma preocupação em concentrar sua atenção aos processos históricos complexos e, em geral, contraditórios pelos quais, em determinadas condições históricas, situações de classe geram formações de classe.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro trata de um quadro evolutivo das questões políticas de Nova Friburgo, buscando elementos ainda no século XIX, dando, contudo, ênfase maior no período que vai de 1911 até 1933. Ainda neste capítulo, associarei as disputas políticas dos grupos dominantes da cidade com seus projetos de desenvolvimento, procurando deixar claro as opções feitas com relação à indústria e à modernização.

No capítulo segundo, por sua vez, discutirei a reação dos trabalhadores a partir do mecanismo das greves. Após iniciado o processo de implantação das fábricas têxteis em Nova Friburgo, os trabalhadores trataram de criar estratégias de resistência, culminando algumas vezes em greves localizadas, por fábricas, ou em movimentos mais gerais, como o ocorrido em 1933. Tais greves jogam por escanteio a idéia da Suíça Brasileira, cidade com formação social diferente de todas as outras no Brasil, não havendo desarmonia e, principalmente, luta de classes.

É importante também frisar a atuação do Partido Comunista, fundado em 1929, além dos sindicatos criados no Pós-30, contribuindo para a maior greve até então verificada na cidade, ocorrida em 1933, contando com a participação de diversas forças sociais, canalizando as atenções da cidade e preocupando, inclusive, as autoridades estaduais.

Ainda neste capítulo pretendo discutir a atuação da Sociedade União Beneficente Humanitária (SUBH), fundada ainda em fins do século XIX, possuindo um cunho assistencialista. Contudo, dar-se-á uma atenção especial à sua participação na greve de 1920, que pode apontar uma mudança de atitude.

Por fim, no capítulo terceiro, abordarei a formação de uma cultura operária a partir do futebol, partindo de duas vertentes, não necessariamente excludentes entre si, quais sejam: 1) como arena da luta de classes e, 2) como forma de sociabilidade.

Enquanto arena da luta de classes, é possível falar da criação do Esperança Futebol Clube, time constituído por trabalhadores de diferentes fábricas e profissões da cidade. Fundado em 05/12/1915, tornar-se-á um dos clubes mais importantes da cidade. Além

disso, a inauguração de seu campo é carregada de um enorme simbolismo e espírito de luta. Isto porque tal fato se deu exatamente no dia 1º de maio de 1927, dia do trabalhador.

Rivalizando com o Esperança, temos a presença do Friburgo Futebol Clube, fundado em 26/05/1914 e constituído por dirigentes das fábricas ou por filhos destes. E sempre que tal disputa ocorria, o desfecho era praticamente o mesmo: invasões de campo pela torcida, confusão e pancadaria. A questão se complexifica, contudo, quando em 1921, a partir de uma crise interna do Friburgo, surge o Fluminense A. Club, que passa a rivalizar, por questões de composição, com o Esperança, mas que também se envolve em vários conflitos com os alvi-rubros.

Contudo, para além dessas questões, o futebol também servia como forma e espaço de sociabilidade, agitando conversas em bares, apostas, dentre outras coisas. E o traço operário é fundamental nessa cultura futebolística, de modo que tal atividade esportiva atraía a atenção dos trabalhadores, sendo jogadores ou torcedores, constituindo-se numa das práticas de lazer mais populares da cidade e do meio operário.

## CAPÍTULO I – URBANIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E POLÍTICA

Para que possamos compreender as transformações vivenciadas pelos trabalhadores a partir de 1911, ou seja, a partir da implantação de um regime fabril em Nova Friburgo, faz-se necessário recuar no tempo e ver de que forma se configurava a sociedade friburguense no século XIX e início do século XX. Não se trata de examinar os pormenores ou, ainda, analisar com grande fôlego tal processo, visto que o exame crítico de tal período já foi efetuado com maestria e brilhantismo por historiadores<sup>24</sup> e outros estudiosos da cidade, de modo que apenas utilizarei suas referências para uma breve e tosca análise que tentarei esboçar a partir de agora.

### Aspectos Gerais de Nova Friburgo na Virada do Século XIX para o XX

Consta da origem de Nova Friburgo a tentativa de colonização suíça, que começa a se consolidar com as negociações de N. Gachet, representante do governo suíço e a monarquia portuguesa, redundando num documento assinado em maio de 1818, que estabelecia as bases da projetada operação. Tal documento tornava explícito que a colônia teria um fundamento agrícola baseado na pequena propriedade e que o Estado teria ativa participação na construção da colônia.<sup>25</sup> Contudo, tendo em vista inúmeras dificuldades e vários problemas de ordem política, religiosa, étnica ou mesmo em relação à infertilidade de alguns lotes de terras, o que compromete substancialmente os objetivos iniciais do acordo, tal projeto colonizador não é bem-sucedido.<sup>26</sup>

A partir de 1850, contudo, Nova Friburgo experimenta determinadas mudanças, não em conseqüência direta com a produção cafeeira, devido ao clima frio do município, não

---

<sup>24</sup> ARAÚJO, João Raimundo & MAYER, Jorge Miguel (coord)– Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2033

<sup>25</sup> MAYER, Jorge Miguel “A Criação de Nova Friburgo” in: Ibidem, pp. 25/26

<sup>26</sup> LAFORET, Maria Regina Carpedeville “A Colônia de Nova Friburgo” in: Ibidem.

propício à produção de tal gênero agrícola, mas por ser o último ponto alto da serra entre Cantagalo, grande produtor de café e a capital do Império, o Rio de Janeiro.<sup>27</sup> Assim:

“A Vila de Nova Friburgo constituía-se (...) como um centro de circulação crescente de tropeiros, encarregados da distribuição de produtos provenientes do Município de Cantagalo, bem como de S. José do Ribeirão e Conceição do Paquequer, em direção ao Rio de Janeiro – o café em primeiro plano e ainda produtos alimentícios para os mercados urbanos da baixada.”<sup>28</sup>

Tal posição de centro comercial e dispersor da produção de café e de alimentos para o Rio de Janeiro cresce a partir da criação e funcionamento da linha férrea, após a década de 70. A partir de 1858, por iniciativa de Visconde de Mauá, verificamos o início da construção da Estrada de Ferro do Rio de Janeiro Northern Railway Company (mais tarde Leopoldina) ligando São Francisco Xavier até a Penha. Em seguida criou-se um tronco desta ferrovia ligando S. Gonçalo até Vila Nova, passando pelo Porto das Caixas. Em 1872, o Conde de Nova Friburgo, Bernardo Clemente Pinto, conseguia autorização para extensão deste tronco, de Vila Nova (margens do Rio Macacu) até o alto da serra, atingindo Nova Friburgo<sup>29</sup>. O funcionamento da estrada de ferro facilitou a intensificação dos contatos com a capital do império. Além disso, a construção da Estrada de Ferro possibilitou, segundo João Raimundo de Araújo:

“Uma maior circulação da população pela Vila, significando não só pessoas à procura da região cafeeira, como também, à procura do clima ameno, longe do calor e da ameaça da febre amarela em grau crescente, que assolava a população da cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, crescia o número de hotéis, pensões, moradias de veraneio possibilitando assim um aumento das construções civis.”<sup>30</sup>

Sendo assim, é possível constatar certas alterações em relação ao quadro anteriormente visto, possibilitados, sobremaneira, pela construção do ramal ferroviário e

---

<sup>27</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo: O Processo de Urbanização da Suíça Brasileira, Niterói, 1992, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense p. 45

<sup>28</sup> Idem, Ibidem, p. 45

<sup>29</sup> CORREA, Heloisa B. Serzedelo – Nova Friburgo: O Nascimento da Indústria (1890–1930), - dissertação apresentada no curso de mestrado em História da UFF, 1985, memo, p.21.

<sup>30</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit., pp. 48/49.

pela posição central entre Cantagalo e o Rio de Janeiro. Apesar disso, não podemos elevar Nova Friburgo à categoria de centro urbano, pois certos elementos rurais ainda eram muito presentes no dia-a-dia da cidade.

Feita essa observação, podemos relatar a elevação da vila à condição de cidade em fins do século XIX, acompanhando uma onda de emancipações políticas típicas daquele período, em função da proclamação da República, em 1889. Tal fato se deve, entre outros, ao decreto assinado pelo presidente da Província do Rio de Janeiro, Francisco Portela, criando o município de Nova Friburgo, que se desligaria de Cantagalo. A configuração definitiva do município irá acontecer, todavia, em 1911, com a incorporação do distrito de Amparo.<sup>31</sup>

Como já foi posto anteriormente, tanto a emancipação política de Nova Friburgo, quanto sua posição central entre Cantagalo e Rio de Janeiro, não foram suficientes para que o aspecto rural da cidade fosse transformado, na medida em que era comum, segundo jornais da época, o trânsito de animais, como porcos, cavalos, galinhas, dentre outros, pelas praças e ruas.<sup>32</sup>

No plano da produção, encontramos ainda pequenas fábricas e oficinas e lojas comerciais<sup>33</sup>:

Estabelecimentos	Quantidades
Casas Comissárias	3
Empreiteiras Construtoras	11
Fábricas	7
Olarias	2
Oficinas	32
Lojas Comerciais	81

Pelo que está posto acima, é possível perceber um número relativamente alto de casas comerciais, fornecedoras de secos e molhados, ferragens, louças, fumo, etc. Além destes estabelecimentos, existem indícios de um comércio ambulante bastante ativo, a tal

<sup>31</sup> Idem “Nova Friburgo de Vila a Cidade” In: Teia Serrana.... op. cit., p. 167

<sup>32</sup> Idem, Ibidem, pp. 170/171

<sup>33</sup> Idem, p. 171

ponto de o Código de Posturas Municipal, aprovado em 1893, permitir o comércio ambulante somente mediante autorização da câmara municipal.<sup>34</sup>

Quanto aos estabelecimentos fabris, a mesma fonte nos informa sobre suas atividades<sup>35</sup>:

---

A. de Beuclair & Cia	Cervejaria
Américo Samuel & Cia	destilação de bebidas
Bastos & Cia	Cervejaria
Antonio Henriques	Tamancaria
Carlos Dumans & Cia	torrefação de café
Luis José de Souza	torrefação de café
Carlos Dumans & Cia	refinaria de açúcar

---

Pelo quadro acima, é perceptível que o aspecto industrial não era dominante em Nova Friburgo antes de 1911, constatado pelo pequeno número de fábricas, assim como pela baixa tecnologia e pouca especialização da mão-de-obra empregada.

Em relação ao aspecto populacional da cidade, principalmente entre 1890 e 1910, utilizar-se-ão os dados fornecidos pelos dois censos demográficos efetuados nos anos de 1890 e 1910.<sup>36</sup> Tal procedimento, contudo, deve ser cercado de alguns limites, devendo ser analisado criticamente.<sup>37</sup>

João Raimundo de Araújo, comparando o censo de 1890 com o anterior do período imperial, realizado em 1872, nota algumas modificações importantes. A população, segundo ele, parece ter diminuído, em função do desligamento da Freguesia de Nossa Senhora do Paquequer, atual município de Sumidouro, do município de Nova Friburgo, antes de 1890.<sup>38</sup>

Apesar do dado exposto acima, é possível falar numa expansão populacional em Nova Friburgo, em função da diversidade de atividades econômicas verificadas no espaço interno da cidade – comércio ambulante, lojas comerciais, botequins, padarias, etc -. Assim, “devido a fatores econômicos-sociais, a população saltou de nove mil habitantes em 1890, para dezesseis mil em 1910”.<sup>39</sup>

---

<sup>34</sup> Idem, p. 171

<sup>35</sup> Idem – Nova Friburgo.... op. cit., – p. 71

<sup>36</sup> Idem “Nova Friburgo de Vila a Cidade” In: Teia Serrana.... op. cit. p.174

<sup>37</sup> Idem, Ibidem, p. 174

<sup>38</sup> Idem – Nova Friburgo.... op. cit.,p. 75

<sup>39</sup> Idem “Nova Friburgo de Vila a Cidade” In: Teia Serrana.... op. cit. p. 175

A análise do censo de 1900 também pode confirmar o aumento populacional constante de Nova Friburgo:

“Esta já era, então, a terceira cidade do centro norte-fluminense em termos populacionais. Friburgo torna-se um centro receptor das populações que migravam das áreas cafeeiras decadentes, inclusive da Região do Paraíba Oriental”.<sup>40</sup>

Dessa forma, a partir de um crescimento populacional em Nova Friburgo, sobressaltado pela presença de ex-escravos, a partir de 1888, percebe-se uma reação das classes dominantes da cidade. Era muito comum artigos em jornais denunciando a “vadiagem” dos negros, como é possível perceber na notícia que se segue abaixo:

“Os vadios andam a granel pelas ruas da cidade, animados com a indiferença das autoridades policiais que não lhes pedem contas do modo de vida.”<sup>41</sup>

Pela referência acima, podemos notar a preocupação das autoridades em controlar a circulação e compelir ao trabalho assalariado a população de ex-escravos. É interessante ressaltar toda uma política de enquadramento moral, visando formar trabalhadores comprometidos com o trabalho e a ordem. E qualquer trabalhador que não possuísse tais atributos, era visto com desconfiança. Dessa forma, locais como a rua ou o botequim são sinônimos de degradação do trabalhador:

“A imposição do assalariamento ao trabalhador é corroborada pela vigilância constante do aparato policial, que rotula de ‘vadio’ – e arremessa eventualmente no xilindró – todos aqueles indivíduos que se encontram nos botequins e nas ruas, e que não conseguem provar sua condição de trabalhadores”.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Idem, p. 175

<sup>41</sup> Jornal “O Sentinela”, nº 2, 23/01/1898, arquivos do Pró – Memória da PMNF, citado por ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo..., op. cit. p. 77

<sup>42</sup> CHALHOUB, Sidney – Trabalho, Lar e Botequim, SP, Brasiliense, p. 171.

## Conservadores Versus Liberais

O debate inaugurado em fins do século XIX e início do século XX no Brasil acerca de projetos político-econômicos, ou seja, entre manter uma dita “tradição agrária” ou se modernizar, vendo a modernização como sinônimo de industrialização, envolveu e ainda envolve disputas acirradas, fazendo parte da contemporaneidade. Apenas como forma de elucidar, podemos citar o célebre trabalho de Francisco de Oliveira, “Crítica à Razão Dualista”, onde ele procura afirmar que, na realidade, o novo e o moderno se nutrem do velho e do atrasado<sup>43</sup>. Contudo, os interesses deste trabalho estão voltados para um outro período da história brasileira, contemplando os primórdios da chamada República Velha.

É sabido que no Brasil, naquele momento, grupos políticos ou frações da classe dominante estavam em disputa pela hegemonia, tentavam impor seus projetos ou visões de mundo. De um lado, podemos notar grupos mais conservadores, ligados a uma estrutura agrária ainda presa ao modelo agroexportador, de matriz escravocrata, que, mesmo após o fim da escravidão, em 1888, ainda deixava bem nítida tal posição. De outro, todavia, percebe-se a emergência de um outro grupo ligado à industrialização e à urbanização, como meios necessários à modernização, retirando o Brasil daquele “atraso” ocasionado pelos longos anos de escravidão, vendo os escravos como emperradores do progresso.

Após a proclamação da República, em 1889, o caráter predominantemente rural da economia e sociedade brasileiras permanecia inalterado, apesar de determinadas inovações.<sup>44</sup> Apesar desta hegemonia, não ficou impossibilitado um espaço, mesmo que reduzido, para outro grupo político, representando interesses ditos “modernos”.

Dessa forma, é possível ver, seja em escala nacional, seja em escala regional, vários debates acerca de tal projeto modernizador. Maurício de Abreu, analisando as mudanças na urbanização do Rio de Janeiro no início do século XX, constata muito desse problema, ao afirmar que mesmo com a penetração maciça do capital estrangeiro, modernizando o setor

---

<sup>43</sup> Cf. OLIVEIRA, Francisco de – Crítica à Razão Dualista, São Paulo, Boitempo, 2003.

<sup>44</sup> MENDONÇA, Sônia Regina “Agricultura, Poder e Estado no Brasil: Um Projeto Contra-Hegemônico na Primeira República” In: MENDONÇA, Sônia Regina & MOTTA, Márcia (orgs.) – Nação e Poder: As Dimensões da História, Niterói: EdUFF, 1998, p . 96

de infra-estrutura, havia um conflito com toda uma estrutura urbana remanescente dos tempos coloniais.<sup>45</sup>

Tais questões trazem à baila a necessidade de se identificar o atraso do Brasil em função da adoção do trabalho escravo. E para suplantar tal herança, era necessário apagar a indesejável marca da cor negra. Sidney Chaloub, estudando as mudanças trazidas pelo governo Pereira Passos, no início do século XX no Rio de Janeiro, além das condições higiênico-sanitárias, diz que, ao priorizar o combate à febre amarela em detrimento da tuberculose, isto se deve ao fato de que esta parecia atacar indiferentemente brancos e negros, nacionais e estrangeiros e, desculpa suprema, era doença extremamente grave até mesmo em Paris, ao passo que a febre amarela significa o oposto: além de não acometer Paris e deflagrar o Rio anualmente, era um verdadeiro flagelo principalmente para os imigrantes.<sup>46</sup>

Percebe-se, portanto, a necessidade de se equiparar o Rio de Janeiro a uma Paris, apagando a imagem da escravidão e procurando associar tanto a Capital Federal, como o próprio Brasil a uma idéia de modernização e progresso. E para isto, como será possível perceber adiante, os ideais da modernização contribuirão e muito.

Este embate entre projeto modernizador e interesses tradicionais não significa, entretanto, uma oposição absoluta. Afinal, modernizar o Rio de Janeiro – reformando seu porto e suas avenidas, bem como combatendo as epidemias – era essencial para a atração de imigrantes, prioritariamente definidos como braços necessários à ampliação da agricultura de exportação. Com as devidas especificidades, encontramos confrontos e combinações semelhantes em Nova Friburgo.

---

<sup>45</sup> ABREU, Maurício de Almeida “Da Habitação ao Habitat: A Questão da Habitação Popular no Rio de Janeiro e Sua Evolução”, In: Revista Rio de Janeiro n.º 2, Rio de Janeiro, 1986, p. 51.

<sup>46</sup> CHALOUB, Sidney – Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial, São Paulo, Cia das Letras: 2004, pp. 56/57

## O Grupo Conservador: Coronel Galiano das Neves e Sua Influência

Nos primeiros momentos da implantação do regime republicano em Nova Friburgo, podemos considerar a manutenção de elementos que configuraram a existência de fortes traços de continuidade com o regime anterior. Embora tratasse dos primórdios de 1890 à elevação de Nova Friburgo à categoria de cidade autônoma, na composição social do poder local o que verificamos é o predomínio político de setores conservadores, quase sempre ligados aos grandes proprietários rurais da região.

A criação de um município, é bem verdade, significava alguns novos serviços, repartições, e um órgão legislativo (câmara de vereadores). Porém, neste primeiro momento, é perceptível a manutenção de representantes muito mais compromissados com estruturas sociais e políticas conservadoras e monarquistas, do que com elementos constitutivos de um ideal republicano. A lista abaixo de presidentes da Câmara de Vereadores, tendo em vista que neste primeiro momento há um acúmulo de funções, ou seja, o presidente do legislativo é também o chefe do executivo, é bastante elucidativa desse traço conservador:<sup>47</sup>

<b>NOMES</b>	<b>PERÍODOS</b>
Coronel Manoel José Teixeira da Costa	17 – 01 – 1890 a 09 – 10 – 1890
Coronel Galeano Emílio das Neves	09 – 10 – 1890 a 08 – 01 – 1892
Dr. Teodoro Gomes	08 – 01 – 1892 a 07 – 01 – 1893
Dr. Ernesto Brasília de Araújo	07 – 01 – 1893 a 02 – 06 – 1894
Dr. Teodoro Gomes	02 – 06 – 1894 a 26 – 03 – 1895
Carlos Engert	26 – 03 – 1895 a 10 – 01 – 1897
Dr. Ernesto Brasília de Araújo	10 – 01 – 1897 a 05 – 09 – 1908
Dr. Modesto Alves Pereira de Melo	05 – 09 – 1908 a 05 – 01 – 1909
Dr. Têlio de Moraes	05 – 01 – 1909 a 12 – 03 – 1909

<sup>47</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit., p. 55/56

Dr. Modesto Alves Pereira de Melo

| 12 – 03 – 1909 a 12 – 01 – 1910

---

Coronel Galiano Emílio das Neves Júnior

| 12 – 01 – 1910 a 05 – 01 – 1913

---

Além da presença do Dr. Ernesto Brasília de Araújo por um longo período e outros médicos, o que configura um “poder médico” na cidade, é interessante notar a firmação dos coronéis Galiano das Neves – pai e filho – como dirigentes maiores do município em dois momentos importantes e diferenciados no período em questão (1890 – 1910). O primeiro assumiu o poder em 1890, um momento em que a República acabava de se instalar e por outro lado, já demonstrava seus primeiros desequilíbrios. O segundo, Galiano Júnior, instalou-se no poder municipal em 1910, quando algumas mudanças se fazem notar, com o advento da indústria em Nova Friburgo.

Ao longo, portanto, dos vinte primeiros anos da implantação da República e da transformação de Nova Friburgo em município autônomo, Dr. Ernesto Brasília e Galeano das Neves (pai e filho) estiveram dezoito anos na direção política do município. Tal fato nos permite confirmar a colocação de que, em Nova Friburgo, as afinidades com o passado aristocrático do II Reinado permaneciam muito fortes nos primórdios da República. A permanência no poder local de pessoas vinculadas ao setor agrário e seu posicionamento social entendido como de grandes “benfeitores” da população municipal, fica patente.<sup>48</sup>

#### Galdino do Valle e o Projeto Liberal

Com a emergência da República e, principalmente, após a virada do século XIX para o século XX, impondo uma nova ordem capitalista e burguesa, surge, em Nova Friburgo um grupo político capitaneado pelo médico Galdino do Valle Filho, um dos principais responsáveis pela construção da imagem da cidade como um local de “progresso” e da “civilização”, erigida em meio ao atraso dominante na maior parte do Estado e do país, em virtude da formação social baseada no latifúndio escravocrata e na monocultura para exportação.

---

<sup>48</sup> Idem, p. 57

Tendo na industrialização sua principal bandeira política, a afirmação e posterior consolidação deste projeto faz parte de uma estratégia para desbancar do comando político do município a facção de grandes proprietários ligados à economia do café então decadente.

Galdino do Valle Filho, nascido a 24 de setembro de 1879, filho de um proeminente homem político do município, Dr. Galdino Antonio do Valle, também médico, pertencente a uma família de fazendeiros em Sapucaia, começou sua ação política partindo de uma situação vantajosa quanto ao capital pessoal de notoriedade acumulado: por um lado, por ser filho de um renomado homem público e, de outro, por ser médico recém-formado, numa região carente, à época, de tais serviços. Sua atividade profissional rendeu um reconhecimento inicial por parte da população, o que facilitou a sua projeção na vida política, impulsionada por seu pai. Entretanto, como afirma Ricardo da Gama Rosa Costa:

“O que fez dele uma destacada liderança política, dando-lhe condições de forjar um novo e influente grupo político, capaz de disputar e conquistar a hegemonia do poder local, foi o seu projeto de cidade, embasado em uma visão de mundo que pregava, acima de tudo, o advento do progresso e da civilização que somente a indústria seria capaz de trazer para o município”<sup>49</sup>.

Era preciso, pois, desencadear a mobilização da sociedade friburguense no sentido da substituição do grupo político então dominante, formado por representantes dos fazendeiros do café. Para tal fim, o Jornal *A PAZ*, criado em 1906, foi fundamental, uma vez que trazia em suas páginas a idéia da grande transformação da cidade, rompendo em definitivo com o “atraso” até então vigente. E para tanto, somente a indústria seria capaz de alçar Friburgo a tal condição.

---

<sup>49</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República, 1997, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, p. 19.

## Política e Industrialização

Como seria de se esperar, o processo de industrialização em Nova Friburgo não aconteceu de forma pacífica ou sem confrontos, sejam eles entre grupos da própria classe dominante, ou desta para com os trabalhadores. Entretanto, determinadas condições favoreceram a implantação da grande indústria na cidade. Heloisa Correa, estudando o processo de implantação da indústria têxtil em Nova Friburgo, aponta certas condições determinantes para que essas indústrias viessem parar na região. Segundo ela:

“Nova Friburgo ofereceu vantagens fiscais para a instalação das indústrias, proximidade dos grandes centros consumidores aos quais estava ligada diretamente pela ferrovia, isenção de taxa de transporte das matérias – primas e energia elétrica em vias de ser instalada. Coincidência ou não já existia também, assim como Joinville uma colônia alemã dedicada basicamente à produção de alimentos, com sua igreja evangélica, sua escola etc.”<sup>50</sup>

Além das vantagens acima mencionadas, outros fatores são explicáveis a partir de certas especificações do Estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, a proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, foi elemento que favoreceu aqueles estabelecimentos.

As vantagens podem ser assim resumidas:

- a) O Rio de Janeiro seria o principal mercado consumidor dos produtos fabricados em Nova Friburgo – rendas, passamanarias, filó etc. – artigos supérfluos, de complementação das fábricas de tecidos cariocas, e que exigem um mercado consumidor mais amplo do que Nova Friburgo constituía aquela época;
- b) A princípio, Julius Arp, precursor da industrialização na cidade, tinha a intenção de implantar a fábrica de rendas em Santa Catarina e para isso encomendara máquinas e equipamentos da Alemanha. O Governo do

---

<sup>50</sup> CORREA, Heloisa B. Serzedelo – op. cit., pp. 103/104

Estado de Santa Catarina exigia determinados impostos, inexistentes no Estado do Rio. Desse modo, seria mais vantajoso abandonar o projeto catarinense e implantar a fábrica em Nova Friburgo;

- c) Em Nova Friburgo existia uma pequena colônia alemã, criada desde 1824, e constituída com certa solidez. Desde o século XIX, já existia na cidade, a Igreja Luterana, um cemitério alemão. Além disso, a cidade possuía alguma infra-estrutura urbana propiciadora de algum conforto.<sup>51</sup>

De antemão, cumpre assinalar a forte presença de capitais alemães na implantação da indústria na cidade. Todavia, não podemos fazer uma ponte direta entre a produção cafeeira nas proximidades de Nova Friburgo e sua emergente indústria, seguindo um paradigma paulista, como é feito por Heloísa Corrêa. Segundo João Raimundo:

“Não podemos concordar com essas afirmações por acharmos equivocado fazer uma ligação direta entre produção cafeeira e inversão de capitais na indústria. A teoria revelou-se inadequada pois a autora adaptou, ou melhor, estendeu análises feitas e cabíveis para o modelo de industrialização paulista, a micro-região fluminense que foge completamente ao esquema do “complexo cafeeiro””.<sup>52</sup>

Para compreender tal processo, é necessário, segundo o próprio João Raimundo, ver as origens dos capitais, estabelecendo um diálogo com a vida dos empresários de origem alemã, principalmente Julius Arp e Maximilian Falk. Porém, para os propósitos deste trabalho, limitar-nos-emos apenas em demarcar tais origens, remetendo a vida dos ditos empresários ao excelente trabalho do já citado historiador friburguense.<sup>53</sup> Sendo assim, é possível perceber a participação de capitais ligados aos setores comercial e financeiro na consecução da indústria friburguense.

Se por um lado já foi possível constatar a natureza dos capitais essenciais à indústria friburguense, por outro é necessário arrolar os elementos políticos envolvidos nessa discussão. Como já foi dito acima, os embates em torno das disputas pelo poder eram

---

<sup>51</sup> Idem, *Ibidem*, p. 79 – 120.

<sup>52</sup> ARAÚJO, João Raimundo – *Nova Friburgo...*, op. cit. p. 131

<sup>53</sup> Idem, *Ibidem*, p. 135

carregados de tensões, capitaneadas pela oposição liberais X conservadores. Como primeiro passo para o sucesso de uma estratégia política do grupo liberal, podemos listar a eleição de sua principal liderança, Galdino do Valle Filho, para uma cadeira na Câmara de Vereadores de Nova Friburgo, em 1909, para o triênio 1910/1912. Também neste período concorreu e foi eleito para a Assembléia Legislativa do Estado, já que, à época, não havia incompatibilidade entre os cargos de vereador e deputado.

O confronto político entre o grupo representado por Galiano das Neves Júnior que, em 1911, dirigia o poder municipal como representante da Câmara dos Vereadores, contra o grupo liderado por Galdino do Valle Filho, líder da oposição naquele momento, agitava os meios políticos naquela época, por ocasião da chegada dos empresários alemães à cidade.

Tal agitação está também ligada à disputa pelo controle da energia elétrica na cidade, que já vinha se arrastando desde 1906, quando a Câmara Municipal concedera ao Coronel Antônio Fernandes da Costa, ligado ao grupo político de Galiano das Neves, a concessão para exploração de tal serviço.

Entretanto, o Coronel não conseguirá cumprir os prazos estabelecidos. Em contrapartida, Julius Arp, que iniciara a construção de sua Fábrica de Rendas em 1911, manifesta sua intenção em adquirir tal serviço, haja vista a energia elétrica ser essencial para as suas pretensões. Esse fato irá se constituir em um dos momentos cruciais da implantação industrial na cidade. O controle da fonte fornecedora de energia assim como, para a iluminação de toda a cidade representava para o empresário alemão algo de fundamental importância no que tange ao domínio estratégico do capital industrial. Isto porque:

“O controle da fonte fornecedora de energia em Nova Friburgo, era para Julius Arp elemento essencial no aspecto do possível controle que tal fonte lhe daria, sobre outras empresas que posteriormente viessem a se instalar no mesmo espaço urbano.”<sup>54</sup>

Mas essa transferência da concessão não se deu sem que conflitos ocorressem, até porque tal transferência significava uma vitória do grupo liberal sobre a velha aristocracia

---

<sup>54</sup> Idem, *Ibidem*, p. 141

da cidade, que emperrava o desenvolvimento urbano de Friburgo. Houve também uma certa relutância de determinadas lideranças do legislativo em assinar um novo contrato de concessão, de tal forma que a querela só foi resolvida quando, influenciada pelo discurso oposicionista, parte da população da cidade tornou-se protagonista de um fato, em nossa concepção, fundamental para o desenrolar dos acontecimentos. No dia 17 de maio de 1911, ocorreu a “Noite do Quebra-Lampiões”, responsável pelo apressar da assinatura definitiva do contrato para implantação da empresa de eletricidade sob a direção de Julius Arp.

Diante da notícia que o empresário alemão abandonava a intenção de manter suas indústrias em Nova Friburgo, uma multidão de mais de quinhentas pessoas quebra os velhos lampiões de iluminação pública e, em seguida, apedreja e invade o prédio do Legislativo.<sup>55</sup>

A assinatura do contrato que transferia a Julius Arp o controle da empresa de eletricidade, em 20 de junho de 1911, representou um passo importante para a industrialização de Nova Friburgo, assim como novo passo na associação dos empresários com o grupo político que mais tarde assumiria a direção do poder municipal. Sobre o contrato, gostaríamos de discutir alguns de seus elementos, fundamentais para a compreensão daquela realidade.

Analisando as cláusulas do contrato, constatamos a evidência de benesses obtidas pelo empresário Arp, como a isenção de impostos ou quaisquer outras contribuições municipais. Além dessas vantagens evidentes, há que se destacar a parte do contrato garantidora de direitos excepcionais ao novo empresário da eletricidade, como:

“Os contratantes terão o direito:

- a) de desapropriação, a custa dos contratantes e segundo as leis do Estado, para os terrenos e imóveis que forem indispensáveis aos serviços de instalações elétricas e de suas dependências destinadas à iluminação pública;
- b) de fornecer eletricidade para força motriz ou outro qualquer fim, além do limite da iluminação pública a qualquer industrial ou particular que dela se queira utilizar...”<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Cf. Idem, Ibidem, pp. 142/143; Idem “A Indústria em Nova Friburgo” In: Teia Serrana.... op. cit, pp. 188/189; COSTA, Ricardo da Gama Rosa – op. cit, p. 28

<sup>56</sup> Citado por: Idem “A Indústria em Nova Friburgo” In: Teia Serrana.... op. cit, p. 190

Os poderes garantidos à empresa contratante são de enorme magnitude, conforme o exposto acima, podendo definir desapropriações de terrenos, imóveis, consideradas indispensáveis. Concluindo, é possível estabelecer aí as origens históricas do papel hegemônico desempenhado pelos empresários de origem alemã na terra friburguense, de modo mesmo a ter um controle sobre as futuras empresas que ali se instalariam, configurando um forte papel nas mãos da companhia de eletricidade:

“A empresa de eletricidade, já iniciando suas operações a partir de 1911, passou a exercer um papel de grande importância no processo de implantação de novas empresas e no direcionamento da ocupação do espaço municipal”.<sup>57</sup>

A partir de tal episódio – da Noite do Quebra-Lampiões –, os empecilhos à consecução da indústria têxtil na cidade são praticamente eliminados. De tal sorte que, ainda em 1911, dá-se o início da construção da Fábrica de Rendas Arp – MARKEIS SINJEN & CIA – e no ano seguinte, a construção da Fábrica Ypú – MAXIMILIAN FALK & CIA.

Complementando tal quadro, em 1925 é criada a terceira fábrica na cidade, também voltada para a produção têxtil e contando com a participação decisiva de capitais alemães: a Fábrica Filó S/A, que produzia filó liso, jacquard, rendas valencianas e derivados desses artigos, tecidos de estofamento e decoração. A instalação dessa empresa está relacionada à crise capitalista vivida pela Alemanha nos anos 1920, assim como às negociações de Julius Arp com o intuito de atrair novas empresas para Friburgo, principalmente investimentos de complementação, como veio a ser a Fábrica Filó e, evidentemente, de origem alemã.<sup>58</sup>

A partir de tal fato, podemos, visualizando a tabela de acionistas da Fábrica Filó S/A, perceber o poder de decisões que concentra Julius Arp que, para além da sua fábrica, era acionista de diversos empreendimentos na cidade. Mais uma vez, vemos o quanto foi estratégico o contrato de concessão de energia elétrica, permitindo-lhe selecionar as empresas e os investimentos que lhe fossem necessários e complementares. Vejamos então a lista de acionistas da Filó<sup>59</sup>:

---

<sup>57</sup> Idem, *Ibidem*, p. 190

<sup>58</sup> Idem, p. 192

<sup>59</sup> Citado por Idem – *Nova Friburgo.... op. cit* pp. 149/150

<b>ACIONISTAS</b>	<b>ACÇÕES</b>	<b>%</b>
Gustav C. Siems	1.629	54
Deustsch Sudamerikanisttle Bank	328	11
Arp e Cia.	275	9
J. Ruenning	200	6,5
L. Breitinger	100	3
L. Eissengarthen	100	3
M.Falck	50	1,5
H. Rerti	50	1,5
Bernardo Barbosa	50	1,5
Ed. Rurzveg	50	1,5
Ernst Otto Siems	30	1
Janies Magnus	20	0,6
Gustav Erlo	15	0,5
Werner Beck e Cia.	10	0,3
Rud Rnoth	10	0,3
Fr. Henninger	10	0,3
Alfred Hansen e Co.	10	0,3

Como podemos perceber, ao nos depararmos com o quadro acima, a Fábrica Filó constituía-se como uma sociedade anônima, composta, em sua maioria, por acionistas de origem germânica. A começar por Gustav Siems que, juntamente com seu filho Ernest Otto Siems, controlavam 55% das ações da empresa. A presença do Deustsch Sudamerikanische Bank acentua ainda mais a importância dos empresários alemães em Nova Friburgo, em termos de participação e controle dos capitais industriais. Não devemos deixar de comentar a participação, como acionista, de Julius Arp e Cia, o que demonstra a presença do empresário Arp em todas as atividades industriais de maior porte em Nova Friburgo. Sua

presença também ficava patenteada na Fábrica Filó S/A quando participa da primeira diretoria, ocupando o cargo de Vice – Presidente.<sup>60</sup>

Entretanto, não basta apenas detectar a existência de indústrias alemãs em Nova Friburgo, visto que é imprescindível estabelecer uma relação entre a distribuição espacial dessas indústrias e as conseqüências na organização social do município serrano, de tal sorte que é visível a estratégia das fábricas têxteis em se concentrar em áreas próximas a pequenas bacias fluviais. Ainda como forma de estratégia, porém, é nítida a intenção dos empresários ligados a Julius Arp em disciplinar a força de trabalho e, mais ainda: não permitir o contato entre trabalhadores de fábricas diferentes. Para tal fim, cada empresa será instalada em cada uma das extremidades da cidade.<sup>61</sup> Contudo, a análise de tal questão será melhor contemplada em outros momentos deste trabalho.

A consolidação dessas indústrias na cidade traz, a reboque, a importância política do grupo de Galdino. Chegando à frente do poder municipal em 1913, sendo eleito presidente da câmara de vereadores, cargo que acumulava também as funções do prefeito. Tendo na questão da higiene e da saúde pública elementos decisivos em seu governo, como no combate às doenças infecciosas, como o tifo, a tuberculose e o alastrim, enfrentando ainda o problema das águas, o que fica mais patente a partir então será sua defesa implacável em relação às indústrias e aos empresários alemães:

“O grupo de Galdino (...) iria representar, daí por diante, em primeiro lugar, os interesses dos empresários donos das indústrias, ao capitanear todo um projeto de construção da cidade nos moldes modernizantes da época, contribuindo sobremaneira para a afirmação de uma mentalidade liberal e dando ênfase ao progresso econômico trazido pelas indústrias.”<sup>62</sup>

O Jornal *A PAZ*, no período, seria o principal veículo a divulgar o pensamento do grupo, como fica claro neste artigo:

“Em breves dias, pois, a nossa cidade experimentará pela primeira vez, a sensação de estremecimento de seu solo pela força propulsora da indústria moderna. Afigura-se que o momento atual, é o início de uma nova era para nossa cidade.

---

<sup>60</sup> Idem, *Ibidem*, p. 150

<sup>61</sup> Idem, p. 152/155

<sup>62</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.*, p. 28

(...) A fábrica Arp será na nossa história futura o marco glorioso de nosso progresso e como tal receberá as nossas bênçãos.”<sup>63</sup>

Entretanto, para entendermos o período em questão, é necessário estabelecermos, mesmo que timidamente, uma ponte entre os acontecimentos locais e estaduais, vendo de que maneira Nova Friburgo está inserida neste contexto<sup>64</sup>. Até por volta de 1914, é perceptível uma aliança entre Galdino do Valle, por um lado, e Nilo Peçanha, no Rio de Janeiro, por outro. A partir de 1914, contudo, vai haver um rompimento do político friburguense com o grupo nilista, de tal sorte que Nova Friburgo passará a contar com as figuras de interventores municipais, num claro intuito de esvaziamento das funções que, até então eram acumuladas pelo presidente da câmara, que assumia também a função de chefe do executivo. Nesse sentido, em 1916, após eleições municipais em que saíra vitorioso para um novo mandato na Câmara, a chapa galdinista é impedida de tomar posse por uma decisão do Tribunal de Apelação estadual. Posteriormente, quando o Supremo Tribunal Federal proferiu ganho de causa à chapa eleita, a resposta do governo estadual veio com o Decreto assinado em 19 de agosto de 1916, criando a Prefeitura Municipal de Nova Friburgo.

No período de 1916 até 1923, Nova Friburgo viveu a fase em que a Prefeitura, isto é, o executivo municipal, fora assumido por interventores nomeados pelo Governo Estadual. Esse período, em que não se realizaram eleições para Prefeito em Nova Friburgo, coincidiu exatamente com o momento da conjuntura estadual em que Nilo Peçanha se tornara a figura de maior expressão política. Vejamos a lista de interventores nomeados para o poder municipal em Friburgo no período em questão:<sup>65</sup>

<b>NOMES</b>	<b>PERÍODO</b>
Dr. Sílvio Fontoura Rangel	08-01-1916 a 28-08-1916

<sup>63</sup> Jornal **A PAZ**, Nova Friburgo, edição de 26/01/1911.

<sup>64</sup> Para uma análise mais aprofundada da questão, Cf: FERREIRA, Marieta de Moraes – A República na Velha Província, RJ, Rio Fundo, 1989.

<sup>65</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit. pp. 122/123

Everard Barreto de Andrade	28-08-1916 a 29-05-1917
Aristides L. Sabóia de Alencar	29-05-1917 a 13-11-1917
Dr. Sílvio Fontoura Rangel	13-11-1917 a 25-05-1918
Ten. Cel. Francisco Caetano da Silva	25-05-1918 a 02-12-1918
Dr. Sílvio Fontoura Rangel	02-12-1918 a 03-01-1919
Dr. Gustavo Lira da Silva	03-01-1919 a 03-01-1922
Cândido Pardal	03-01-1922 a 21-04-1923

---

Na exposição do quadro acima, alguns elementos são dignos de registro, como o papel desempenhado, à frente do executivo municipal, pela figura do Dr. Sílvio Fontoura Rangel que, por 3 momentos diferenciados, ocupou as funções de prefeito/interventor em Nova Friburgo. Tratava-se de um deputado estadual, com base eleitoral em municípios da Baixada Fluminense e plenamente afinado com a linha política do governador Nilo Peçanha. Desse modo, o Dr. Sílvio Rangel em vários momentos era convocado e assumia funções diretivas em Nova Friburgo, atuando como elo de ligação entre o município e o governo do Estado, sempre que a situação política assim o exigisse.<sup>66</sup>

Apesar disso, Galdino do Valle e seu grupo procuraram, nesses anos de intervenção, articular uma intensa campanha oposicionista a Sílvio Rangel. Isso se torna evidente quando, em 1919, o grupo galdinista consegue eleger a totalidade dos vereadores friburguenses. Em contrapartida, o interventor entrou com recurso no Tribunal de Relação, obtendo a anulação do resultado e mantendo o domínio do poder local.<sup>67</sup>

Entretanto, a partir do movimento nilista conhecido como “Reação Republicana” e a eventual crise política vivida por Nilo Peçanha, com a conseqüente perda da sua influência política, inclusive sobre o Rio de Janeiro, o grupo ligado a Galdino consegue chegar ao poder, com a vitória nas eleições de 1922 para o Executivo municipal. Neste mesmo ano ele também seria eleito deputado federal.

Desta data até a Revolução de 1930, o grupo de Galdino do Valle Filho comandaria o poder político em Nova Friburgo, representando, em primeiro lugar, os interesses dos grandes empresários e comerciantes locais, que, desde 1917, estavam organizados na

---

<sup>66</sup> Idem, *Ibidem*, p. 123

<sup>67</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.*, p. 30

Associação Comercial de Nova Friburgo e influíam nas decisões políticas tomadas pela Prefeitura.<sup>68</sup> A lista abaixo de prefeitos elucida bastante as influências de Galdino na vida política municipal, uma vez que de 1923 até 1930, todos os prefeitos farão parte do grupo galdinista.<sup>69</sup>

---

<b>NOMES</b>	<b>PERÍODO</b>
Dr. Galdino do Valle Filho	21-04-1923 a 05-05-1923
Dr. Carlos Baltazar da Silveira	05-05-1923 a 21-05-1923
Dr. Plácido Lopes Martins	21-05-1923 a 09-01-1924
Antonio Segadas Viana	09-01-1924 a 05-04-1924
José Décio Ferreira de Souza	05-04-1924 a 09-06-1924
Antonio Segadas Viana	09-06-1924 a 09-07-1924
Francisco Celestino Berçot	09-07-1924 a 30-09-1924
Joaquim José Antunes	30-09-1924 a 17-08-1926
Luiz Muri	17-08-1926 a 02-09-1926
Joaquim José Antunes	02-09-1926 a 03-01-1927
Dr. Galdino do Valle Filho	19-04-1927 a 09-05-1927
Manoel Aristão Jaccoud	09-05-1927 a 31-12-1929
Dr. Carlos Baltazar da Silveira	31-12-1929 a 28-10-1930

---

Como já foi exposto anteriormente, o grupo conseguiria mais um ponto a favor de seu projeto industrializante em 1925, quando se instalou em Friburgo a Fábrica Filó S/A, transferida da Alemanha devido à crise econômica do pós-guerra, que obrigava seu proprietário, Gustav Siems, a buscar condições mais favoráveis aos seus negócios. Segundo Ricardo Costa:

“Ao saber tirar proveitos políticos do processo de industrialização em Friburgo nas décadas de 1910 e 1920 e capitaneando todo um projeto de construção de cidade nos moldes modernizantes da época, esta facção política abriu caminho para a formação de uma mentalidade liberal, dando

---

<sup>68</sup> Idem, *Ibidem*, p. 31

<sup>69</sup> ARAÚJO, João Raimundo – *Nova Friburgo.... op. cit.* pp. 127

ênfase ao progresso econômico por meio da instalação das indústrias. No ideal de cidade construído pelo grupo seriam realçados os elementos particulares da formação histórica friburguense como constituintes de um modelo *sui generis* de município no Brasil, uma ilha de ‘civilização’ em meio ao atraso causado pelo latifúndio e pelo trabalho escravo”.<sup>70</sup>

### O Mito da Suíça Brasileira

Na elaboração do modelo de cidade ideal que deveria ser Nova Friburgo, e que se tornou hegemônico ao fazer parte do processo mais amplo de afirmação da nova ordem burguesa no início do século XX, destacou-se toda a construção ideológica definidora de uma identidade cultural que correspondesse ao projeto modernizante. Foi-se buscar no passado de Friburgo, ligando-o à colonização suíça encaminhada por D. João VI em 1818, a origem de uma cidade européia, sendo adjetivada de “civilizada” e “progressista”.

Durante as festividades do primeiro centenário, realizadas em 1918, vê-se claramente as intenções de se buscar nas origens suíças as raízes gloriosas do município serrano. Para tanto, tais festividades foram realizadas contando com a presença de vários intelectuais, tanto brasileiros como estrangeiros, como um Ministro da Suíça, no sentido de dar legitimidade ao projeto que se desejava construir.

De acordo com tal construção ideológica, buscou-se valorizar elementos físicos e naturais, como o clima frio de Nova Friburgo e sua paisagem de montanhas, com uma história de glória do povo suíço. Vale lembrar que tal idéia também desemboca na tentativa de apagar do município serrano traços característicos da escravidão, vista como sinônimo de atraso e de não civilização. Mas por que não buscar uma associação com os alemães, lembrando que os empresários friburguenses tinham sua origem justamente na Alemanha? João Raimundo de Araújo parece esclarecer tal questão, ao afirmar que:

“Acreditamos que a explicação para tal fato deva ser buscada na análise da conjuntura internacional referente à 2ª década do séc. XX. A eclosão da grande guerra e o

---

<sup>70</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.*, p. 32

posicionamento da nação alemã durante todo o conflito, teria gerado uma animosidade da população brasileira contrária aos germânicos. Nesse momento portanto, teria sido mais interessante ressaltar as origens não alemãs das antigas colônias do Morro Queimado. Para isso, o elemento suíço prestaria de forma bastante adequada a construção do ideal de cidade européia montada em pleno seio de um mundo tropical. Nova Friburgo, torna-se –ia um pedaço da Suíça – leia-se, país adiantado, civilizado, moderno – no meio de um mundo dos trópicos, onde predominava uma população de origem portuguesa ou africana – leia-se, regiões atrasadas, não civilizadas.’<sup>71</sup>

Nesse sentido, tal construção ideológica aponta para as origens européias da cidade que apresentava aspectos totalmente diversos das demais cidades brasileiras. Seria uma cidade civilizada, moderna, desenvolvida e, de forma especial, sem luta de classes.

Neste momento, talvez valha a pena fazer menção à figura de Agenor de Roure, que pode ser considerado um dos grandes mentores ou ideólogos do Mito. Ele apresentaria às autoridades friburguenses, ainda em 1915, a proposta de comemoração do centenário de Nova Friburgo, firmando a data de 16 de maio de 1918 para o evento, quando faria cem anos da assinatura do decreto de D. João VI, confirmando o projeto de colonização. A escolha de tal data, mais tarde, seria motivo de polêmica entre escritores e historiadores friburguenses, pois muitos argumentariam que faria mais sentido comemorar o aniversário do município tomando por base o ano de 1820, quando os suíços chegaram efetivamente à fazenda do Morro Queimado e assentaram simbolicamente a fundação de Nova Friburgo.<sup>72</sup>

É também importante lembrar, para as discussões em torno da criação do Mito, que embora Galdino do Valle Filho tenha abraçado tal idéia, ele estava afastado do poder naquele momento, como a lista de prefeitos anteriormente pôde constatar, uma vez que Friburgo estava sob a intervenção de Sílvio Rangel. Apesar disso, e contando com o fato de presidir a Câmara, seu nome, dentre os políticos do município, ficaria marcado como um dos principais idealizadores do projeto do Centenário.

Nesse sentido, a tese de Agenor de Roure sobre a fundação de Nova Friburgo se ajustaria perfeitamente ao projeto modernizador de Galdino. Interessa realçar nesse momento a sua palestra proferida na Câmara Municipal, onde apresentava a fundação da

---

<sup>71</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo..., op. cit. p. 160

<sup>72</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – op. cit. p. 33

Colônia do Morro Queimado como a fazer parte de um amplo projeto de D. João VI, visando corrigir a formação étnica brasileira, a qual teria sido perturbada e viciada pelo sistema de povoamento adotado até então. A intenção de D. João VI seria então de introduzir colonos brancos e livres, apontados como homens capazes e industriais, no sentido de promover o rápido progresso do país e, com o tempo, forjar uma nova nacionalidade.<sup>73</sup>

A conclusão a que chegava Agenor de Roure era a de que, se D. João VI não tivesse sido obrigado a retornar a Portugal, seu plano, iniciado através de colônias de povoamento, teria sido adotado em todo país, mudando por completo os rumos da prejudicial colonização de origem, calcada no latifúndio e no trabalho escravo.

No momento das comemorações pelo centenário de Friburgo, portanto, estavam sendo criadas as tradições que passariam, anos mais tarde, a fazer parte do calendário oficial da cidade. Tais tradições, passando a fazer parte do imaginário social criado pelas classes dominantes friburguenses, transformadas em ideologia, viriam a ser amplamente difundidas e incorporadas pela maioria da população friburguense, casando-se perfeitamente com o projeto mais geral de uma política econômica que trilhasse o caminho da industrialização e da urbanização.<sup>74</sup>

#### A Revolução de 1930 e as Mudanças Políticas em Nova Friburgo

Quando do movimento que derrubaria Washington Luís e levaria a eventual escalada das oligarquias mineira e gaúcha ao poder, Galdino do Valle Filho organiza, em Nova Friburgo, “legiões patrióticas”<sup>75</sup> que se oporiam aos revoltosos. Dessa forma, arregimentaria forças em defesa do Governo Federal junto às fábricas em Friburgo, cujos donos recrutaram os trabalhadores para a luta. Assim, o grupo galdinista acabou selando sua própria queda. Assumiria então o poder municipal uma Junta Governativa, tendo à

---

<sup>73</sup> Idem, *Ibidem*, p. 34

<sup>74</sup> Idem, p. 37

<sup>75</sup> Idem, p. 48

frente Galiano das Neves, destituindo a liderança política de Galdino, que só voltaria a ocupar o poder municipal nos anos 1940, ao fim do Estado Novo.

Galdino teria se exilado em Portugal em 1930 de onde voltaria no ano seguinte, em virtude de dificuldades financeiras, fixando residência em Niterói. Com a dissolução da Câmara municipal e a suspensão do Jornal *A PAZ*, viveu um período no ostracismo político, sendo visto como um inimigo do regime.<sup>76</sup>

Galdino ainda encontraria algum espaço para expor suas idéias nas páginas de *O NOVA FRIBURGO*, fundado em 05 de março de 1931 pelo jornalista Juvenal Marques, que fora redator-secretário de *A PAZ*. Como aponta Ricardo Costa:

“*O NOVA FRIBURGO* faria, a princípio, tímida oposição ao regime varguista e a seus comandados no município, devido à dura repressão que se abatera sobre os partidários de Washington Luís”.<sup>77</sup>

A situação se complicou ainda mais para o grupo galdinista quando da explosão da “Revolução Constitucionalista” em junho de 1932, que arregimentou em armas os grupos descontentes com o governo de Vargas, à frente as classes dominantes paulistas, a propagandear a restauração do estado de legalidade e do regime liberal, como vias para a retomada da hegemonia perdida com a Revolução de 1930. Num gesto de ousadia, *O NOVA FRIBURGO* atacaria, em sua primeira página, o Chefe do Governo Provisório, pintando-o como reacionário, inimigo das liberdades públicas, apóstolo indulgente do empastelamento de jornais.<sup>78</sup>

Por conta da ousadia, Juvenal Marques foi intimado a comparecer à delegacia da cidade, ficando preso por mais de vinte dias, sendo libertado com a interferência da Associação Brasileira de Imprensa.<sup>79</sup> De qualquer modo, o jornal continuaria fazendo oposição ao governo de Vargas e ao interventor no município, engajando-se na campanha pela convocação de uma nova Constituinte após a derrota do movimento de São Paulo. O governo Vargas constituiu-se, portanto, num sério obstáculo aos liberais, que só retornariam ao poder com o fim do Estado Novo.

---

<sup>76</sup> Idem, p. 49

<sup>77</sup> Idem, p. 49

<sup>78</sup> Jornal *O NOVA FRIBURGO*, edição de 04/08/1932, citado por Idem, *Ibidem*, p. 50

<sup>79</sup> Idem, *Ibidem*, p. 50

Sendo assim, após esse pequeno quadro da evolução política friburguense, foi possível visualizar os confrontos entre as frações das classes dominantes locais, às vezes acompanhando a conjuntura nacional, às vezes conferindo um significado próprio às suas lutas e aos seus projetos. Cabe agora ver de que forma a classe trabalhadora se insere nesse contexto, o que de maneira alguma ocorreu de forma pacífica e ordeira.

## **CAPÍTULO II - REAÇÕES DOS TRABALHADORES FRIBURGUENSES AO CAPITAL: AS GREVES DO PERÍODO**

Conforme ficou assinalado no Capítulo I, Nova Friburgo havia passado por um processo de transformações econômicas, políticas e sociais a partir de meados do século XIX. Apesar disso, ainda era possível perceber elementos tipicamente rurais na cidade, como animais perambulando pelas ruas, que, por sinal, não eram pavimentadas, dentre vários outros aspectos. Com o advento da grande indústria, a partir de 1911, tais elementos começam a ceder espaço, e certas transformações passam a integrar a vida cotidiana de trabalhadores e trabalhadoras. Evidentemente, tais transformações não devem ser pensadas numa relação direta com mudanças ocorridas no âmbito da tecnologia, apesar de possuírem sua importância. O advento da indústria capitalista, para além das mudanças tecnológicas, foi responsável por várias mutações, sejam elas em relação à idéia de tempo ou mesmo em relação ao trabalho, que se positiva, ancorado seja em discursos da classe dominante, seja pelos próprios trabalhadores, que os (re)elaboram e neles também nutrem sua identidade coletiva.

E. P. Thompson, analisando as mudanças na percepção do tempo trazidas pela Revolução Industrial na Inglaterra, procura contrastá-las com sociedades pré-industriais, onde a noção do tempo tem sido descrita como orientação pelas tarefas. Segundo ele, isso traz à tona a interpretação de que tal prática é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado, uma vez que o camponês ou trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade. Além disso, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum, parece haver pouca separação entre o “trabalho” e a “vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o “passar do dia”.<sup>80</sup>

Toda essa idéia vem corroborar o fato de que para os homens que detinham o controle de sua vida produtiva, o padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade. Isso permitiu aos trabalhadores ingleses celebrarem e respeitarem a Segunda-Feira “Santa” ou mesmo dormir uma hora a mais de manhã, mesmo

---

<sup>80</sup> THOMPSON, E. P. *“Tempo, Disciplina de Trabalho e o Capitalismo Industrial”* In: Costumes em Comum, SP, Cia das Letras, 1998, pp. 271-272.

que o ritmo de trabalho se acelerasse na quarta-feira ou na quinta ou, ainda, que se precisasse esticar o trabalho até à noite, horas iluminadas pelas velas.<sup>81</sup>

Além disso, é possível notar que toda a irregularidade do dia e da semana de trabalho estava estruturada, até as primeiras décadas do século XIX, no âmbito da irregularidade mais abrangente do ano de trabalho, pontuado pelos seus feriados e feiras tradicionais.<sup>82</sup>

Entretanto, com as mudanças oriundas desse novo projeto industrial, são perceptíveis mudanças na notação do tempo, uma vez que, segundo o próprio Thompson:

“ O empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta”.

Assim, a idéia de que *tempo é dinheiro* se materializa. Na sociedade capitalista, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado; é uma ofensa que a força de trabalho meramente “passe o tempo”.<sup>83</sup>

Ainda pensando na Inglaterra e na investida, vinda de tantas direções, contra os antigos hábitos de trabalho da “plebe”, há que se destacar que tudo isso não ficou certamente sem contestações. Para Thompson, inicialmente, encontra-se a simples resistência, mas, na etapa seguinte, quando é imposta a nova disciplina do trabalho, os trabalhadores começam a lutar, não contra o tempo, mas sobre ele, organizando-se em associações, clubes ou sindicatos que passaram a exigir progressivas reduções na jornada de trabalho.<sup>84</sup>

Acompanhando essas mudanças em relação ao tempo, é também possível pensar na necessidade de se criar uma nova ética do trabalho, positivando-o. Segundo Marcelo Badaró Mattos, a formação da classe trabalhadora no Brasil esbarrou numa diferença muito grande, qual seja: a generalização de relações e mercado de trabalho assalariado não foi precedida pela difusão de uma ética positiva do trabalho. Ao contrário, após quatro séculos de escravidão, o trabalho era visto como fator de desqualificação profissional, cabendo,

---

<sup>81</sup> Idem, *Ibidem* p. 282.

<sup>82</sup> Idem, p. 285.

<sup>83</sup> Idem, p. 298.

<sup>84</sup> Idem, p. 293.

segundo o mesmo autor, ao movimento sindical a tarefa de buscar uma afirmação positiva do trabalhador nacional pela via da organização e ação coletiva de classe, isto nas primeiras décadas após a abolição da escravidão.<sup>85</sup>

Do lado das classes dominantes, é também necessária a criação de um discurso de uma nova ética do trabalho, vendo neste um valor positivo e edificante, reprovando, dessa forma, as atividades “ociosas”, responsáveis pelo atraso do Brasil e, inclusive, de Nova Friburgo. Assim coloca Chalhoub, ao analisar a necessidade do estabelecimento desta nova ética do trabalho para os trabalhadores do Rio de Janeiro, mas que também pode ser aplicada em Nova Friburgo:

“Era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva, articulando-se então com conceitos vizinhos como o de “ordem” e “progresso” para impulsionar o país no sentido do “novo”, da “civilização”, isto é, no sentido da constituição de uma ordem social burguesa. O conceito de trabalho se erige, então, no princípio regulador da sociedade, conceito este que aos poucos se reveste de uma roupagem dignificadora e civilizadora, valor supremo de uma sociedade que se queria ver assentada na expropriação absoluta do trabalhador direto, agente social este que, assim destituído, deveria prazerosamente mercantilizar sua força de trabalho. (...)Era este princípio supremo, o trabalho, que iria, inclusive, despertar o nosso sentimento de “nacionalidade”, superar a “preguiça” e a “rotina” associadas a uma sociedade colonial, e abrir desta forma as portas do país à livre entrada dos costumes civilizados – e do capital – das nações européias mais avançadas<sup>86</sup>”.

Também como nos aponta Marcelo Badaró Mattos, a fase da chamada República Velha é um momento chave para a constituição de um movimento operário e de uma classe trabalhadora no Brasil<sup>87</sup>. Corroborando o que diz Chalhoub:

“No Brasil, de quase quatro séculos de escravidão, construir uma identidade de classe para os trabalhadores esbarrava na imagem negativa do trabalho. Trabalhava quem era escravo ou os livres que não tinham escravos. Nossas

---

<sup>85</sup> MATTOS, Marcelo Badaró - Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988), Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988, p. 36.

<sup>86</sup> CHALHOUB, Sidney – Trabalho, Lar e Botequim, SP, Brasiliense, p. 29.

<sup>87</sup> MATTOS, Marcelo Badaró – Trabalhadores e Sindicatos no Brasil, RJ, Vício de Leitura, 2002, p. 12.

classes dominantes não tinham como se apoiar numa tradição cultural ou religiosa de valorização do trabalho e, por isso, não confiavam apenas na mensagem ideológica que rezava: “o trabalho dignifica o homem”, “o trabalho é o caminho para a ascensão social”, etc<sup>88</sup>

Em artigo intitulado “Friburgo Industrial”<sup>89</sup>, o jornal *A PAZ*, principal veículo a divulgar o pensamento do grupo ligado a Galdino do Valle, procura transmitir aos seus leitores a necessidade de se positivar o trabalho, valorizando-o. Inicialmente, o artigo faz apologia ao trabalho dos imigrantes, representados como uma humanidade ativa (“ninguém vem viver na América para se divertir e sim para trabalhar”), em contraposição ao trabalhador nacional, mostrado como passivo e parasita.

Ficam explícitos também no artigo os elogios aos empresários alemães, que graças à inteligência e ao esforço, faziam com que os ruídos das máquinas fossem como uma canção em honra ao trabalho.

Note-se, que, acompanhando a construção dessa nova ética do trabalho, há também, simultaneamente, um outro momento essencial, ou seja, todo um processo de vigilância e de repressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciárias<sup>90</sup>, expressa na simples fórmula: quem não trabalhasse deveria ser preso<sup>91</sup>. Sendo assim, coube aos próprios trabalhadores construir essa visão positiva do trabalho, para que estes pudessem se identificar enquanto classe e pudessem agir coletivamente através de suas organizações sindicais<sup>92</sup>.

E tal processo pode ser localizado, em Nova Friburgo, em finais da década de 1900 e início da década de 1910, quando os embates sobre a implantação das indústrias na cidade estavam na ordem do dia.

As disputas travadas entre as frações das classes dominantes na cidade por ocasião do controle da energia elétrica e da eventual instalação das indústrias em Nova Friburgo já foram, contudo, levantadas no capítulo I, redundando na “Noite do Quebra-Lâmpioes”. Entretanto, se ao elencar tal acontecimento como central para a concessão da energia

---

<sup>88</sup> Idem, *Ibidem*, p.12.

<sup>89</sup> Jornal *A PAZ*, edição de 28/03/1915, citado por COSTA, Ricardo da Gama Rosa – Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República, 1997, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, pp. 28/29.

<sup>90</sup> CHALHOUB, Sidney, *op. cit.*, p. 28.

<sup>91</sup> MATTOS, Marcelo Badaró - Trabalhadores e Sindicatos no Brasil, *op. cit.*, p. 12.

<sup>92</sup> Idem, *Ibidem*, p. 13.

elétrica nas mãos dos empresários alemães, sobressaltados por Julius Arp, em contraposição a uma fração mais tradicionalista, de base rural, devemos, outrossim, ver de que forma então as classes populares participaram de tal querela, tendo em vista que houve participação decisiva da população da cidade, redundando na quebra dos velhos lampiões e na invasão e apedrejamento da Câmara Municipal por uma “multidão” de quinhentas pessoas, número bem significativo para a cidade à época.

Pensando assim, tentarei, mesmo sob o risco de não conseguir contemplar as discussões, trabalhar, de maneira análoga, com determinadas categorias caras à análise thompsoniana, como a “Economia Moral” e a “Multidão” ou os “Motins de Fome”, tendo também em vista as advertências do autor, ao afirmar que embora seja o pai de tais expressões no discurso acadêmico corrente, os termos há muito tempo esqueceram sua filiação, não sendo, por isso mesmo, responsável por suas ações.<sup>93</sup>

Analisando a sociedade inglesa do século XVIII e os chamados “motins de fome”, E. P. Thompson foi capaz de demonstrar que por detrás de tais movimentos, considerados por muitos como espasmódicos ou reações a estímulos econômicos elementares, como o ato de estar com fome, havia uma grande racionalidade, sendo uma forma altamente complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros,<sup>94</sup> lembrando que a multidão tirava a sua noção de legitimação do modelo paternalista,<sup>95</sup> extraindo dele todas as características que mais favoreciam aos pobres.<sup>96</sup> Assim coloca Thompson, procurando legitimar a idéia de que a “multidão” e seus movimentos possuíam determinada disciplina e racionalidade:

“Na verdade, se quisermos questionar a visão espasmódica e unilinear dos motins da fome, basta apontar esse motivo contínuo da intimidação popular, quando homens e mulheres, quase a ponto de morrer de fome, ainda assim não atacavam os moinhos e os celeiros para roubar alimentos”.<sup>97</sup>

Ou ainda, pensando nos motins:

---

<sup>93</sup> THOMPSON, E. P. “*Economia Moral Revisitada*” In: *Costumes em comum*, São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 266.

<sup>94</sup> Idem, “*A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII*” In: *Ibidem*, 152.

<sup>95</sup> Idem, p. 165.

<sup>96</sup> Idem, p. 167.

<sup>97</sup> Idem, p. 182.

“Os motins são geralmente uma resposta racional, que não acontece entre os indefesos ou sem esperança, mas entre aqueles grupos que se sentem com um pouco de poder para tomar os víveres de que precisam quando os preços vão às alturas, os empregos desaparecem e eles vêm o seu suprimento de alimentos básicos ser exportado”.<sup>98</sup>

Nesse ponto, poderíamos procurar estabelecer algumas aproximações ou comparações do modelo inglês com o caso friburguense, resguardando as devidas proporções e procurando evitar o risco de anacronismos ou coisas parecidas. Isto porque, como Thompson coloca, os “motins” são uma resposta a uma determinada situação ou acontecimento. Assim, a plebe inglesa se revoltava com a elevação dos preços dos alimentos ou mesmo em função da falta de trabalho, que dificultava a sobrevivência da família.

Fazendo uma leitura da “Noite do Quebra-Lampiões”, é possível pensar que a população friburguense estava imbuída do desejo de ter novos empregos na cidade, representados pela eventual instalação das indústrias alemãs na cidade. E como a concessão da energia elétrica era vital para isso, os grupos populares visualizaram a possibilidade de diminuir a situação de penúria que viviam, não sendo pois correto afirmar que a multidão agiu exclusivamente por incitação do grupo de Galdino do Valle. Isto porque, segundo o próprio Thompson, temos que pensar de maneira dialética, uma vez que um ato de doar deve ser simultaneamente pensado como um ato de ganhar<sup>99</sup>, e a população friburguense almejava o aumento de empregos na cidade.

É certo que a “noite do quebra lampiões” não representou um movimento exclusivamente relacionado ao ‘mundo do trabalho’, e muito menos pode ser vista como manifestação exclusivamente operária. Porém, não devemos desprezar seu papel no processo local de formação da classe. Até porque, como veremos adiante, em muitas das greves e manifestações tipicamente operárias dos anos seguintes ocorreram eventos de protesto coletivo semelhantes, que de certa forma também faziam parte do arsenal de formas de resistência empregados pelos trabalhadores em seus confrontos com os patrões.

---

<sup>98</sup> Idem, “*A Economia Moral Revisitada*”, *op. cit.* p. 207.

<sup>99</sup> Idem, “Folclore, Antropologia e História Social”. In *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos* Campinas, Editora da Unicamp, 2001, p. 252.

Neste sentido, devemos ser capazes de localizar nas greves daquele período, como de qualquer outro, não apenas as demandas apresentadas – que expressam seu uso como forma de *pressão* –, como também as características de suas manifestações e desenvolvimento – que denotam seu caráter como forma de *expressão* – para lembrar a análise já clássica de Michelle Perrot.<sup>100</sup>

### A Greve de 1917 na Fábrica Ypú

Depois de analisar os significados da “Noite do Quebra-Lampiões”, já em 1917 é possível visualizar o primeiro movimento grevista em Nova Friburgo, ocorrido na Ypú, colocando questões, como as disputas étnicas entre brasileiros e alemães, no sentido de equiparação de salários, por exemplo, que passariam a fazer parte das pautas de reivindicações de outros movimentos posteriores.

Tal greve, contudo, é iniciada em princípios de agosto de 1917, recebendo muita atenção dos meios de comunicação da cidade, principalmente dos jornais, que cedem grande espaço para a cobertura de tal querela. Entretanto, não temos em mão a edição do Jornal *A Cidade de Friburgo* da semana em que tal greve se inicia. Temos, outrossim, algumas páginas do jornal *A PAZ*, ligado a Galdino do Vale Filho, tecendo várias críticas ao jornal citado anteriormente, defendendo os empresários alemães e advertindo para a grande “paz social” que reinava na fábrica Ypú.<sup>101</sup> Em resposta a tal matéria, o jornal *A Cidade de Friburgo*, uma semana após, reafirma sua visão dos fatos,<sup>102</sup> o que também não fica sem uma tréplica.<sup>103</sup>

Apesar das diferenças de fundo, uma vez que se tratava de dois grupos importantes da cidade lutando pela hegemonia política, uma coisa parece ser bem clara por parte de ambos: a idéia de que o proletariado era “ingênuo” e merecia cuidados especiais, de modo

---

<sup>100</sup> Perrot, Michelle. *Lês ouvriers em grève. France, 1871/1890*. Paris, Mouton, 1974 (2 vols.).

<sup>101</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

<sup>102</sup> Cf. Jornal *A Cidade de Friburgo*, edição de 19 de agosto de 1917.

<sup>103</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 26 de agosto de 1917.

que não seja manipulado ou usado por ninguém. Assim coloca *A PAZ* em título de matéria, relatando a ingenuidade do proletariado:

“Ignóbil exploração do Jornal Governista:  
Repudiado por todo o município, o Sr. Sílvio Rangel [interventor nomeado por Nilo Peçanha e opositor ao grupo de Galdino ] inventa a questão operária, caluniando uma firma respeitável, abusando da *ingenuidade do proletariado*”.<sup>104</sup>

Em contrapartida, fala sobre a questão *A Cidade de Friburgo*:

“Nós não abdicaremos absolutamente o nosso dever, dever moral, dever sagrado de consciência, de obstar sempre que se torne oportuno a que se suplicie impunemente o *operário humilde*. Não serão os marcos de um industrial nem os arreganhos de um político qualquer que há de quebrar o vigor de alma com que terçamos pelos direitos do proletário”.<sup>105</sup>

Ainda na edição do dia 12 de agosto, o jornal *A PAZ* procura criar um ambiente de conciliação de classe, demonstrando a necessidade de uma união entre empresários e “classes produtoras” para “edificar” o país. E vai além, afirmando que as vozes do socialismo, mesmo na Europa, já estavam apagadas, e que no Brasil tudo caminhava para um perfeito equilíbrio entre capital e trabalho, receita mágica para tornar o país uma grande potência:

“Até na velha Europa a atual conflagração veio demonstrar que as idéias libertárias e socialistas cederam ante o perigo das Pátrias e todos assistimos ao espetáculo de ver esses revolucionários pegar em armas, renegando d’ess’arte as suas doutrinas.

O grito de Karl Marx – operários, uni-vos – continua a ser o lábaro do povo trabalhador, mas a revolução social tomou um novo aspecto e tudo caminha para o bom entendimento entre operários e patrões, ou, melhor, entre o capital e o trabalho”.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> Cf. Idem (grifos meus).

<sup>105</sup> Cf. Jornal *A Cidade de Friburgo*, edição de 19 de agosto de 1917 (grifos meus).

<sup>106</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

Há todo um acúmulo na historiografia sobre o movimento operário em São Paulo a respeito da greve geral de 1917 e sua importância na conjuntura.<sup>107</sup> Estudando as greves e a polícia política na cidade do Rio de Janeiro entre 1920 e 1930, Branno Costa e Francisco de Freitas, remontando à década de 1910, afirmam haver uma “fase áurea” de greves entre 1917 e 1919 – 13 greves em 1917; 29 em 1918 e 22 em 1919<sup>108</sup>. O movimento na fábrica Ypú demonstra que a onda grevista iniciada em 1917 atingiu áreas para além dos grandes centros. Tal questão vem de encontro à visão de uma “harmonia social”, contrastada com o crescente número de paralisações no período. Sendo assim, parece-nos bastante deslocada a afirmação de que “no Brasil ainda não há, verdadeiramente, o problema operário, (...) e esse é o motivo porque têm fracassado todas as tentativas de revolta, bem como todos os políticos que tem procurado agitar o povo trabalhador se retirem, a breve trecho, escorraçados, mal o operário se apercebe da exploração que anima esses aventureiros”.<sup>109</sup>

Infelizmente, por não dispormos de outras fontes sobre a greve, somos obrigados, a partir de uma leitura atenta, a descobrir os reais motivos pelos quais tal agitação operária aconteceu. De antemão, cumpre assinalar que, por se tratar de jornais distintos e com idéias distintas, a visão dos fatos se altera conforme as necessidades de se justificar determinadas posições. Com isso, a questão operária acaba sendo secundarizada pelos redatores dos jornais. Para o jornal *A PAZ*, por exemplo, a greve teria ocorrido por influências do grupo de Sílvio Rangel, interventor municipal, contando ainda com cobertura “excessiva” por parte do Jornal *A Cidade de Friburgo*, que seria suspeita de relatar tal questão, diferentemente dos redatores do jornal de Galdino do Vale:

“Somos insuspeitos para falar do operariado, porque o nosso programa, genuinamente republicano, é e tem sido sempre o do governo do povo, pelo povo e para o povo, e por isso estamos muito a vontade para emitirmos opinião sobre o

---

<sup>107</sup> Ver por exemplo o estudo clássico de Fausto, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, Difel, 1976. Ou, mais recentemente, Lopreato, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2000.

<sup>108</sup> COSTA, Branno Hocherman e FREITAS, Francisco Josué Medeiros – “*Greves e Polícia Política nas Décadas de 1920 e 1930*” In: MATTOS, Marcelo Badaró (coord) - Trabalhadores em Greve. Polícia em Guarda: Greves e Repressão Policial na Formação da Classe Trabalhadora Carioca, Rio de Janeiro: Bom Texto: Faperj, 2004 pp. 137-139.

<sup>109</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

incidente, e criminosamente explorado pela *Cidade de Friburgo*".<sup>110</sup>

Além desse ataque ao jornal oposicionista, há também uma defesa incondicional dos empresários alemães – “por diversas vezes *A PAZ* se tem referido aos ilustres industriais e importantes capitalistas que vieram contribuir extraordinariamente para o progresso d’esta cidade, com a montagem das duas fábricas que sustentam numerosas famílias friburguenses” – embora afirmando que não é do seu interesse cortejar os poderosos:

“Não nos move o intuito de cortejarmos os poderosos, mas o de render o preito sincero de nossa homenagem aos grandes amigos d’esta terra”.<sup>111</sup>

Em contrapartida, o ataque de *O Nova Friburgo* assume a seguinte tonalidade:

“*A PAZ*, digna advogada da firma alemã, (...) não está a altura de controverter com desinteresse, não tem probidade para fazer opinião em questões desse mérito”.<sup>112</sup>

Mesmo reconhecendo que as motivações da cobertura do ensejo na Fábrica Ypú são resultados de uma disputa de grupos políticos importantes da cidade, buscando a hegemonia, algumas passagens nos possibilitam visualizar os motivos e anseios pelos quais os trabalhadores daquela fábrica se rebelaram e paralisaram as atividades produtivas. Pelo Jornal *A PAZ*, percebemos que, dentre outras reivindicações, uma era referente ao afastamento do gerente Eduardo F. Domingues. Um dos motivos se refere ao tratamento diferenciado dispensado aos trabalhadores alemães, que recebiam salários melhores em comparação aos trabalhadores nacionais, alvos de descontos e várias outras privações. Embora não dispondo da edição anterior de *A Cidade de Friburgo*, nota-se que havia denúncia desse favorecimento ao trabalhador alemão, ao acusar as fábricas têxteis de “*firmas alemães*” num tom irônico, conforme assim é posto pela redação de *A PAZ*, que busca justificar que nada disso ocorre, sendo calúnia de “invejosos”:

---

<sup>110</sup> Cf. Idem

<sup>111</sup> Cf. Idem.

<sup>112</sup> Cf. Jornal *A Cidade de Friburgo*, edição de 19 de agosto de 1917.

“(...) O sr. Eduardo Domingues, com que se passaram os acontecimentos que determinaram os ataques da *Cidade* é cidadão brasileiro, qualidade que não explica a repetição de *firma alemã* que aquele semanário propositalmente escreveu com fins malévolos”.<sup>113</sup>

A ênfase que é dada ao fato do sr. Eduardo Domingues ser brasileiro é bastante elucidativa, pois busca revelar que naquela empresa não existia diferenciação salarial ou de postos de trabalho em função de questões de ordem nacional, afinal de contas, um brasileiro ocupava um cargo de comando (que mais à frente é cedido a um alemão). Entretanto, se a presença de um brasileiro busca escamotear uma realidade, a experiência dos trabalhadores friburguenses aponta em sentido contrário.

Nesse sentido, é necessário então promover uma discussão, ainda que breve, sobre as disputas étnicas no interior da classe, para então depois analisar as outras reivindicações imbuídas naquela que veio a ser a primeira experiência grevista dos trabalhadores friburguenses.

Sidney Chalhoub, estudando o cotidiano dos trabalhadores cariocas na *Belle Époque*, chama a atenção para o fato de que “as rivalidades e conflitos raciais e nacionais se constituíram num dos principais elementos limitadores da eficácia do movimento operário brasileiro na Primeira República<sup>114</sup>”. Marcelo Badaró também tece alguns comentários a respeito, ao afirmar, por exemplo, que “uma extrema diferenciação (nacional e étnica principalmente) entre os trabalhadores era uma barreira significativa à formação de uma identidade comum<sup>115</sup>”.

Pensando a formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro, Marcela Goldmacher afirma que esta era etnicamente heterogênea, em função da convivência de egressos do sistema escravista, imigrantes europeus e brasileiros brancos, além de mulheres e crianças, o que contribuía para a falta de contornos de classe preciosos. Apesar disso, a autora, citando Francisco Hardman e Victor Leonard<sup>116</sup>, afirma que nos momentos de ascenso das lutas do proletariado brasileiro, a situação comum e objetiva de exploração e a solidariedade de classe, permeada pelo internacionalismo proletário dos primeiros núcleos

---

<sup>113</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

<sup>114</sup> CHALHOUB, Sidney – *op. cit.*, p. 35.

<sup>115</sup> MATTOS, Marcelo Badaró – *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*, *op. cit.*, p. 16.

<sup>116</sup> HARDMAN, Francisco Foot e LEONARD, Victor – *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991, pp. 143/144.

de militantes, acabavam por apontar para a aglutinação e unificação dos interesses imediatos e históricos da classe operária.<sup>117</sup>

Saindo do Rio de Janeiro e transpondo o foco de análise para Porto Alegre e, mais especificamente, para seu Quarto Distrito, Alexandre Fortes também busca discutir os elementos constitutivos de uma identidade de classe a partir da confrontação com questões étnicas. Lá, entretanto, os trabalhadores oriundos do Leste Europeu eram denominados de “polacos”, apesar de terem origem em diferentes países.<sup>118</sup>

Essa breve discussão que se tentou esboçar acima se torna vital, lembrando da necessidade de não pensar no predomínio da noção de classe sobre a noção de etnicidade ou desta para aquela:

“Na relação entre etnicidade e classe (...) não se trata de pensar no predomínio de um ou de outro elemento, nem mesmo em noções lineares de transição entre momentos marcados por cada um deles. Como o período da Segunda Guerra Mundial bem demonstra, mesmo identidades e lealdades étnicas remotas podem ser reavivadas e recriadas em novas formas, para em seguida cederem a uma onda de ‘integração’, voluntária ou compulsória à totalidade nacional do país de destino”.<sup>119</sup>

Se, contudo, nos casos relatados acima, existe, mesmo que em momentos de intensa exploração, uma aglutinação de interesses entre trabalhadores nacionais e estrangeiros, possibilitando, dessa forma, a construção da classe, no caso friburguense, isso inexistente. Isso porque a imagem do trabalhador alemão é associada à exploração sofrida no chão da fábrica e, embora o operário alemão realize algum tipo de trabalho, seus interesses convergem muito mais em direção aos interesses burgueses do que propriamente aos dos trabalhadores, impedindo, dessa forma, que se estabeleçam laços identitários com a própria classe trabalhadora. Pelo contrário, cria-se um enorme abismo entre ambos. Embora isto ainda não esteja tão explícito neste movimento, poder-se-á perceber ao longo da

---

<sup>117</sup> GOLDMACHER, Marcela “*Movimento Operário: Aspirações e Lutas. Rio de Janeiro (1890-1906)*” In: MATTOS, Marcelo Badaró - *Trabalhadores em Greve. Polícia em Guarda...*, *op. cit.*, pp. 106-107.

<sup>118</sup> FORTES, Alexandre – “*Os Outros ‘Polacos’: Classe e Identidade Étnico-Nacional Entre Imigrantes do Leste Europeu em Porto Alegre*” In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – *Culturas de Classe*, Campinas, Unicamp, 2004, p. 355.

<sup>119</sup> Idem, *Ibidem*, p. 355.

dissertação, haja vista tal questão continuar sendo central nas pautas de reivindicações dos trabalhadores friburguenses.

Mas voltando a falar sobre as reivindicações da greve de 1917, podemos encontrar, nas páginas de *Cidade de Friburgo*, outras razões pelas quais os operários interromperam suas atividades produtivas naquela fábrica. Segundo o jornal citado anteriormente, o não pagamento das horas extraordinárias de trabalho do turno da noite era questão reclamada:

“Sem qualquer aviso anterior, o gerente da Fábrica Ypú negou-se na última quinzena do mês de julho findo a pagar aos operários da turma noturna os salários a que lhes davam direito as horas de trabalho extraordinário, isto é, as horas em excesso às doze horas de trabalho quotidiano”.<sup>120</sup>

Já em entrevista concedida ao jornal *A PAZ*, o gerente da fábrica, sr. Eduardo Domingues, afirma que nada disso é verdade. Pelo contrário, o operário da noite recebe muito mais que aquele que trabalha durante o dia - “Primeiro deve dizer que essa turma [ da noite ] é mais bem paga que a do dia, tem mais vantagens que esta”<sup>121</sup> - embora não consiga demonstrar a veracidade de tal afirmativa.

Além de não receberem pelas horas extras de trabalho do turno da noite, os operários ainda eram descontados em dois mil réis pelo café que tomavam na madrugada:

“Além dessa imposição cruel, [o não recebimento das horas extras] ficavam as vítimas de tanta espoliação obrigadas a uma contribuição de dois mil réis pelo café que lhes davam à madrugada”.<sup>122</sup>

Tudo isso em conjunto – salários diferenciados de trabalhadores alemães em relação aos trabalhadores friburguenses, não pagamento de horas extras para os operários da noite e desconto de dois mil réis para o café da madrugada – fez com que as atividades produtivas da Ypú parassem. Segundo o mesmo gerente, ao perceber que o motor havia parado, foi ver o que havia acontecido. Foi quando então se deparou com um grupo de operários gesticulando na mesa do mestre. A reação do gerente foi a dispensa imediata de doze funcionários, como medida exemplar para os demais operários:

---

<sup>120</sup> Cf. Jornal *A Cidade de Friburgo*, edição de 19 de agosto de 1917.

<sup>121</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

<sup>122</sup> Cf. Jornal *A Cidade de Friburgo*, edição de 19 de agosto de 1917.

“É claro que não podia mais consentir a entrada deles aqui na fábrica. A bem da disciplina e para que não mais se reproduzisse um fato dessa ordem, dispensei-os”.<sup>123</sup>

A dispensa teria então mobilizado uma reação maior por parte dos operários da Ypú, no sentido de readmiti-los ao trabalho. Entretanto, a única conquista efetiva foi o fim do desconto de dois mil réis para o café da madrugada. Apesar disso, ou seja, embora tal movimento não tenha conquistado melhorias tão significativas, serviu como inspiração para outros movimentos que surgiriam mais tarde, como o verificado no ano seguinte, onde trabalhadores da Fábrica de Rendas Arp e da Fábrica Ypú iniciariam uma outra greve.

### A Greve de 1918 na Arp e Ypú

Em agosto de 1918, estouraria uma outra greve na cidade contra a carestia de vida. Tal evento é coberto pelo jornal *Cidade de Friburgo*, que em artigo intitulado “*Echos do Meeting*”, assim expõe:

“Conforme um boletim que foi distribuído nesta cidade, realizou-se na última segunda-feira, um meeting contra a carestia de vida”.<sup>124</sup>

Tal movimento teria sido intermediado por um médico da cidade, o Dr. Bonifácio Figueiredo, que fizera vários discursos aos operários, exortando-os a se dirigirem às fábricas Arp e Ypú, a fim de pedirem aos seus gerentes aumento de salários. Continuando os relatos do ensejo, o jornal ainda afirma que “um grupo de populares, juntamente com muitas crianças curiosas, tendo à frente o Dr. Bonifácio Figueiredo, foi até a Fábrica Arp, cujo portão foi forçado”.

Lá, fora chamado o gerente da fábrica, o sr. Cappel, que ouvira do médico os pedidos de aumento de salário. Como resposta, o gerente afirmara que Julius Arp já havia

---

<sup>123</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 12 de agosto de 1917.

<sup>124</sup> Cf. Jornal *Cidade de Friburgo*, edição de 11 de agosto de 1918.

feito isso há dois meses, mas que transmitiria ao seu chefe o pedido que acabava de lhe ser feito.

Daí, os operários partiram em direção à fábrica Ypú, acontecendo eventos curiosos, como é relatado em *Cidade de Friburgo*:

“Desta fábrica [Arp] o grupo foi até a Ypú, fazendo grande bulha ao se aproximar, dando em resultado alguns desmaios de operárias que julgavam ser um assalto”.<sup>125</sup>

Segundo o gerente da fábrica, o sr. Eduardo Domingues, o aumento já havia sido concedido, mas que também transmitiria ao sr. Falck os pedidos. Naturalmente é difícil de se compreender que tais aumentos, tanto na fábrica Arp quanto na Ypú, tenham sido feitos há tão pouco tempo, haja vista de se tratar de uma greve que reivindicava justamente aumento salarial. O fato é que os trabalhadores daquelas indústrias não foram atendidos, apesar de terem entregue aos gerentes um grande abaixo-assinado.

Entretanto, tal movimento serviu para mexer com uma certa “harmonia”, segundo o jornal, que reinava na cidade. Isto porque, depois da visita às fábricas, o grupo andou dando empurrões nas portas das casas comerciais, fazendo com que muitos pensassem que se tratava de um assalto:

“Aos quatro cantos da cidade tem sido espalhados boatos de invasão e assalto de casas comerciais”.<sup>126</sup>

Isto teria provocado uma reação da Associação Comercial, que passou a exigir reforço policial para os estabelecimentos comerciais. Contudo, após ter sido descoberto os motivos da “balbúrdia”, tal reforço policial foi retirado. Outrossim, a atitude dos operários foi reprovada, pois desestabilizou o “espírito ordeiro e pacífico” da cidade.

Dois anos após esse movimento, já estava bem claro para muitos em Nova Friburgo a força que o operariado começa a ter, mesmo que às vezes, como na greve analisada anteriormente, ocorram situações inusitadas. O fato, porém, é que determinados grupos, como o de Galdino, por exemplo, procurarão reforçar sua posição de defensores da “causa

---

<sup>125</sup> Idem.

<sup>126</sup> Idem

operária”. Para tanto, o Jornal *A PAZ* cria, em março de 1920, uma Coluna Operária, na qual se abrem as páginas daquele semanário para qualquer operário que queira expor algum fato de seu cotidiano. E já reconhecendo o potencial do operariado, tanto nacionalmente quanto regionalmente, assim coloca o dito jornal:

“O Século em que vivemos, assim como ficaram registrados nas páginas da história o de Péricles e o da eletricidade, passará a ser o Século do operário (...) E a nossa homenagem, modesta mas sincera (...) será inscrever em nosso programa como artigo de fé a completa defesa de tão legítimas aspirações, a criação de uma Coluna Operária”<sup>127</sup>.

Apesar disso, em duas greves abaixo analisadas, em momento algum tal coluna as cita ou faz algum tipo de menção, afirmando a necessidade de ter um operário “dócil” e “ordeiro”, e não um agitador ou coisa parecida.

### A Greve dos Ferroviários

As greves até aqui analisadas fazem parte das reivindicações da categoria dos têxteis. Entretanto, em 1920, os ferroviários friburguenses participarão de uma greve estadual na Companhia Leopoldina Railway, greve esta muito significativa para o movimento operário do Rio de Janeiro, contando com a participação de mais 135 mil trabalhadores, demonstrando o envolvimento da maioria das entidades sindicais do estado<sup>128</sup>.

Tal greve teria se iniciado em 24 de março de 1920, tendo sido orientada pela Forj – Federação Operária do Rio de Janeiro - , em função das demissões em massa verificadas pela Companhia, sendo tal atitude apoiada pelo governo.<sup>129</sup>

Em Nova Friburgo, o Jornal *A PAZ*, porta-voz do grupo galdinista e oposição à política de Nilo Peçanha, como se tentou expor no capítulo I, trará, em suas páginas,

---

<sup>127</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 03/03/1920.

<sup>128</sup> MATTOS, Marcelo Badaró - Trabalhadores em Greve, Polícia em Guarda..., *op. cit.*, p. 147/148.

<sup>129</sup> Idem, *Ibidem*, p. 147.

longas e contundentes críticas à Leopoldina Railway, principalmente por haver uma cumplicidade entre esta e o governo do estado. É o que o artigo que se segue relata:

“O governo do estado (...) cabe o dever em primeiro lugar de solucionar a greve, por isso que a ele está afeta a fiscalização neste território, do cumprimento da Leopoldina dos seus contratos, na impossibilidade ou melhor, impotente para dar a solução legal e honesta ao caso, tenta golpes de força no sentido de abater o ânimo dos grevistas e desmoralizar o recurso lícito e extremo de que lançaram mão para conseguir aquilo que de outra forma lhes tem sido sistematicamente negado”.<sup>130</sup>

Pela referência acima, é sintomático o posicionamento do grupo, acusando a Companhia e, por tabela, o próprio estado de impotente e golpista, afirmando que tais atitudes levaram ao extremo os ferroviários, que sem ter mais nenhum outro recurso, foram obrigados a recorrer à greve. Repare que a greve é apenas o último recurso e ela só é lícita a partir do momento em que todas as possibilidades de conciliação e diálogo cessam. Por isso é que o referido jornal faz questão de salientar que tais reclamações vem sendo feitas há muito tempo, não restando mais nada a fazer os operários, a não ser a paralisação:

“Há muito tempo que os grevistas de agora vinham fazendo as suas reclamações, mas a poderosa Companhia (...) não quis tomar em consideração as queixas dos seus empregados”.<sup>131</sup>

Tais queixas devem-se, entre outras, aos baixos salários recebidos pelos ferroviários:

“Na quadra que atravessamos a ninguém surpreendeu a atitude dos empregados inferiores da famosa Companhia, procurando por meio da abstenção do trabalho, fazer com que os dirigentes dela, aumentem seus míngados vencimentos”.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> Cf. *Jornal A PAZ*, edição de 25/03/1920.

<sup>131</sup> Cf. *Idem*.

<sup>132</sup> Cf. *Idem*.

Além dos “minguados vencimentos”, os ferroviários queixavam-se muito das condições de trabalho, principalmente do turno da noite, da extensa jornada de trabalho, além dos inúmeros descontos feitos pela Leopoldina sem justificativa:

“(…) Iniciando o seu trabalho de madrugada e sujeitando-se às intempéries do tempo, não tem uma hora fixa de saída, sendo o seu trabalho retribuído com umas dezenas de mil réis, sujeitos a descontos”.<sup>133</sup>

Ainda acompanhando os relatos do jornal, na segunda-feira, o trem-correio teria subido a serra com uma forte escolta policial. Entretanto, nada trouxera, apenas três maquinistas disfarçados que foram logo apanhados e desmascarados pelos grevistas. Tais maquinistas utilizados como fura-greves eram, segundo Claudio Batalha, marinheiros cedidos pelo governo,<sup>134</sup> o que evidencia ainda mais as ligações entre a Leopoldina e o Estado.

A estação, onde há dias não chegavam correspondências, estava completamente cheia, e ao saber dos incidentes dos maquinistas apanhados pelos grevistas, passou a haver, segundo o mesmo jornal, uma “completa balbúrdia”.

Contudo, o pior ainda estava por vir. Depois de serem libertados os maquinistas, o trem estava marcado para retornar às 14 horas. Entretanto, um telegrama da esposa de um dos maquinistas advertira-o para que não prosseguisse, pois corria perigo de morte. O maquinista então teria se recusado a prosseguir, sendo por isso interpelado pela polícia. Isto teria gerado um grande conflito:

“A essa violência em começo de execução reagiu a população ali presente arrebatando das mãos dos policiais o maquinista e dando-lhe fuga (...) Estabeleceu-se então um conflito que ia assumindo as mais sérias proporções, e de que resultou várias contusões e ferimentos em grevistas e populares”.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> Cf. Idem.

<sup>134</sup> BATALHA, Claudio – O Movimento Operário na Primeira República, RJ, Jorge Zahar Editor, 2000, p. 55.

<sup>135</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 25/03/1920.

Apesar disso, o trem seguiu seu itinerário. Todavia, na terça-feira, o trem-correio sobe a serra sendo escoltado por um destacamento policial como nunca antes se vira na cidade. Também neste dia é anunciado um desfecho para a querela:

“O Governo Federal assumiu para com os operários compromissos sabemos de forças pelos meios ao alcance, a Companhia Inglesa a respeitar as mais justas pretensões dos brasileiros em greve, e com essa garantia, formal e categórica, deliberam os grevistas daqui, naturalmente de acordo com os diretores do movimento, apresentarem-se o trabalho retomando cada qual o seu cargo”.<sup>136</sup>

Pelo artigo acima exposto, percebemos a forte presença do Estado no desenrolar do movimento, mostrando também a enorme intolerância dos diretores da Leopoldina, que se negaram a negociar com os grevistas, cabendo a membros do governo o papel de intermediários.<sup>137</sup>

Voltando as disputas políticas locais, o que chama a atenção nessa greve é a extensa cobertura do Jornal *A PAZ*, que, como sabido, era contrário à política de Nilo Peçanha. Por outro lado, o outro grupo político da cidade, tendo como órgão divulgador de suas idéias o Jornal *Cidade de Friburgo*, apenas lança uma nota dispersa relatando a paralisação do tráfego entre Friburgo, Portela, Porto-Novo e Estações Intermediárias<sup>138</sup>, diferentemente da extensa cobertura que dará aos acontecimentos verificados nas Fábricas Ypú e Arp, neste mesmo ano, que serão agora analisadas.

### Novamente uma Greve na Ypú e na Arp

Em 1920, além da greve dos ferroviários da Leopoldina, ocorrerá uma das mais importantes manifestações dos operários friburguenses. Os jornais da cidade, evidentemente, darão maior ou menor importância à greve de acordo com o seu posicionamento político, de tal maneira que o jornal *A Cidade de Friburgo*, em artigo

---

<sup>136</sup> Cf. Idem.

<sup>137</sup> BATALHA, Claudio – *O Movimento Operário na...*, op. cit, p.55.

<sup>138</sup> Cf. Jornal *Cidade de Friburgo*, edição de 21/03/1920.

intitulado “A Greve Geral dos Operários das Fábricas de Propriedade de M. Sinjen & Comp. e M. Falk & Comp.” relata, em tons bastante ásperos, a justificativa do movimento, denunciando as precárias situações do operariado de Nova Friburgo, ao afirmar que:

“A greve do operário é a manifestação da sua angústia, da sua opressão, da sua miséria, por um lado, e, por outro, a denúncia da perversão, da corrupção moral dos ricos e burgueses, sórdidos, avaros exploradores do capital que as gerações proletárias vêm, escravas, acumulando desde os mais antigos tempos”.<sup>139</sup>

Tal greve teria sido declarada na manhã do dia 16 de março, tendo sido iniciada na fábrica Ypú e se propagado para a fábrica Arp. Segundo o mesmo jornal, tal movimento se tornara inevitável, pois “há muito reclamam os operários contra a insuficiência dos salários, excesso de trabalho e penalidades injustas a que se vêm condenados”. Mas o estopim da greve ocorreu com a demissão de alguns menores que se dirigiram ao gerente da fábrica – um alemão – solicitando aumento salarial:

“Era inevitável a insurreição, cuja explosão afinal se verificou no momento em que o gerente, um alemão da fábrica do Sr. M. Falk, num gesto de brutalidade, colérico, despedia alguns menores que a ele se dirigiam com uma solicitação de melhoria de salários”.<sup>140</sup>

Após serem despedidos os menores que se dirigiram ao gerente da fábrica, todos os trabalhos foram interrompidos, e os operários da Ypú se dirigiram à fábrica Arp, com o intuito de obterem solidariedade de seus “companheiros de infortúnio”. Após a imediata adesão dos trabalhadores desta fábrica, formou-se uma grande passeata em direção ao centro da cidade, onde se realizou uma manifestação com vários discursos proferidos pelas principais lideranças. Dentre elas, a mais importante seria a do jornalista e advogado Comte Bittencourt, importante político da cidade, que nos anos 30 contribuiu para a fundação dos primeiros sindicatos dos trabalhadores em Nova Friburgo, tais como o Sindicato dos Têxteis e dos Trabalhadores na Construção Civil (o que será discutido em momento posterior). Positivista, com o trabalho realizado junto aos operários, tornou-se uma figura

---

<sup>139</sup> Cf. Idem.

<sup>140</sup> Cf. Idem.

política de expressão, talvez o único membro do grupo getulista com cacife para enfrentar nas urnas o poderoso adversário político, Dr. Galdino do Valle Filho. Nos primeiros dias de 1932, entretanto, uma apendicite aguda o matou, nos seus jovens 36 anos.

Natural de Pádua, Comte Bittencourt havia se transferido para Nova Friburgo em 1916, filiando-se ao partido do então interventor no município Sílvio Rangel, nomeado pelo Governador Nilo Peçanha. Foi secretário da Câmara Municipal e diretor do jornal “A Cidade de Friburgo”. Com a saída de Rangel do município, após a vitória de Galdino nas eleições para a Prefeitura, Comte assumiu a liderança do Partido Republicano do Estado do Rio de Janeiro, controlado por Nilo Peçanha e conduziu, em 1929, a campanha pró-Getúlio Vargas na cidade, apoiando, depois, a Revolução de 1930.<sup>141</sup>

Mas voltando ao desenrolar dos acontecimentos, os operários das fábricas Ypú e Arp publicam um boletim reafirmando os reais motivos que levaram à paralisação das atividades produtivas. Dentre eles, a que se refere ao tratamento e salário diferenciado do trabalhador alemão em relação ao trabalhador brasileiro é bastante salientado:

“Debalde têm os operários apelado para os sentimentos de bondade dos seus patrões! Eles nada ouvem; tornam-se, ao contrário, mais opressores, fazem maiores as suas imposições. E isso ao mesmo tempo que proporcionam todas as regalias aos seus patrícios alemães, os quais são pagos mais que generosamente. Dir-se-ia que reservam para estes aquilo que injustamente subtraem aos operários brasileiros”.<sup>142</sup>

Percebemos, pelo fragmento acima, que a questão do tratamento diferenciado, além dos salários superiores por parte dos operários alemães em relação aos operários brasileiros, aparece mais uma vez, com a diferença que ao contrário da greve analisada em 1917, agora a questão se coloca de maneira muito mais explícita. Isto não significa, contudo, uma repetição de questões passadas. Ao contrário, significa que problemas não resolvidos são agora colocados sob patamares novos. É o que afirma José Sérgio Leite Lopes,

---

<sup>141</sup> Cf. reportagem sobre Comte Bittencourt publicada quando de sua morte, na edição de janeiro de 1932 do jornal “O Friburguense”.

<sup>142</sup> Fragmento do boletim publicado pelo jornal *Cidade de Friburgo*, em 21/03/1920 e assinado por uma comissão de operários da Ypú e da Arp.

analisando o caso dos trabalhadores têxteis em Paulista/Pernambuco, lançando mão de certos argumentos utilizados por Marx em “*As Lutas de Classe na França*”:

“Se é uma constante dos movimentos revolucionários, o fato de que cada nova revolução toma emprestado de revoluções passadas suas palavras de ordem, seus nomes, suas efemérides, suas roupagens e sua linguagem e, mais ainda, tende a reiniciar o seu movimento a partir do ponto em que ele foi deixado no desenlace do surto revolucionário anterior, mesmo que seja para tirar as lições de uma série de derrotas, com mais razão ainda é um movimento reivindicatório localizado”.<sup>143</sup>

Prosseguindo com as reivindicações exigidas pelos operários, é perceptível a situação de exploração a que são submetidos, trabalhando mais de 10 horas sem extraordinários. A situação das operárias é ainda pior, recebendo uma “quantia mesquinha” que varia entre 1\$000 e 2\$000. Entretanto, é a situação das crianças que salta aos olhos, trabalhando mais de 10 horas e recebendo multas por qualquer infração:

“As crianças sofrem a mesma injustiça. Não ganham mais que 1\$600, sendo que a maior parte da multidão de pequenos, com serviços de mais de 10 horas, percebe o mínimo salário de ... 1\$000. E pelas faltas mínimas recaem sobre eles multas absurdas”.<sup>144</sup>

Toda essa situação, segundo João Raimundo de Araújo, origina-se do fato de que como as fábricas Arp e Ypú eram as duas maiores da cidade, possivelmente as formas de exploração do trabalho nelas implantadas deviam servir de exemplo para as outras menores empresas existentes. Por outro lado, exploração e disciplinarização do trabalho tornavam evidentes, ao percebemos as denúncias quanto às multas constantemente impostas aos operários. Os baixos salários e ainda as subtrações decorrentes das multas tornavam dramática a situação dos empregados das fábricas de Nova Friburgo.<sup>145</sup>

---

<sup>143</sup> LOPES, José Sérgio Leite – A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés, Brasília, Marco Zero e UnB, 1988, p. 245.

<sup>144</sup> Fragmento do boletim publicado pelo jornal *Cidade de Friburgo*, em 21/03/1920 e assinado por uma comissão de operários da Ypú e da Arp.

<sup>145</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit., p. 231/232.

Em função de toda essa situação, é marcada para o dia 17, às 12 horas, uma assembléia na Sociedade União Beneficente Humanitária dos Operários (SUBH), sendo ventiladas as bases de uma representação dos proletários às firmas proprietárias das fábricas, contando com a presença de autoridades da cidade, como o próprio Comte Bittencourt, que fez uso da palavra por diversas vezes, sendo aplaudido pelo operariado. À noite é feita uma segunda assembléia na qual é elaborado um panfleto contendo as reivindicações exigidas pelos trabalhadores. Contudo, antes de nos determos às bases de tais reivindicações, faz-se necessário examinar o papel desempenhado por tal sociedade – a SUBH.

Desde fins do século XIX, após a criação do ramal serrano da Estrada de Ferro Leopoldina Railway, podemos observar uma maior circulação dos operários desta empresa no espaço de Nova Friburgo. Além de maquinistas, foguistas e bilheteiros, verificamos também operários do setor de conservação dos trens, já que em Nova Friburgo instalara-se oficina responsável por consertos e manutenção de máquinas, carros e linhas da ferrovia. Os operários responsáveis pelas tarefas acima citadas, em 1893 irão criar a Sociedade União Beneficente Humanitária dos Operários (SUBH) de Nova Friburgo, cujo caráter centrava-se na instalação de um projeto assistencialista, de ajuda aos membros filiados a ela.

Em 1900 foi aprovada pela Assembléia Geral dos Sócios a Lei Orgânica da entidade entrando em vigor a partir do ano de 1901<sup>50</sup>. As preocupações mutualistas irão se acentuar após a doação à entidade, feita por um sócio, de grande terreno onde se edificaria, um conjunto de casas que seriam alugadas aos sócios:

“Em outubro de 1901, pelo saudoso Manoel José Rodrigues Sobrinho foi feita a doação de um terreno contíguo a nossa sede, representando um donativo de grande vulto para esta associação. Tendo sido condicional esta doação isto é, para que se construíssem no terreno casas de pequeno aluguel para serem ocupadas por pessoas menos favorecidas da sorte, ficava tolhido o direito desta sociedade utilizá-lo de modo mais proveitoso para seus cofres”<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> Discurso proferido pelo Sr. João Moura, Presidente da SBHO, publicado pelo Jornal “A Paz”, nº 15, de 22/03/1926, arquivos do Pró – Memória da PMNF, citado por Idem, p. 225.

<sup>51</sup> Idem, *Ibidem*, p. 226.

A sede da Sociedade situava-se na rua D. Umbelina, localizada entre a rua General Argollo e a Avenida Nova Friburgo. No amplo terreno recebido através da doação condicional, conforme o relato do presidente João Moura, em 1923 foi iniciada a construção de casas que viriam a tender as necessidades de moradia de algumas famílias operárias:

“Em 02 de agosto de 1923 foi contraído por esta sociedade um empréstimo de 10 contos de réis, com garantia hipotecária que, adicionando a importância de 17 contos de réis mais ou menos existentes na Caixa Econômica Federal foram empregados na construção de 2 prédios existentes que nesse mesmo ano ficaram concluídos<sup>52</sup>.”

Como pode se constatar, tal sociedade tem em suas bases ações de cunho assistencialista. É o chamado leque de “serviços mínimos” oferecido por todas as sociedades: auxílio funeral; pensão para a família no caso de falecimento; e pensão por invalidez<sup>146</sup>. Em muitos casos, a atuação de sociedades como a SUBH não implicava em lutas reivindicatórias. O próprio João Raimundo de Araújo, analisando a SUBH, defenderá o postulado de que:

“O caminho percorrido pela Sociedade Beneficente Humanitária dos Operários de Nova Friburgo fora traçado, com régua e compasso, na direção do mutualismo e da filantropia, sem jamais questionar as relações de trabalho capitalistas.”<sup>147</sup>

Ainda segundo o mesmo autor:

“Em nenhum momento podemos perceber, esta entidade caminhando em direção que não fosse a da ajuda filantrópica a seus filiados. Nos momentos de conflito, de explicitação da luta de classes, nas greves que colocavam em confronto direto entre patrões e empregados, a Sociedade Humanitária jamais se fez presente através de seus dirigentes ou mesmo, de algum discurso em favor do operariado

---

<sup>52</sup> Idem, p. 226.

<sup>146</sup> BATALHA, Cláudio – Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro no Século XIX: Algumas Reflexões em torno da Formação da Classe Operária, Cadernos do AEL, nos. 11/12, Campinas, 2000, p. 60

<sup>147</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit., p. 226.

friburguense. O máximo que pudemos verificar, aconteceu por ocasião da Greve Operária de 1920, quando sua sede fora emprestada para que se realizassem as assembléias operárias.”<sup>148</sup>

É bem verdade que, como expõe José Murilo de Carvalho, foi grande a luta das lideranças para transformar organizações de assistência e cooperação em órgãos de luta ou de resistência, sendo muitas vezes inglórias essas lutas.<sup>149</sup> Entretanto, algumas associações de caráter mutualista acabaram incorporando funções de resistência<sup>150</sup>, e a atuação da SUBH nesta greve parece indicar algo mais do que simplesmente o empréstimo de uma sala para a assembléia dos operários. Neste momento, contudo, vale a pena mencionar as exigências transformadas em boletim pelos trabalhadores:

“... Eis o que reclamamos:

- a) 50% de aumento para os nossos salários em geral;
- b) equiparação dos vencimentos dos operários nacionais aos dos estrangeiros de igual categoria;
- c) dia de 8 horas de trabalho;
- d) as horas excedentes pagas como extraordinárias;
- e) o trabalho extraordinário à noite pago à razão do dobro do diurno;
- f) almoço às 10 horas (45 minutos pára o almoço) e café a 1 hora (15 minutos para o café);
- g) modificação do regime disciplinar, com a abolição das penas injustas;
- h) não pagarem os operários a linha e agulhas que casualmente se danificarem;
- i) liberdade da escolha do médico e da farmácia para o tratamento por conta da Caixa Beneficente de que somos contribuintes;

---

<sup>148</sup> Idem, *Ibidem*, p. 226.

<sup>149</sup> CARVALHO, José Murilo - *Os Bestializados*, SP, Cia das Letras, 1987, p. 145.

<sup>150</sup> Cf. *Jornal Cidade de Friburgo*, edição de 21/03/1920.

- j) garantia de trabalho efetivo, e só ser tomada a medida de exoneração de operários por falta verificada em inquérito em que funcionem, além de representante eletivo dos operários;
- k) admissão ao trabalho de todos os operários em greve;
- l) pagamento dos dias da presente greve ....”

O interessante é que enquanto o jornal *A Cidade de Friburgo* faz essa extensa cobertura, o jornal *A PAZ* apenas coloca uma nota em suas páginas relatando a ocorrência da greve, afirmando que “entre o Sr. Conselheiro Julius Arp e Dr. Galdino do Valle Filho tem havido trocas de telegramas, com o fim de estabelecer o serviço nas fábricas cujo pessoal se acha em greve desde segunda-feira da semana passada”.<sup>151</sup>

Mas voltando à greve, a resposta dos dirigentes da fábrica Ypú, pelo menos no que diz respeito aos itens mais importantes, é negativa:

“a) À vista da situação precária da nossa indústria não é possível conceder aumento de salário à totalidade dos operários.

b) Não há diferenças de salários para os operários nacionais e estrangeiros de igual categoria.

(...)

g) Não há regime disciplinar propriamente dito. A diretoria espera somente que cada um cumpra o seu dever, não perturbe a boa marcha do serviço e respeite a moral. Quem não se apresentar pontualmente na hora do começo do serviço paga uma multa conforme a tabela já há muito estabelecida, e cujo produto reverte para a Caixa Beneficente.

(...)

j) A firma reserva-se o direito de despedir o operário que se portar inconveniente. Tanto a firma quanto a gerência da fábrica procederão em cada caso determinado com a maior ponderação e calma. Em sete anos de existência da fábrica nunca houve um caso grave de atrito entre a gerência e os operários; sempre reinou a mais perfeita harmonia entre ambas as partes.

(...)

l) Não serão pagos os salários para os dias em greve.”<sup>152</sup>

<sup>151</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 25/03/1920.

<sup>152</sup> Cf. Jornal *Cidade de Friburgo*, edição de 28/03/1920.

Como é possível perceber, a direção da Ypú se mostrou intransigente em pontos considerados cruciais para os operários. Em primeiro lugar, alega dificuldades financeiras; depois, diz não haver diferenças salariais entre operários brasileiros e alemães, o que é no mínimo estranho, pois se tratava de uma reivindicação central para os operários nacionais. Além disso, diz não haver regime disciplinar propriamente dito e que a firma reserva-se o direito de despedir quem ela achar que se portou inconveniente, ou seja, parte de uma interpretação da própria firma. Por fim, diz que não vai pagar os salários para os dias em greve. Em relação às outras exigências, a firma cede. Entretanto, os operários da fábrica Ypú consideram falha a resolução do primeiro item.

Em 30 de março de 1920, após interferência do prefeito interino, Silvio Rangel, publicava-se nas respectivas empresas, as decisões dos empresários, quanto às reivindicações operárias, que levaram ao fim da greve. Na fábrica M. Falk e Comp., conhecida como Fábrica Ypú, era afixado o seguinte aviso:

“... de 1º de abril em diante os salários por dia serão convertidos em salários por hora, com um aumento de 10% (dez por cento).”<sup>153</sup>

Anteriormente, conforme nota publicada no jornal *Cidade de Friburgo*, a gerência da empresa havia confirmada a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias. Verdadeiramente, a redução das horas de trabalho associado à transformação dos trabalhadores, de diaristas para horistas implicava em redução salarial.

A solução dada pela Fábrica Arp não diferia daquela aplicada à fábrica Ypú. O aviso afixado no portão da empresa M. Sinjen e Cia., assim se referia:

“De 1º de abril em diante introduzimos nesta fábrica o dia de trabalho de 8 horas, recebendo os operários o ordenado que até agora recebiam.

Tendo a fábrica atualmente suficientes pedidos que lhe permitem dar aos operários oportunidade de fazer serões concordamos em continuarem a trabalhar pelo horário presente (isto é 9 ½ horas para a turma do dia e 9 para a

---

<sup>153</sup> Cf. Jornal *Cidade de Friburgo*, edição de 03/04/1920.

noite), pagando a fábrica pelo trabalho excedente uma recompensa de 25% da diária.”<sup>154</sup>

Findada a greve em 01/04/1920, o jornal *A PAZ*, que se ausentara da cobertura do movimento, publica, dias depois, uma matéria em homenagem ao Dr. Galdino do Valle Filho, na qual ele é visto como o grande patrocinador do acordo entre os operários e os donos das fábricas:

“E outra coisa não era de se esperar do distinto cavalheiro que a todos sabe cativar com a fidalguia de seu trato, jamais se negando a defender os interesses dos pequenos e oprimidos.”<sup>155</sup>

Apesar do que é relatado pelo artigo, o fato é que tanto os industriais quanto o grupo a eles ligados viveram dias de aflição, apenas se posicionando publicamente sobre a questão após terminada a greve, que, se de um lado, não foi suficiente para aumentar os salários dos operários, em função da estratégia do pagamento por horas e não por dia, por outro, serviu para mostrar o poder de mobilização dos trabalhadores, além de outras conquistas que puderam ter com o movimento.

Após esse episódio, contudo, Nova Friburgo só contará com um outra greve em 1929. Ainda sim, o seu conteúdo é bastante diferente das analisadas até agora. Neste sentido, e guardando as devidas proporções, o comentário de Eulália Lobo sobre movimentos grevistas no Rio de Janeiro é bastante elucidativo e pode ser aplicado em Nova Friburgo:

“Na primeira fase (1890-1920) observa-se um maior número de greves que tendem a convergir para movimentos gerais. Já na segunda fase (1920-1929) verifica-se uma evolução oposta, com diminuição do número de greves e a tendência a se fragmentar em movimentos localizados, por empresa”<sup>156</sup>.

---

<sup>154</sup> Cf. Idem.

<sup>155</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 08/04/1920.

<sup>156</sup> LOBO, Eulália M. L – “A Situação do Operariado no Rio de Janeiro” in LOBO, Eulália M. L (coord). – Rio de Janeiro Operário, RJ, ACESS Editora, 1992, p. 31

## A Greve na Fábrica Filó

Em março de 1929, os trabalhadores da Fábrica Filó, que se instalara em 1926, pararam as atividades produtivas. Tal fato mereceu destaque na primeira página do jornal *A PAZ*, que em artigo intitulado “*A Greve da Fábrica de Filó*”, apresenta os motivos que levaram os operários a se declararem em greve, pois:

“Reclamam aumento de vencimentos que julgavam inferiores às suas necessidades, pleiteando os ordenados percebidos pelos operários das demais fábricas do município”.<sup>157</sup>

Apesar disso, o jornal elogia a postura dos trabalhadores, que, embora “abstendo-se do serviço, mantiveram uma atitude pacífica e de absoluta calma”.

Por informação do mesmo jornal pudemos verificar que a condução do movimento fora feita por uma Comissão de Operários, que indicara o Delegado de Polícia e o político municipal Alberto Meyer como representantes seus nas negociações com a gerência da fábrica. A negociação fora assim relatada:

“Com surpresa para eles, ouviram do Dr. Siems [diretor da Fábrica Filó] a declaração que, pelo contrário, era aquela fábrica que concedia vencimentos mais altos excetuados os tecelões de fitas”.<sup>158</sup>

O desfecho da querela mostra um comprometimento da direção da Fábrica Filó, afirmado por escrito em carta, que corrigiria a tabela de vencimentos dos operários que tivessem salários inferiores aos verificados em outros estabelecimentos fabris da cidade, desde que eles voltassem ao trabalho, sendo exatamente o que o operariado fez.

Esta greve, verificada na cidade nove anos após a emergência da última, em 1920, já havia sido analisada com muita propriedade por João Raimundo de Araújo.<sup>159</sup> Entretanto, em pelo menos um aspecto parece haver desacordo entre a sua abordagem e esta que agora

---

<sup>157</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 24/03/1929.

<sup>158</sup> Idem

<sup>159</sup> ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo.... op. cit.

se apresenta. Isto porque, segundo João Raimundo, é possível verificar uma “certa ingenuidade do movimento, ao convocar um representante da polícia local para servir de interlocutor nas negociações com a empresa.”<sup>160</sup>

Todavia, trabalhos recentes procuram demonstrar que, em determinados casos, os trabalhadores declaravam ao chefe de polícia que entrariam em greve como uma tática para evitar uma repressão mais contundente da polícia. É o que afirma Marcela Goldmacher:

“A tática poderia significar tanto o reconhecimento da autoridade, quanto uma tentativa de prevenir a repressão, apresentando-se antes à polícia como grevistas, mas não desordeiros”.<sup>161</sup>

E essa diferença entre grevistas e desordeiros é explorada com bastante intensidade pelo jornal *A PAZ*, primeiro ao elogiar a postura dos grevistas, como relatado acima, depois, ao afirmar que:

“Embora entendamos que a greve é um direito garantido pelas leis, a arma mais forte que dispõem as classes operárias, achamos por isso mesmo que só deve ser usada nos momentos extremos, quando fracassadas todas as reclamações desatendidas pelos patrões. Fazê-la como protesto (...) é *comprometer uma causa* tantas vezes justa e imperiosa. É *contraproducente* mesmo”.<sup>162</sup>

Por fim, há toda uma construção que caminha de encontro com a visão do Mito da Suíça Brasileira, quando procura demonstrar que os trabalhadores friburguenses são educados, sinceros e leais, características que o Sr. Siems não deveria estar acostumado e que deveria tê-lo surpreendido:

“Não nos furtaremos porém o desejo de chamar para o caso a atenção do Sr. Siems, que, pouco conhecedor ainda do nosso meio trabalhista, pode ter nessa emergência o ensejo de

---

<sup>160</sup> Idem, *Ibidem*, p. 235.

<sup>161</sup> GOLDAMACHER, Marcela – Movimento Operário: Aspirações e Lutas, Rio de Janeiro, 1890-1913, Niterói, 2005, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense p. 62.

<sup>162</sup> Cf. Jornal *A PAZ*, edição de 24/03/1929 (grifos meus).

ver que se trata de homens leais e sinceros de quem tudo se consegue com o trato delicado e cortes, fazendo justiça.”<sup>163</sup>

Ainda em 1929, podemos visualizar a formação do Partido Comunista na cidade. Conforme depoimento de dois velhos militantes comunistas, José Pereira da Costa Filho e Francisco de Assis Bravo, o Partido vinha tentando se organizar na cidade desde 1925<sup>164</sup>, acompanhando uma expansão do PC para outras áreas a partir de 1926<sup>165</sup>. Os dois reuniram trabalhadores de fábricas e de outros setores na sede da Banda de Música Campesina, onde discorreram sobre a vida na União Soviética e sobre os ideais do Partido. No entanto, somente quatro anos mais tarde, uma segunda reunião no bairro Vilage, concretizou a criação do PC no município, com a eleição de uma direção. Entretanto, a Revolução de 1930 pegou de surpresa o Partido, paralisando suas ações que só seriam retomadas quando da fundação dos primeiros sindicatos de trabalhadores na cidade.<sup>166</sup>

Fazendo um breve balanço da “Revolução de 1930” e seus desdobramentos em Nova Friburgo, podemos verificar uma maior importância que é dada à industrialização. Carlos Nelson Coutinho vê nesse período um embrião de uma sociedade civil, ou seja, a presença de um terreno para a disputa de hegemonia. Assim ele coloca:

“Começa assim a surgir, com a introdução do capitalismo, com o início das lutas operárias e com as agitações das camadas médias, um germe do que se poderia chamar de “sociedade civil”<sup>167</sup>”.

Entretanto, a “pedra de toque”<sup>168</sup> deste modelo estabelecido no pós 30, foi a implantação de uma legislação trabalhista e sindical. Contudo, o estudo não se esgota na análise da legislação trabalhista. Apesar do controle estatal, foi possível desenvolver uma atuação relativamente autônoma dentro de certos limites<sup>169</sup>. É o que expõe Eulália Lobo:

---

<sup>163</sup> Idem

<sup>164</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.* p. 57/58.

<sup>165</sup> GOMES, Angela de Castro – *A Invenção do Trabalhismo*, SP, Vértice, 1988, p. 174.

<sup>166</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.* p. 58.

<sup>167</sup> COUTINHO, Carlos Nelson – *Cultura e Sociedade no Brasil*, Oficina de Livros, p. 22

<sup>168</sup> MENDONÇA, Sonia Regina – *Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento*, RJ, Graal, 1986, 3ª edição, p. 31.

<sup>169</sup> LOBO, Eulália M. L. – “Estado, Movimento Operário e Condições de Vida no Rio de Janeiro (1930-1960)” in LOBO, Eulália M. L. (coord) – *op. cit.* p. 13.

“Dentro desta perspectiva, atribuímos importância significativa às relações entre operariado e Estado sem incidir na prática de interpretar o comportamento operário a partir do Estado e dos empresários<sup>170</sup>”.

A partir dessas questões, podemos entender a formação dos primeiros sindicatos em Nova Friburgo, impulsionada pelo Ministério do Trabalho, após o decreto de Getúlio Vargas regulamentando a sindicalização das classes patronais e operárias, em 1931. Neste ano, com a presença de um alto funcionário do Ministério do Trabalho, foram criadas, em primeira instância, a Aliança dos Trabalhadores das Fábricas de Tecidos de Nova Friburgo e a União Friburguense dos Trabalhadores em Construção Civil. Os operários das indústrias têxteis formalizaram, no dia 17 de abril daquele ano, a fundação do sindicato, batizado então de União dos Trabalhadores das Fábricas de Tecidos de Nova Friburgo.

Chama a atenção neste processo de fundação dos sindicatos a atuação do jornalista e advogado Comte Bittencourt, que, como já foi dito em momento anterior, era uma importante liderança ligada a Getúlio. A sua presença é tão importante nesse processo que os trabalhos da assembléia que fundam o sindicato são iniciados e conduzidos por ele, relatando as vantagens da sindicalização:

“Deu início aos trabalhos o Dr. Comte Bittencourt, e com suas palavras de conforto ao proletariado de Friburgo, disse que a vantagem dos operários friburguenses de unirem-se em associação de classe era indiscutível, porque unido melhor defenderia os seus direitos junto às autoridades competentes”.<sup>171</sup>

Em seguida, foi fundado o Sindicato União dos Trabalhadores das Fábricas de Tecido de Nova Friburgo e aclamada a seguinte diretoria que provisoriamente tratará de sua organização: Oscar Fernandes Ermes, presidente; Miguel Lesso, vice-presidente; Washington Bastos, secretário geral; Waldir Moraes, 1º secretário; Antônio Mário de Azevedo, 2º secretário; João Chrisostomo dos Santos, 1º tesoureiro; José Costa, 2º tesoureiro; Oscar Gonçalves, procurador; e Feliciano Moreira, bibliotecário.<sup>172</sup>

---

<sup>170</sup> Idem, *Ibidem* – p. 13.

<sup>171</sup> Cf. Ata n.º 1 (Fundação da Sociedade Operária União dos Trabalhadores das Fábricas de Tecido de Nova Friburgo), de 17 de abril de 1931.

<sup>172</sup> Idem.

No dia 28 de abril do mesmo ano, é convocada uma nova assembléia para tratar da elaboração dos estatutos do sindicato, que ficaram a cargo do “patrono” Comte Bittencourt<sup>173</sup>.

Em 1 de novembro de 1931, foram aprovados os estatutos do Sindicato na Sociedade Musical Euterpe Friburguense, em Assembléia Geral, sendo que antes houve uma palestra do “patrono” Comte Bittencourt que falava das vantagens da sindicalização.<sup>174</sup>

Pelo que se pode perceber, a figura de Comte, o “patrono” dos operários, é importantíssima. Em todas as assembléias é ele quem dá início aos trabalhos, que relata as vantagens da sindicalização, enfim, sua presença é requisitada e aplaudida pelos operários friburguenses. Isto, evidentemente, faz sentido dentro de uma visão de um sindicalismo oficial, que tem objetivos bastante claros: servir como interlocutor dos trabalhadores junto ao governo e vice-versa, funcionando por dentro do Estado, como órgão público e, portanto, submetido também às diretrizes das demais instâncias governamentais.<sup>175</sup>

As direções dos sindicatos eram controladas, portanto, por trabalhadores pró-Getúlio. Em contrapartida, paralelamente à estrutura sindical oficial, o Partido Comunista, estruturado na cidade desde 1929, organizava a Fração Sindical, a orientar a atuação dos seus militantes dentro dos sindicatos. A própria presença de José Pereira da Costa Filho, um dos fundados do PC e membro da primeira diretoria do Sindicato dos Têxteis comprova essa questão.

Os comunistas, pressionando as diretorias dos sindicatos a uma ação mais firme contra os patrões, que burlavam os direitos recentemente conquistados, como as leis de férias, lançaram, então, uma Carta de Reivindicações, com a intenção de mobilizar os trabalhadores a partir de propostas como “trabalho igual, salário igual”, visando a igualdade de salários para homens, mulheres e crianças. Propunham reajuste salarial de 25% para os adultos homens e 50% para crianças e mulheres, além de licença-maternidade de quatro meses e creches nos locais de trabalho. Segundo Ricardo Costa, as duas últimas

---

<sup>173</sup> Cf. Ata de 28 de abril de 1931.

<sup>174</sup> Cf. Ata de 1 de novembro de 1931.

<sup>175</sup> MATTOS, Marcelo Badaró – O Sindicalismo Brasileiro Após 1930, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 12-13.

reivindicações eram consideradas absurdas pelos próprios operários. Nas palavras de José Costa: “Que besteira é essa? O operário tem o filho e o patrão é quem vai pagar?”<sup>176</sup>

### A greve de 1933

A Carta não obteve resultados práticos, em termos de conquistas efetivas, mas serviu para provocar discussões entre os trabalhadores e iniciar uma mobilização, resultando num forte movimento grevista em janeiro de 1933. Tal movimento já foi analisado por outros historiadores da cidade, como Ricardo Costa<sup>177</sup> ou João Raimundo de Araújo<sup>178</sup>, sendo apontado como uma grande mobilização capaz de levar o temor às próprias autoridades estaduais. Tal greve marca uma nova fase do movimento operário em Nova Friburgo, nutrido, evidentemente, pelas lutas das décadas de 1910 e 1920.

Aos quatro dias de janeiro de 1933 estouraria, na Fábrica de Rendas Arp, uma greve que se alastraria para outras indústrias têxteis da cidade, conseguindo a solidariedade dos trabalhadores da Filó, Ypú, Rio Branco, Casemira e Beauclair, como aponta o Jornal *O Nova Friburgo*:

“Os operários da Fábrica de Rendas, Filó, Casemira e outras indústrias desta cidade, têm permanecido em greve nestes últimos dias”.<sup>179</sup>

O mesmo jornal nos fornece algumas razões pelas quais tal movimento tenha se iniciado e as condições exigidas para o seu fim:

“Essa greve só cessará, segundo fomos informados, com o afastamento do Gerente da Fábrica de Rendas, Sr. Richard Ihns, e o aumento dos respectivos salários dos referidos operários.”<sup>180</sup>

---

<sup>176</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – op. cit. p. 58.

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> Cf. ARAÚJO, João Raimundo – Nova Friburgo..., op. cit.

<sup>179</sup> Cf. Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 05/01/1933.

<sup>180</sup> Cf. Idem.

Richard Hugo Ihns é um personagem bastante interessante, pois em 1917, ou seja, durante a Primeira Guerra Mundial, foram apreendidos, pelo governo brasileiro, navios alemães, ficando a tripulação prisioneira. A esses prisioneiros era permitido empregar-se na cidade, desde que fosse mediante comunicado à 1ª comissão militar. Alguns prisioneiros serão empregados nas fábricas de Nova Friburgo, dentre eles o oficial Richard Hugo Otto Ihns que, em 1919, assume a direção da Fábrica de Rendas, sendo um dos seus diretores até 1960<sup>181</sup>.

Segundo vários grevistas, entrevistados pelo mesmo jornal, além de freqüentemente admoestar e humilhar os empregados, sem razão justificável e com palavras ásperas, Hugo Ihns abusava dos descontos sobre os salários pagos a cada quinzena, sem lhes dar qualquer explicação. Só a título de exemplo, reproduzirei um pequeno trecho de um operário chamado David Vieira Torres que, por ocasião da morte de sua filha, foi pedir um abono ao gerente da fábrica, tendo sido muito áspero:

“O Sr. David Vieira Torres disse, com os olhos lacrimosos, que tenho falecido uma sua filhinha foi pedir um abono ao Sr. Richard Ihns para custear os funerais, e que além de não ter sido atendido na sua justa pretensão foi ainda recebido com aspereza; que para efetuar o enterro teve que organizar uma subscrição; que o Sr. Ihns é um homem malquisto; que os operários não o toleram porque têm sido vítimas da sua falta de polidez”.<sup>182</sup>

Ainda relatando os acontecimentos de janeiro, consta que o ritmo de trabalho havia se intensificado bastante, e que no dia do pagamento, qualquer envelope que contenha mais de cem mil réis é violado, além de ter a importância diminuída:

“Antigamente, 14 impeçadeiras produziam 600 peças e que hoje 5 apenas produzem 1000 peças, recebendo salários inferiores ao que percebiam aquelas; que os envelopes de pagamento, sempre que registram quantia superior a cem mil

---

<sup>181</sup> ARAÚJO, João Raimundo – “A Indústria em Nova Friburgo” in: ARAÚJO, João Raimundo & MAYER, Jorge Miguel (coord) – op. cit. p. 191.

<sup>182</sup> Cf. Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 12/01/1933.

réis são entregues com raspagens, completamente viciados, com a importância diminuída”.<sup>183</sup>

Uma outra razão da greve deve-se ao fato do tratamento diferenciado que era dado aos trabalhadores de origem germânica, demitindo, inclusive, seis operários para colocar no lugar, com o salário assim obtido, um seu compatriota:

“(...) teve o desprate de despedir seis operários, (...) a fim de colocar com o salário assim obtido, um seu compatriota”.<sup>184</sup>

Percebemos assim que, além do rígido sistema fabril, a questão dos descontos e dos salários inferiores dos trabalhadores nacionais aparecem novamente, como em outros movimentos já analisados anteriormente, o que nos permite deduzir que de fato isso era uma constante nas fábricas de Nova Friburgo, mesmo que tal fato seja sempre negado.

Em função de tudo isso apresentado – descontos, salários diferenciados, aspereza do gerente... – um movimento que é localizado em sua origem - a Fábrica de Rendas Arp – ganha contornos maiores. Imediatamente os operários de outras fábricas da cidade aderem ao movimento e se dirigem à Praça Paisandu, onde realizaram uma manifestação e, depois de ouvirem vários oradores, partiram em passeata pelo centro da cidade.

Dentre as providências imediatas tomadas pelas autoridades esteve a retirada de armas depositadas no Colégio Modelo, onde se realizavam os treinamentos do Tiro de Guerra, e a sua transferência para a Fábrica de Rendas. No dia seguinte, chegavam em Nova Friburgo representantes do Ministério do Trabalho e o Chefe da Polícia do Estado. A repressão policial redundou na morte de um jovem operário da Fábrica Arp, Licínio Teixeira, que participava das manifestações junto com outros catorze companheiros, todos feridos pelos disparos dos soldados. Conforme explicou Francisco Bravo – um dos fundadores do Partido Comunista da cidade – em entrevista concedida a Ricardo Costa:

“Os soldados teriam atirado para o chão, com a intenção de dispersar os manifestantes e provocaram estilhaços nos paralelepípedos, atingindo os operários.”<sup>185</sup>

---

<sup>183</sup> Cf. Idem.

<sup>184</sup> Cf. Idem.

<sup>185</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.*, p. 58/59.

Segundo a mesma entrevista, Bravo conta ainda que ele e outros companheiros encarregaram-se de pintar uma faixa convocando a população para um ato de protesto contra a repressão policial e a morte de Licínio. Escreveram na faixa, com tinta vermelha: “O sangue de Licínio clama por vingança”, e, segundo Bravo, as pessoas acreditaram que os dizeres haviam sido pintados com o próprio sangue de Licínio.<sup>186</sup> O Jornal *O Nova Friburgo* também faz uma longa cobertura sobre o ocorrido, fazendo questão de ressaltar as qualidades de Licínio.

Ainda segundo o mesmo jornal, os operários da Fábrica Arp tinham razões de sobra para entrar em greve, mas os trabalhadores das outras firmas “somente aderiram aos grevistas por um dever de solidariedade”, pois nelas “reinava entre patrões e empregados a máxima cordialidade”.<sup>187</sup> Como coloca Ricardo Costa:

“Fazendo as devidas ressalvas a respeito de tal comentário, já que os trabalhadores têxteis de Friburgo encontravam-se bastante insatisfeitos com seus salários, (...) o caso da Fábrica de Rendas podia ser entendido como mais grave em função da ação despótica exercida pelo seu gerente, Sr. Richard Hugo Otto Ihns”.<sup>188</sup>

Se, por um lado, se estigmatizava a figura do gerente, por outro procurava-se isentar da responsabilidade pelos acontecimentos o proprietário Julius Arp, apresentado como um homem honrado, respeitável e imaculado, sendo um grande benfeitor da cidade.

Mesmo com toda pressão exigindo a cabeça de Richard Ihns, ele manteve-se à frente da direção da fábrica e somente em assembléia geral extraordinária do Sindicato dos Têxteis, em 07/01/1933, é que se chegará a um acordo para o fim da greve e o retorno dos operários às fábricas. Nesta sessão extraordinária participaram diversas autoridades do Rio de Janeiro, como o chefe de polícia, o presidente da federação proletária do Estado do Rio de Janeiro, dentre outros. Segundo consta na ata, a sessão estava completamente tomada pela multidão de operários:

---

<sup>186</sup> Idem, *Ibidem*, p. 59.

<sup>187</sup> Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 12/01/1933.

<sup>188</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit.*, p. 59.

“Pelas vinte horas o presidente Euclides Nunes de Souza abriu a sessão, na presença de tão grande número de operários quantos cabiam no salão onde se acotovelavam”.<sup>189</sup>

Pelo acordo lido na sessão, ficou estabelecido que os menores de 18 anos a aprendizagem deve de ser de pelo menos 12 meses, recebendo o salário mínimo de R\$0\$300 por hora, reservando-se a gerência o direito de dispensar os mesmos no decorrer do referido período, caso não revelem as qualidades necessárias.<sup>190</sup>

Também ficava estipulado pelo acordo que nenhum operário com mais de 18 anos e mais de 12 meses de serviço contínuo na fábrica receberia menos do que R\$0\$600 por hora e que, para igual trabalho, executado por homens e mulheres, os dois sexos serão equiparados, contemplando uma das exigências contidas na Carta reivindicações: “trabalho igual, salário igual”, visando a igualdade de salários para homens e mulheres. Ainda será abolido o prêmio de 15% sobre assiduidade, sendo incorporado aos salários dos operários, desde que “tal concessão não se mostre prejudicial ao bom andamento do trabalho”.<sup>191</sup>

No item IV que regulamentava o trabalho, ficava estipulado que todos os operários com salário até R\$0\$900 por hora receberão 10% de aumento sobre seus atuais salários, sendo que nenhum operário que recebe acima desse valor será contemplado com o reajuste. Já o item VI prevê a readmissão dos seis operários suspensos por Richard Ihns.<sup>192</sup>

Como se pode perceber, embora os operários não tenham conseguido conquistar tudo aquilo que desejavam, houve conquistas importantes. Todavia, para além dessas conquistas, - que não são insignificantes – o que chamou mais atenção neste movimento foi o nível de organização alcançado pelos trabalhadores friburguenes, só possível, outrossim, graças às lutas travadas em anos anteriores, que possibilitaram um acúmulo de experiências, de estratégias e formas de organização. Pela primeira na cidade os operários de diversas fábricas, sem contar os sindicatos e o Partido Comunista, conseguiram impor limites ao capital, demonstrando assim um amadurecimento e um crescimento da consciência de classe. Foi isto que E. P. Thompson relatou, analisando o fazer-se da classe operária na Inglaterra entre 1790 e 1830:

---

<sup>189</sup>Cf. Ata de 07/01/1933.

<sup>190</sup>Cf. Idem.

<sup>191</sup>Cf. Idem.

<sup>192</sup>Cf. Idem.

“Contudo, uma vez tomadas todas as precauções necessárias, o fato relevante do período entre 1790 e 1830 é a formação da ‘classe operária’. Isto é revelado, em primeiro lugar, no crescimento da consciência de classe: a consciência de uma identidade de interesses entre todos esses diversos grupos de trabalhadores, contra os interesses de outras classes. E, em segundo lugar, no crescimento das formas correspondentes de organização política e industrial. Por volta de 1832, havia instituições da classe operária solidamente fundadas e autoconscientes – sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas, periódicos – além das tradições intelectuais, dos padrões comunitários e da estrutura da sensibilidade da classe operária”.<sup>193</sup>

Ainda pensando essa greve como um marco para o movimento operário em Nova Friburgo, o que mais nos chama a atenção são os sentimentos despertados por ela. Ricardo Costa, em várias entrevistas com Chico Bravo e Costinha, já na década de 1990, notou o quanto aquele movimento de 1933 representara para os dois militantes comunistas e presidentes de sindicatos. Ele percebeu que, em nenhum outro momento posterior, no qual tanto Bravo quanto Costinha estiveram presentes – e não foram poucos estes momentos – houve tanta emoção e riqueza de detalhes de um relato de uma greve como esta que estamos analisando.

Contudo, não foi somente a classe operária friburguense que percebeu o seu enorme potencial reivindicatório. Basta examinar alguns artigos publicados ao longo do ano de 1933 para chegarmos à conclusão de que as classes dominantes locais haviam percebido esse teor. Contudo, procuram exortar os operários para que não ficassem seduzidos pelo comunismo e por suas falsas promessas, destruidoras da moral, dos bons costumes, da família, da pátria e, acima de tudo, dos desígnios de Deus, como este trecho desse artigo:

“Fique alerta o brioso operariado, com aqueles que, dourando palavras e rebuscando frases, o instiga, o impele à violência, à desordem, à arruaça, à chacina, lançando-o contra os que mantêm as indústrias, e, que são o seu sustentáculo.

Alerta, fique, por conseqüência, o digno operariado friburguense, e tenha sempre em sua mente aquelas palavras

---

<sup>193</sup> THOMPSON, E. P. A Formação ..., op.cit, Vol. II, p. 17.

que devem ser o apanágio de todo o homem de bem: Deus, Pátria, Liberdade e Família”.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Cf Jornal *O Nova Friburgo*, 02/02/1933.

### CAPÍTULO III: FUTEBOL E LUTA DE CLASSES

Neste capítulo, pretendo discutir a importância do futebol para a formação de uma dada cultura operária. Para tanto, dividir-se-á a análise em dois focos, não necessariamente excludentes entre si, quais sejam: 1) o futebol como arena de luta de classes; e 2) o futebol como forma de sociabilidade. Sobre o primeiro aspecto, cumpre assinalar que o futebol desempenhou importantíssimo papel de aglutinação de interesses da classe trabalhadora em formação, tendo em vista os enormes obstáculos que se colocavam ante a tal processo. Pretende-se, pois, argumentar, que o futebol exerceu um papel de destaque nesse processo de *fazer-se*, ampliando as possibilidades do operariado friburguense se identificar e atuar como classe, à revelia das condições existentes.

Tais condições devem-se, entre outras, ao fato da distribuição espacial das fábricas alemães permitir um controle estratégico sobre a cidade, o que não foi feito de maneira aleatória ou ingênua. Segundo João Raimundo de Araújo:

“É portanto possível afirmar que a implantação das principais indústrias no território friburguense obedeceu a determinados critérios de controle e dominação que os empresários alemães montaram estrategicamente para Nova Friburgo. Não nos parece que tais assentamentos industriais se fizeram de forma aleatória. Acreditamos que num momento de expansão capitalista, o controle do espaço urbano exercido pelo grupo de alemães possibilita-lhes condições excepcionais no tocante ao domínio sobre todo o processo.”<sup>195</sup>

Uma segunda observação importante que podemos assinalar, é que não se percebe também uma concentração industrial em Nova Friburgo. Os espaços que separavam as principais indústrias correspondiam distâncias consideráveis. Na verdade não se pode afirmar a existência de uma região da cidade, ou mesmo um bairro onde se concentravam as indústrias. É possível sim afirmar que a cidade como um todo sofria os efeitos da industrialização. Disto resultaria que:

---

<sup>195</sup> ARAÚJO, João Raimundo – *Nova Friburgo.... op. cit.*, p. 155.

“O contato entre os operários das várias empresas não se fazia de forma tal que facilitasse a disseminação de idéias que pudessem perturbar o andamento do processo. Indústrias desconcentradas significava também desconcentração da força de trabalho, impossibilitada de maior contato entre si, no dia a dia.”<sup>196</sup>

Pelo fato das indústrias terem se concentrado em pontos estratégicos e diferenciados da cidade, os trabalhadores também buscavam se concentrar em localidades próximas, viabilizando o nascimento de bairros e vilas operárias pela cidade.

Desse modo, a Fábrica M. Sinjen e Cia teria direcionado a ocupação dos terrenos próximos ao Parque S. Clemente, atingindo a região municipal onde anteriormente se estabelecera a antiga Olaria do Cônego. Formava-se gradativamente o Bairro de Olaria, com uma população voltada ao trabalho naquela indústria.

Próxima a Fábrica M. Falck e Cia percebemos o assentamento da população de trabalhadores, subindo os morros, constituindo-se no Bairro Perissê.

A partir de meados da década de 20, teve início a ocupação da região urbana em torno da Fábrica Filó S/A, o que significou o assentamento de moradias em direção ao bairro que mais tarde seria denominado Lagoinha.<sup>197</sup>

Pelo que podemos notar, o nascimento de bairros operários prejudicou uma certa unidade dos trabalhadores friburguenses. José Sérgio Leite Lopes, analisando o caso dos trabalhadores de Paulista/PE, chama-nos a atenção para os mecanismos de dominação impostos pelos diretores da companhia de Tecidos Paulista onde existe vila operária. Segundo o autor:

“O fato de certas indústrias fornecerem casas a seus operários, em contrapartida seja de um aluguel geralmente descontado do salário, seja das obrigações econômicas e não econômicas geralmente não explicitadas em contrato, mas incorporadas ao comportamento dos operários como parte das regras do jogo, significa de fato uma interferência direta e visível da administração da fábrica sobre a vida social extra-fábrica dos trabalhadores”.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup> Idem, *Ibidem*, p. 155.

<sup>197</sup> Idem, p. 156.

<sup>198</sup> LOPES, José Sérgio Leite – *A Tecelagem dos Conflitos*, op. cit, p. 17.

Todavia, apesar de todos esses entraves à unidade operária na cidade, o futebol emergirá como alternativa possível e viável de uma convergência de interesses afins, ao mesmo tempo em que revela e põe em destaque seus “adversários” de classe e de campo. E a experiência histórica nos mostra, em outros locais, o peso que o futebol obteve, principalmente entre operários, no sentido da formação de uma cultura própria, embora não seja correto estabelecer uma relação direta entre um esporte e uma posição social.<sup>199</sup> Segundo Bourdieu, para compreender um esporte, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Em seguida, é preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele. Isso a fim de evitar os erros ligados ao estabelecimento de uma relação direta entre um esporte e um grupo que a intuição comum sugere.<sup>200</sup>

Ao pensar o futebol e suas origens, podemos notar uma aproximação bastante acentuada de sua prática com elementos aristocráticos e de classe dominante. Ao sul da Inglaterra, por exemplo, na segunda metade do século XIX, o Corinthians Football Club recusava ardentemente os pênaltis, pois acreditava que cavalheiros tão refinados quanto eles que formavam a equipe eram incapazes de cometerem faltas.<sup>201</sup>

No entanto, algumas razões devem ser apontadas para explicar os motivos pelos quais o futebol foi se popularizando e se tornando um esporte de massas, tanto para jogadores quanto para expectadores. Segundo Richard Giulianotti, o esporte tem algumas características essenciais que contribuem para a sua popularidade, sendo provavelmente a que diz respeito à simplicidade das regras, dos equipamentos e das técnicas corporais do jogo a mais importante:

“Somente umas poucas regras fundamentais devem ser obedecidas se o futebol for significativamente jogado e tiver platéia. Não é permitido aos jogadores tocar a bola com a mão e tampouco chutar a canela do adversário, ao mesmo tempo que cada time deve ganhar do outro por meio do maior número de gols em um gol reconhecido”.<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> BOURDIEU, Pierre “Programa Para Uma Sociologia do Esporte” In: Coisas Ditas, São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 209.

<sup>200</sup> Idem, Ibidem, p. 208.

<sup>201</sup> GIULIANOTTI, Richard – Sociologia do Futebol – Dimensões Históricas do Esporte das Multidões, São Paulo, Nova Alexandria, 2002, p. 19.

<sup>202</sup> Idem, Ibidem, p. 7.

Ainda segundo o mesmo autor, a prática do futebol é tão simples que permite que essas regras possam ser alteradas para se adaptarem ao treino ou para quebrar a rotina do jogo convencional, assim como outras regras podem ser combinadas entre os jogadores antes ou durante os jogos, como aquelas relacionadas ao impedimento, falta e pênaltis, número de times, duração da partida ou parâmetros precisos para o jogo e a contagem de pontos, permitindo àqueles que o praticam jogar em qualquer circunstância.<sup>203</sup> Além disso, as exigências de equipamentos simples para o futebol constituem uma atração importante para as classes sociais mais baixas:

“Ao mesmo tempo que o futebol pode ser jogado em muitos lugares públicos, informais, não requer nenhum traje especial ou tecnologia sofisticada, exceto a esfera de tamanho requerido para passar e driblar.”<sup>204</sup>

Além disso, o futebol é ainda bastante peculiar uma vez que tende a aceitar diferentes formas e tamanhos corporais. Jogadores de preparo físico, altura, peso e idade variadas podem encontrar posições específicas favoráveis à sua forma física,<sup>205</sup> principalmente após a contribuição e influência dos escoceses, pois antes deles a estratégia era o time ficar atrás do jogador que tinha a posse da bola:

“Antes, a estratégia do jogo era o time ficar atrás do jogador que detinha a posse da bola e avançar em massa, tentando levar a bola ao gol. Os escoceses perceberam que a bola podia se deslocar mais rápida e eficientemente que um homem; desse modo, deslocaram mais jogadores para a defesa, espalharam os atacantes (incluindo dois pontas) e ensinaram a importância da troca de passes precisos, desdenhando a tática baseada no chutão e na corrida para alcançar a bola”.<sup>206</sup>

Todavia, transpondo o foco de análise da Europa para a América do Sul, são notórias as enormes diferenças que se fazem presente, não tanto em relação às inovações

---

<sup>203</sup> Idem, *Ibidem*, p. 7-8.

<sup>204</sup> Idem, *Ibidem*, p. 8.

<sup>205</sup> Idem, *Ibidem*, p. 8.

<sup>206</sup> MURRAY, Bill – *Uma História do Futebol*, São Paulo, Hedra, 2000, p. 27.

técnicas, como essa divisão de jogadores em pontos diferentes do campo, mas no tocante à imagem construída em torno do esporte, incorporando inicialmente somente as classes dominante, embora isso também tenha acontecido no futebol europeu.

Analisando as origens do futebol no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro, Leonardo Affonso de Miranda Pereira constata as marcas oligárquicas e excludentes assumidas pelo esporte inglês aqui. São eleitas, segundo o autor, figuras como Charles Muller e Oscar Cox como pioneiros do esporte no Brasil. Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram brasileiros; ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Segundo ele:

“Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o futebol – que afirma ser ele um esporte que ‘nasce e se desenvolve entre a elite’”.<sup>207</sup>

A biografia dos dois serve então para atestar o caráter aristocrático e excludente assumido pelo futebol brasileiro em seus primórdios, buscando modelos de refinamento e civilização na Europa para a recém-inaugurada República brasileira. Entretanto, mesmo que possa parecer estranho, muitos contemporâneos de Muller e Cox passaram a ver o futebol como um jogo brutal e sem sentido, sem os encantos que hoje nos parecem naturais. A consolidação do jogo no Rio de Janeiro, por exemplo, foi resultado de um longo processo, e os esforços de Cox demorariam alguns anos para colher seus primeiros frutos. Isto se deve, entre outros, ao fato de que as camadas letradas brasileiras insistiam em sua desconfiança em relação aos exercícios ginásticos, acostumadas a ver no exercício físico uma atividade degradante e indigna.<sup>208</sup>

Contudo, ancorados em um discurso higienista, começam a aparecer defensores de atividades físicas. O argumento era bastante simples: se na Europa, livre das máculas da mestiçagem, já havia um desenvolvimento das atividades físicas, no Brasil tal questão se colocava como sendo de vida ou de morte:

---

<sup>207</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 22.

<sup>208</sup> Idem, Ibidem, p. 42.

“Se o desleixo para com as atividades ginásticas podia ser ruim para os países de clima temperado, onde passavam a ser valorizadas havia pouco tempo, no Brasil e em outros países da América ele seria quase mortal para a ‘raça’. Embora os países europeus estivessem em um estágio muito mais avançado no que dizia respeito à valorização dos exercícios físicos, eram os brasileiros, maculados pela mestiçagem, que mais precisariam deles”.<sup>209</sup>

E dentro de tais atividades ginásticas, o futebol aparece como o esporte por excelência, capaz de desenvolver inúmeras capacidades físicas e mentais, tais como: a coordenação de movimentos exigidas pelo novo jogo, fazendo com que estimulasse o “bom funcionamento de todos os órgãos”, o desenvolvimento do caráter de seus participantes, como o espírito de disciplina, decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação.<sup>210</sup>

À luz de argumentos como esses, o futebol ia assumindo o seu perfil de um fidalgo e útil jogo, fazendo da causa nobre do esporte a justificativa primeira de sua defesa da nova modalidade esportiva. Isto conduziria à criação de clubes como o Fluminense, formado por pessoas das classes dirigentes cariocas. Segundo Mário Filho: “Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não, ficava de fora”.<sup>211</sup>

Composto por jovens de pele clara e com dinheiro, o time do Fluminense ia dando ao jogo no Rio de Janeiro um perfil definido: palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade.<sup>212</sup>

Assim, muitos dos grandes clubes de futebol acabaram reproduzindo no campo e na arquibancada uma seleção social que reunia famílias importantes do Rio, tendo no Fluminense o seu referencial:

“O Fluminense Football Club tornou-se o referencial das elites cariocas, atraindo um público elegante ao seu estádio, tanto de homens de terno, gravata e chapéu quanto de moças e mulheres elegantes, com seus chapéus de flores,

---

<sup>209</sup> Idem, *Ibidem*, p. 43.

<sup>210</sup> Idem, *Ibidem*, p. 52.

<sup>211</sup> FILHO, Mario – *O Negro no Futebol Brasileiro*, 4ª Edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 36.

<sup>212</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – *Footballmania, op. cit.*, p. 31.

demonstrando, pelo vestuário, seu pertencimento às boas famílias do Rio de Janeiro”.<sup>213</sup>

Pensando no Rio de Janeiro podemos fazer uma relação direta entre elementos aristocráticos e o clube do Fluminense. Já em Nova Friburgo, na mesma direção, é possível ver emergir o Friburgo Fott-Ball Club, que, guardando as devidas proporções, está para o município serrano assim como o tricolor carioca está para o Rio. Segundo o jornalista Ângelo Ruiz, um “grupo de malucos” da cidade tratou de organizar um clube de futebol o qual batizaram de Friburgo Fott-Ball Club,<sup>214</sup> surgindo assim o primeiro clube da cidade.

Ao chamar os rapazes de um “grupo de malucos”, o jornalista Ângelo Ruiz passa a idéia de que, pelo menos naquele momento, o futebol ainda não era unanimidade, mostrando ser isso um processo de construção e aceitação por parte das pessoas. Já foi dito em outro momento deste trabalho que, mesmo no Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX, os jornais hesitavam em publicar artigos relacionados ao esporte bretão, embora isso mude substancialmente com o passar dos anos. Mesmo assim, alguns críticos, como Lima Barreto, por exemplo, farão campanha sistemática contra tal prática esportiva, chegando a fundar, juntamente com outros literatos, em 1919, uma “Liga Contra o Football”, pretendendo com isso mostrar que é imotivada a importância social que se dá ao jogo.<sup>215</sup>

Mas voltando à fundação do Friburgo F. C., os “malucos” trataram de escolher o vermelho e o branco para as cores das camisas e do pavilhão do time, elegendo, depois, uma seleta diretoria em assembléia (26 de abril de 1914) que contou com a participação de mais de trinta pessoas. Tal diretoria era composta por pessoas ligadas a cargos de direção nas fábricas têxteis e/ou famílias importantes da cidade, ficando assim constituída:

“Presidente – Dr. Euclides de Moraes; Vice – Alfredo Van-Erven (pai); 1º Secretário – Raul Sertã; 2º Secretário – Peri Valentim; Tesoureiro – Mário Guimarães; e Diretor Geral de Esportes – Carlos Braune”.<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> LOPES, José Sérgio Leite – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, op. cit., p. 126/127.

<sup>214</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura: História do Esporte em Nova Friburgo, Nova Friburgo, Prefeitura Nova Friburgo/Secretaria de Educação e Cultura/Pró-Memória, volume VI, 1988, p. 1.

<sup>215</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania, op. cit., p. 218.

<sup>216</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit., p. 2.

Evidentemente, por se tratar do primeiro clube da cidade, tornava-se difícil a disputa de partidas de futebol, fazendo com que o 1<sup>o</sup> *team* tivesse que enfrentar o 2<sup>o</sup>. Ou, de outro modo, que times de outros municípios ou regiões visitassem Nova Friburgo. Já em agosto de 1914, poucos meses após a fundação do Friburgo F.C., o jornal *A PAZ* publica um artigo relatando a vinda dos *teams* do Curso Superior de Ciências do Rio de Janeiro:

“Pelo passeio de ontem, vindos do Rio de Janeiro, chegaram a esta cidade os *teams* do Curso Superior de Ciências do Dr. Antônio Reis Neves”.<sup>217</sup>

Os *teams* do Curso Superior de Ciências foram muito festejados, haja vista se tratar de “distintos moços”, além da enorme gentileza de visitar os jogadores do Friburgo F.C. antes da partida, deixando-os muito agradecidos.

Na semana seguinte, novamente o jornal *A PAZ* volta a relatar o desfecho da visita do time carioca, destacando a derrota do time da serra:

“Grand Match de Foot-Ball! O Curso Superior de Ciências derrota o Friburgo Foot-Ball Club pelo score de 4 X 0 no segundo *team* e de 3 X 0 no primeiro”.<sup>218</sup>

Contudo, apesar do placar desfavorável aos *teams* do Friburgo F.C., houve muita comemoração após a partida, como uma *soirée* oferecida aos visitantes que estavam hospedados na Pensão Central, contando ainda com a participação de quase toda a elite friburguense, denunciando o caráter aristocrático assumido pelo clube:

“Os valentes players, que tiveram uma carinhosa manifestação por parte de nossos jogadores, foram hospedados, por parte do Friburgo F. C., na Pensão Central. À noite de domingo foi oferecida, aos nossos visitantes, uma *soirée*, tomando parte quase toda a elite friburguense, que abrilhantou com sua presença todos os números do programa”.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 23/agosto/1914.

<sup>218</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 30/agosto/1914.

<sup>219</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 30/agosto/1914.

O local escolhido para hospedar os jogadores e onde foi feito o baile é um ponto bastante freqüentado pela fina sociedade friburguense, como é relatado abaixo em artigo do jornal *A PAZ*, mostrando os locais freqüentados também pelos jogadores do Friburgo F.C.:

“Realiza-se, hoje, na Pensão Central um esplêndido baile organizado por diversos rapazes de nossa melhor sociedade, onde comparecerá a fina elite friburguense”.<sup>220</sup>

Em relação às festas realizadas após as partidas, isto era praticamente uma constante. Os próprios clubes do Rio de Janeiro estavam habituados a esse tipo de coisa. Os jogadores freqüentavam os bailes do clube: o fato de praticar regularmente o futebol era uma entre as várias características de um modo de vida da elite.<sup>221</sup> E depois de um jogo, sempre havia uma comemoração. Os vencedores confraternizavam-se com os vencidos. Segundo Mário Filho:

“Não eram baratas as comemorações. Iam pela noite adentro, e como se bebia! A graça estava nisso, em se beber muito. Quanto mais se bebia, mais se cantava.”<sup>222</sup>

Contudo, tais comemorações eram reservadas às pessoas educadas e finas, não cabendo espaço para operários ou negros. Mesmo já na década de 1920, quando determinados times cariocas começam a aceitar negros em seus quadros, a sua presença se resume ao campo onde são realizadas as partidas. Nada de ficar passeando pelo *hall* do clube ou se fazer presente à festa. Mesmo certos jogadores que se destacaram, como Manteiga, um negro que jogou no time do América/RJ, quando era convidado para um *cocktail*, preferia ficar na calçada.<sup>223</sup> Afirmava que não se sentia bem naquele ambiente.

Mas voltando às partidas realizadas pelo Friburgo Foot-Ball Club, o que se nota é que, pelo menos neste momento, não havia uma grande regularidade, em função dos poucos adversários que o clube tinha. Geralmente jogava o 1º *team* contra o 2º. Somente em abril de ano seguinte é que voltará a disputar um novo *match*, desta vez contra o Humaitá Foot-

---

<sup>220</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 22/agosto/1915.

<sup>221</sup> LOPES, José Sérgio Leite – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, op. cit, p. 127.

<sup>222</sup> FILHO, Mario – O Negro..., p. 35.

<sup>223</sup> Idem, Ibidem, p. 115.

Ball Club que excursionava pela cidade, terminado com a vitória do time da casa. Também como era de costume, houve uma grande festa após a partida, contando com a participação de Banda de Música Euterpe.<sup>224</sup>

Alguns meses após, o mesmo jornal relata uma partida entre o Friburgo F.C. e o Botafogo F.C., com a derrota de 3 X 1 deste. Segundo o relato do *match*, está teria sido uma das mais belas partidas já realizadas pelo Friburgo, e seus admiráveis players foram muito saudados e aplaudidos após o término do jogo. Chovia muito, mas isto não foi suficiente para apagar o brilho da disputa:

“Feriu-se no domingo 11 do corrente, no bem cuidado campo do glorioso Friburgo F.C., umas das mais belas partidas de foot-ball. Grande era o número de torcedores que previam para o Friburgo uma derrota pelo menos igual a que lhe pode infligir o disciplinado *team* do Curso Superior de Ciências, mas tal não sucedeu”.<sup>225</sup>

#### Surge o Esperança Foot-Ball Club

Se, por um lado, o futebol tem suas origens no seio da classe dominante, por outro, desenvolver-se-á bastante com um alastramento para outras classes sociais, “acompanhado tanto de uma modificação das funções que os próprios esportistas e os que os enquadram dão à prática, quanto de uma transformação da prática esportiva que vai no mesmo sentido da transformação das exigências e expectativas do público, que por sinal engloba muito mais do que os antigos praticantes”<sup>226</sup>, havendo uma profunda re-interpretação de determinados costumes. Na Inglaterra, por exemplo, a partir de 1880 começa a haver uma clara emancipação do futebol de suas raízes, tornando-se uma atividade cada vez mais

---

<sup>224</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 18/abril/1915.

<sup>225</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/julho/1915.

<sup>226</sup> BOURDIEU, Pierre – “Como é possível ser esportivo”, *In: Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 147.

proletária e assistida por um público cada vez maior, como na vitória do Blackburn sobre os Old Etonians.<sup>227</sup>

Já na Alemanha, podemos nos remeter à fundação do Schalke 04, que se tornou um dos mais populares clubes daquele país. Criado em 1904, começou como um time de rua, crescendo na medida em que atraía mineiros, operários e artesãos, provocando um conflito com o caráter burguês da WSV (liga alemã de futebol), que chegou a ponto de mudar os regulamentos vigentes para impedir a entrada do time na divisão superior. Porém, essas manobras não tiveram êxito, e o Schalke passou da quarta divisão em 1920 para a primeira em 1926.<sup>228</sup>

No Brasil, podemos notar a emergência de vários clubes de operários, principalmente clubes de fábrica, como o Brasil Athletic Club, criado em 1906, o Escolar Foot-Ball Club, em 1907, ambos da Companhia Progresso Industrial ou mesmo o Carioca Foot-Ball Club, formado por trabalhadores da Fábrica de Fiação e Tecelagem Carioca, também em 1907.<sup>229</sup>

Contudo, talvez seja a fundação do Bangu Athletic Club o exemplo que nos chame mais a atenção. Fundado em 1904, o clube teve nos estrangeiros seus predecessores: “No dia 17 de abril do corrente ano, reuniram-se em uma casa emprestada pela companhia Progresso Industrial nove rapazes, sendo sete ingleses, um italiano e um brasileiro, branco.”<sup>230</sup>

De início, o clube congregava parcelas muito restritas dos empregados da fábrica, compondo-se somente de trabalhadores especializados de origem estrangeira que ocupavam cargos de chefia.<sup>231</sup> Entretanto, alguns fatores corroboraram para que as bases do clube se estendessem mais. Segundo Mário Filho, isso se verificou porque o Bangu não podia contar com ingleses que chegavam da Inglaterra, pois ficava em região muito longe e isolada.<sup>232</sup> José Sérgio Leite Lopes também concorda com tal assertiva:

---

<sup>227</sup> HOBBSAWM, Eric – “O Fazer-se da Classe Operária, 1870-1914” In: Mundos do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, p. 289.

<sup>228</sup> MURRAY, Bill – Uma História do Futebol, op.cit, p. 77-78.

<sup>229</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania, op. cit, p. 72.

<sup>230</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit., p. 29.

<sup>231</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania, op. cit, p. 32.

<sup>232</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit., p. 31.

“Ali, [no subúrbio carioca] ao contrário de outros clubes do Rio, onde o núcleo inicial de ingleses podia chamar outros ingleses para compor o time, o isolamento geográfico de Bangu fazia com que os ingleses tivessem que incorporar não somente outros chefes e empregados de outra nacionalidade e brasileiros, mas também operários”.<sup>233</sup>

Por isso, o Bangu nunca foi um clube totalmente fechado como outros, pelo menos no futebol. Mas o que o distinguia mesmo de outros clubes, como o fluminense, era o operário, que entrava no time em pé de igualdade com os mestres ingleses.<sup>234</sup>

Sendo assim, iniciava-se com o Bangu a figura do operário-jogador; o operário que se destaca menos por seu trabalho útil dentro da fábrica e mais pela sua atuação como jogador de futebol no time da fábrica, justificando determinados privilégios recebidos pela direção,<sup>235</sup> como ir para a sala do pano, onde o trabalho era mais leve, ou receber um *ticket* para apresentar no portão na hora do treino:

“Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. O operário-jogador, no dia do treino, recebia um *ticket*. Para apresentar no portão, para poder sair sem perder hora de trabalho”.<sup>236</sup>

Os dirigentes da fábrica então logo descobriram aquilo que a seguir provocaria uma das vertentes da difusão do futebol entre as diferentes classes no Brasil, como já vinha provocando em outros lugares da Europa e da América do Sul: a adoção do futebol como técnica pedagógica e disciplinar de instituição total, aplicável à disciplinarização dos jovens das classes populares por diversas instituições de enquadramento moral e simbólico dessas classes.<sup>237</sup>

Diferentemente do Bangu, time de fábrica e sujeito a esse enquadramento moral de que fala Leite Lopes, surge, em Nova Friburgo, um clube de operários, que angariava

---

<sup>233</sup> LOPES, José Sérgio Leite – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, op. cit., p. 130.

<sup>234</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit., p. 43.

<sup>235</sup> LOPES, José Sérgio Leite – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, op. cit., p. 130-131.

<sup>236</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit., p. 84.

<sup>237</sup> LOPES, José Sérgio Leite – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, op. cit., p. 131.

jogadores das mais diversas fábricas, formando uma identidade muito particular. Como explicar Ângelo Ruiz, inicialmente tal clube chamava-se União Foot-Ball Club, trocando seu nome um ano após sua fundação, passando a se chamar Esperança Foot-Ball Club. Tal mudança de nome se deu porque, num jogo amistoso contra o Friburgo F.C., marcado para novembro de 1915, um tal juiz chamado Peri Bartojo teria prejudicado o União em determinado lance. Revoltado, o time se indispôs com o árbitro, havendo muita confusão e correria. Quando a situação parecia se controlar, eis que o juiz do jogo faz uma enorme ofensa ao União, que à época tinha a camisa preta e branca: “A camisa do União é preta e branca. Preto que quer ser branco não é uma coisa nem outra”.<sup>238</sup>

Mário Filho, em “*O Negro no Futebol Brasileiro*” descreve muito bem os preconceitos contra o negro, principalmente enquanto o futebol se constituía como uma atividade fidalga. Foram inúmeras as barreiras que o negro teve que atravessar para se firmar enquanto jogador, sendo que, um erro qualquer era o suficiente para que fosse humilhado e posto como inferior. Ou mais ainda, num eventual fracasso coletivo, como aquele verificado no final da Copa de 1950, na qual o Brasil perdeu o título por 2 X 1 para o Uruguai, em pleno Maracanã, logo foram escolhidos os vilões, que, logicamente eram negros: Barbosa, Juvenal e Bigode, embora se perdoasse Zizinho.<sup>239</sup>

Isso tudo sem falar, anos antes da Copa de 50, nas enormes dificuldades enfrentadas por jogadores como Leônidas da Silva, que, apesar de craque, estava sempre sujeito à desconfiança:

“O caso de Leônidas evidenciaria (...) que apesar do sucesso que jogadores como ele alcançavam nos campos e do apoio de parte considerável da imprensa esportiva, eles ainda estavam longe de vencer a discriminação e o preconceito”.<sup>240</sup>

Em função então de tais acontecimentos, o União F.C. se transformou em Esperança Foot-Ball Club, e o preto da sua camisa foi substituído pelo verde. Mesmo imaginando o quanto representativo passou a ser o nome do clube e a cor da sua camisa, invocando a expectativa de dias melhores, o fato, porém, é que os jogadores absorvem a ofensa, mudam de nome e tiram o preto da camisa, ou seja, compartilharam os valores do preconceito que

---

<sup>238</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura*, op. cit, p. 3.

<sup>239</sup> FILHO, Mario – *O Negro...op.cit*, p. 304.

<sup>240</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – *Footballmania*, op. cit, p. 319.

os ofendeu. Apesar disso, os quadros do seu time permaneceram os mesmos, ou seja, os operários friburguenses continuaram a ser a base de jogadores do clube. Com relação à mudança de União para Esperança, o jornal *A PAZ*, em dezembro de 1915, publica extensa matéria relatando o primeiro e último aniversário do União, pois a partir daquela data (5 de dezembro) era o Esperança que nascia. Contudo, se os eventos sociais patrocinados pelo Friburgo F.C. eram cheios de pompa e luxo, no caso do Esperança eram caracterizados como uma “festinha”:

“Realizou-se domingo, 5 do corrente, a festinha em comemoração a data aniversária deste apreciado Club Sportivo”.<sup>241</sup>

Apesar da “festinha” noticiada pelo jornal *A PAZ*, o campo estava tomado pelos torcedores que foram assistir à disputa entre o 1º *team* contra o 2º.

O 1º *team* veio então até a sede da Sociedade Musical Campesina, que fora cedida por sua diretora, e depois de um pequeno percurso, deram entrada no campo, onde foi lido pelo sr. Hermanno Bastos um “belo discurso” da lavra do literato Viriato de Queiroz, cuja leitura foi terminada “debaixo de delirantes palmas, foguetes e ao som de um dobrado executado pela campesina, realizando-se em seguida a cerimônia do levantamento dos pavilhões – nacional e esportivo – ainda debaixo de entusiásticas aclamações”.<sup>242</sup>

Sobre a disputa, o vencedor foi o 1º *team* sobre o 2º pelo placar de 3 X 0, o que não inviabilizou o reconhecimento dos esforços do perdedor:

“Depois de uma disputa heróica, foi vencedor o 1º *team* pelo score de 3 X 0, o que não importa dizer que o 2º *team* portou-se admiravelmente na contenda”.<sup>243</sup>

### O Esperança e seus primeiros confrontos

No ano seguinte, o Esperança teria uma vida esportiva bem mais ativa, jogando com clubes de fora da cidade ou participando de eventos, como o campeonato daquele ano,

---

<sup>241</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 12/dezembro/1915.

<sup>242</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 12/dezembro/1915.

<sup>243</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 12/dezembro/1915.

medindo forças com o Friburgo. Em maio, em um amistoso contra o clube dos Marinheiros Nacionais do Sanatório Naval, o placar foi favorável ao Esperança, vencendo por 8 X 1, apesar do gol do adversário:

“Apesar do gol abraçador coube a vitória ao valoroso Esperança pelo elevado score de 8 X 1”.<sup>244</sup>

Após tal partida, o noticiário esportivo da cidade elegerá o primeiro campeonato de futebol de Nova Friburgo como o grande acontecimento do ano. Na realidade, não se tratava exatamente de um campeonato, mas de uma estatueta e uma medalha para o vencedor do confronto Friburgo F.B.C. X Esperança F.B.C., a ser disputado em quatro jogos, tanto do primeiro quanto do segundo *team*, começando no dia 25 do mês corrente:

“Realiza-se este ano em Friburgo o primeiro campeonato de futebol. A luta vai ser travada entre o Esperança F.B.C. e o Friburgo F.B.C., jogando os 1º e 2º *teams*.

O primeiro encontro será no próximo dia 25, havendo dois prêmios, que é uma bela estatueta e uma medalha de prata, que serão disputados pelos dois valorosos clubs.”<sup>245</sup>

No dia do jogo, o jornal *A PAZ*, em extensa cobertura, tecia elogios tanto ao Friburgo quanto ao Esperança pela iniciativa da disputa. O jogo, marcado para às 13 horas contaria ainda com a presença da “simpática Sociedade Musical Campesina Friburguense”.<sup>246</sup> Infelizmente, por não dispormos da edição do domingo seguinte, só foi possível saber que houve vitória dos scratches do Friburgo, embora não se saiba o placar.

No segundo jogo, entretanto, marcado para o dia 9 de julho, apesar de mais uma vitória do Friburgo no primeiro *team* (embora tenha empatado no segundo), o placar foi bastante elástico, constituindo-se numa bela goleada:

---

<sup>244</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 10/maio/1916.

<sup>245</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 11/junho/1916.

<sup>246</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/junho/1916.

“Nos 2º *teams* houve um empate de 0 X 0 e nos 1º *teams* foi vencedor o Friburgo pelo score de 5 X 0.”<sup>247</sup>

Se, contudo, tal vitória já era tida como avassaladora, no terceiro jogo, marcado para o dia 23 de julho, o placar foi ainda mais desfavorável para o primeiro *team* do Esperança, embora tenha vencido no segundo *team*:

“Nos 2º *teams* foi vencedor o Esperança por 2 X 0 e nos 1º *teams* coube ao Friburgo a vitória de 7 X 1”.<sup>248</sup>

Entretanto, e desbancando todas as previsões, no quarto e último jogo, eis que, de forma brilhante, o Esperança consegue derrotar o primeiro *team* do Friburgo, perdendo, contudo, no segundo, em partidas animadíssimas:

“Realizou-se domingo o quarto jogo entre o Friburgo e o Esperança, que esteve muito animado. No segundo *team* venceu o Friburgo de 2 X 1 e no primeiro *team* conseguiu o Esperança a brilhante vitória de 1 X 0”.<sup>249</sup>

Apesar da vitória, o clima da partida foi muito tenso. Depois de três derrotas consecutivas, o Esperança necessitava de uma vitória, mesmo que esta não fosse capaz de lhe dar a estatueta, que acabou ficando mesmo para o Friburgo. Todavia, esse jogo se constituiu num marco ou num divisor de águas nas relações entre os dois clubes, uma vez que é relatada a invasão de campo por torcedores verdejantes descontentes com a atuação do juiz que não tomava nenhuma atitude mais firme em relação à violência dos jogadores do Friburgo, o que teria deixado indignada a torcida do Esperança.<sup>250</sup> Alguns sócios do clube, dentre eles Didimo de Oliveira, Feliciano Moreira e Gumercino de Oliveira acabaram sendo suspensos por 15 dias, além de censura oficial, pela diretoria do clube:

“Em reunião efetuada pelo Esperança F.B.C., no dia 10 do corrente, foram suspensos por 15 dias e censurados oficialmente, os sócios Didimo de Oliveira, Feliciano Moreira

---

<sup>247</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 16/julho/1916.

<sup>248</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 30/julho/1916.

<sup>249</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 13/agosto/1916.

<sup>250</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 13/agosto/1916.

e Gumercino de Oliveira, por terem invadido o campo durante o jogo de domingo, 6 do corrente”.<sup>251</sup>

Começava a partir daí uma das maiores rivalidades entre clubes da cidade, trazendo também à tona elementos extra-campo, tendo em vista as composições bastante heterogêneas de Esperança e Friburgo. Tais questões não são exclusivas de Nova Friburgo, não faltando exemplos em outros lugares e em outras épocas que nos possibilitem entender toda essa problemática relacionada ao futebol.

No Paraguai, os dois times mais fortes têm raízes em classes, como o Cerro Porteño, preferido pelos trabalhadores, e o Olímpia, localizado no bairro da classe mais alta de Assunção. Na Argentina, uma distinção de classe semelhante existe em muitas grandes rivalidades de clubes: em La Plata, há o clube Estudiantes “ricos” *versus* o time “pobre” do Gimnasia y Esgrima; em Santa Fé, os mesmos conjuntos binários relativos aos clubes de Unión e Cólón; e, em Rosario, há o Newell’s Old Boys contra o Rosario Central.

Em Istambul, o Galatasaray é famoso como o time histórico dos aristocratas, enquanto o Besiktas é o clube do proletariado e o Fenerbakce, o das classes médias. Os clubes de Atenas também carregam uma inflexão de classe, sendo o AEK Athens considerado um time de esquerda (fundado por refugiados da Turquia), o Panathinaikos, o time dos principais generais agora cheios de dinheiro e o Olimpiakos, o verdadeiro time da classe operária de Piraeus.<sup>252</sup>

Na Escócia, por sua vez, a divisão religião-futebol está centrada na disputa entre o Glasgow Rangers e o Glasgow Celtic. Historicamente, os Rangers mantinham uma tradição protestante e anticatólica de lealdade, que inclui uma proibição de contratar jogadores católicos. Já o Celtic foi fundado no extremo leste de Glasgow, no final do século XIX, como um clube benevolente para os imigrantes católicos irlandeses pobres. Logo tornou-se o símbolo do esporte e do êxito cultural para a minoria sem privilégios. Continua a atrair muitos torcedores entre os católicos irlandeses e joga regularmente partidas amigáveis na República da Irlanda.<sup>253</sup> Segundo Bill Murray, esses dois times surgiram para representar o

---

<sup>251</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 13/agosto/1916.

<sup>252</sup> GIULIANOTTI, Richard – *Sociologia do Futebol op. cit.*, p. 28/29.

<sup>253</sup> Idem, *Ibidem*, p. 35.

sectarismo da Escócia e da Irlanda do Norte, proporcionando um dos clássicos mais marcantes da história do esporte.<sup>254</sup>

Contudo, é no âmbito regional que as lealdades de jogadores e torcedores se fazem sentir de forma mais veemente, em função de, na maioria das vezes, expressarem propósitos sociais e culturais locais. Isto é ainda mais forte em times operários, como o Esperança, enfatizando os vínculos profundos entre o clube e sua comunidade operária, o que permite, algumas vezes, expressar lutas coletivas no âmbito da política:

“Recentemente, o Borussia Dortmund ofereceu assentos grátis para os trabalhadores do aço que estavam em greve, enquanto jogadores do Liverpool manifestaram *slogans* de apoio aos portuários de Merseyside demitidos em sua longa disputa industrial”.<sup>255</sup>

Sendo assim, os jogos de futebol, mais do que um mero divertimento para os operários, serviam também para que estes pudessem levantar bandeiras de protestos coletivos, reivindicando questões decisivas e centrais para os trabalhadores. É neste sentido que, ainda em 1916, o jornal *A PAZ* relata uma partida entre o primeiro e o segundo *teams* do Esperança, sendo o primeiro apelidado de Mata Fome e o segundo, de Tira Misérias, demonstrando, de forma sarcástica e divertida, as péssimas condições de sobrevivência do operariado local, tentando com isso transmitir a idéia de que aos trabalhadores friburguenses só restava as migalhas, enquanto o bolo é dividido entre os dirigentes das fábrica ou entre os políticos da cidade.<sup>256</sup>

Todavia, é possível notar, ainda neste ano, uma certa aproximação entre alguns dirigentes do Esperança, mesmo que a contragosto das bases, com pessoas ligadas ao grupo que formulava e defendia um projeto industrializante para a cidade, o que fica bastante claro quando é escolhido, como órgão oficial de difusão das deliberações e outros assuntos do clube, o jornal *A PAZ*. Em ofício enviado a este jornal, o primeiro secretário do clube, sr. Arthur Ferreira da Costa Guimarães, assim escreve:

---

<sup>254</sup> MURRAY, Bill – Uma História do Futebol, op.cit, p. 31.

<sup>255</sup> GIULIANOTTI, Richard – Sociologia do Futebol op. cit, p. 55.

<sup>256</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 24/setembro/1916.

“De ordem do Exmo. Presidente do Esperança Football Club, tomo a liberdade de comunicar a V. Ex. que em sessão extraordinária deste club foi unanimamente aceito o jornal de que V. Ex. é redator, para ser órgão oficial do club”.<sup>257</sup>

Pelo relato acima, podemos notar uma certa aproximação entre alguns dirigentes do clube com pessoas ligadas a Galdino, redator do jornal ***A PAZ***, demonstrando que, apesar do pouco tempo de fundação, o Esperança já havia adquirido um determinado status de portador das necessidades dos trabalhadores friburguenses, o que foi logo percebido por parte da classe dominante local. Também tal questão não é exclusiva de Nova Friburgo, não faltando exemplos em outros lugares e em outras épocas de times operários que foram incorporados ao projeto de lideranças da classe dominante que tinham no operariado sua base de sustentação. O caso do Schalke 04 é bastante elucidativo para entendermos tal problemática. Como já foi apontado em outros momentos deste trabalho, tal clube alemão mantinha um forte apoio da classe trabalhadora daquele país, o que não o impediu de sofrer várias restrições para, enfim, conseguir ingressar na primeira divisão do campeonato alemão. Foram várias as penalidades impostas àquele clube. Outrossim, embora tenham-no jogado para divisões inferiores, o Schalke em pouco tempo já estaria de volta à elite do futebol alemão e, pasmem, tornando-se um dos clubes mais populares e vitoriosos daquele país.

Aproveitando-se desta popularidade, haverá, por parte do Regime Nazista, uma nítida e clara cooptação dos dirigentes daquele clube, contribuindo decisivamente para por em prática seus interesses:

“Internamente, o maior troféu para o regime nazista foi o apoio do Schalke 04. Esse clube dominou o futebol alemão, conquistando seis campeonatos entre 1934 e 1942. Os nazistas ficaram satisfeitos de ter o clube mais popular entre os operários integrando a nova ordem política, e o Schalke 04 recebeu do regime toda ajuda possível”.<sup>258</sup>

É lógico que esse exemplo do caso alemão é bastante extremo comparado ao Esperança, mas serve para ilustrar toda uma dinâmica que consiste em oferecer, de um

---

<sup>257</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 5/novembro/1916.

<sup>258</sup> MURRAY, Bill – *Uma História do Futebol*, op.cit, p. 107.

lado, mas ganhar de outro, bastando lembrar os títulos conquistados pelo clube durante um período razoavelmente curto.

No final do ano, em comemoração à passagem do segundo aniversário do clube, há um evento, desta feita caracterizado como uma festa, sem diminutivos, no *ground* do Esperança, contando com a participação da Sociedade Musical Campesina Friburguense, tocando um dobrado acompanhado pelos destemidos *sportmans*, devidamente uniformizados:

“Realizou-se domingo passado, primeiro do corrente, no ground do Esperança Foot-Ball Club a bela festa promovida por sua digna diretoria para comemorar a passagem do segundo aniversário deste valoroso club.

Às 2 horas da tarde davam entrada no campo, acompanhados pela simpática Sociedade Musical Campesina Friburguense, ao som de um esplêndido dobrado, belamente uniformizados, os destemidos *sportmans*”.<sup>259</sup>

Durante as comemorações de seu aniversário, houve vários divertimentos, terminando com uma bela partida disputa entre o primeiro e o segundo *team* do Esperança, ou melhor, entre o time A, que usava uniforme verde, e o time B, usando o branco, saindo vencedor o B pelo *score* de 3 X 1, o que agradou à imensa torcida que assistia à partida:

“Houve então diversos divertimentos, tais como, procura de galo, cabo de guerra, luta romana, corrida a pé e um emocionante match de foot-ball, entre os dois valorosos teams A (verde) e B (branco), saindo vencedor o team B pelo elevado *score* de 3 x 1, tendo agradado imensamente à numerosa assistência”.<sup>260</sup>

Pelo relato, além das comemorações, que ocorrem de forma bastante animada – embora, evidentemente, não tivesse o requinte e o luxo das festas promovida pelo Friburgo – é bastante significativo o fato de o campo do Esperança está repleto de pessoas, demonstrando, de um lado, o processo de popularização do esporte que se verificava no Brasil, refletindo essa tendência em escala regional, e de outro, a grande popularidade do clube, que a cada dia angariava mais membros, torcedores ou simpatizantes.

---

<sup>259</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 17/dezembro/1916.

<sup>260</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 17/dezembro/1916.

Por fim, e encerrando este ano importantíssimo para o futebol em Nova Friburgo, levando em consideração a disputa de um primeiro torneio na cidade, os vários confrontos entre Esperança e Friburgo, e até mesmo alguns jogos com times de fora, o jornal *A PAZ*, do dia 31 de dezembro do ano corrente, noticia a continuação das disputas por uma bela estatueta:

“Recomeçarão hoje as emocionantes partidas de football para continuação da disputa da bela estatueta, que está sendo conquistada pelos dois valorosos clubs – Friburgo e Esperança”.<sup>261</sup>

#### As comemorações do Centenário de Nova Friburgo e a ausência do Esperança Football Club

Se, de um lado, o ano de 1916 foi bastante intenso para o futebol friburguense, com inúmeros relatos de partidas realizadas, em 1917 não foi possível encontrar, impossibilitado pelas fontes, quaisquer notícias referentes à prática do futebol, não significando, com isso, que nada tenha acontecido neste período. Entretanto, por não dispormos de tais elementos, a análise se concentrará no ano seguinte, embora os relatos também sejam mínimos, mas nem por isso sem importância. Isto porque o jornal *A PAZ*, principal veículo de divulgação dos clubes, não conta com nenhuma edição naquele ano. Aliás, naquele só não, assim como também no ano seguinte. Contudo, é sabido, segundo o jornalista Ângelo Ruiz, que o ano de 1918 foi bastante agitado, em função das comemorações do centenário da cidade. Apesar disso, segundo o mesmo, o Esperança manteve-se fora das disputas, restando ao Friburgo Foot-Ball Club e ao Esporte Club Brasil – que nasce naquele ano, mas que dura somente nove meses<sup>262</sup> - o duelo das partidas. Segundo Ruiz:

“O novo grêmio participou das festas comemorativas do centenário de Nova Friburgo, sustentando contra o Friburgo uma olimpíada esportiva que culminou com uma partida de

---

<sup>261</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 31/dezembro/1916.

<sup>262</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit., p. 4.

futebol na qual saiu vencedor o quadro do Friburgo F. C. Atesta esta vitória uma medalha de ouro, um dos muitos troféus do clube encarnado. Ignoramos os motivos por que o Esperança esteve ausente nas provas esportivas de então”.<sup>263</sup>

É realmente admirável que o Esperança, que vinha medindo forças com o Friburgo, estivesse ausente de tais disputas. Entretanto, se os motivos são ignorados pelo jornalista friburguense, devemos buscá-los então justamente nas comemorações do centenário da cidade, estabelecendo associações com os significados de tal ano festivo.

Na elaboração do modelo de cidade ideal que deveria ser Nova Friburgo, e que se tornou hegemônico ao fazer parte do processo mais amplo de afirmação da nova ordem burguesa no início do século passado, destacou-se toda a construção ideológica definidora de uma identidade cultural que correspondesse ao projeto modernizante.

Assim, foi-se buscar no passado da cidade, ligando-o à colonização suíça encaminhada por D. João VI em 1818, as origens de uma cidade “civilizada” e “progressista”. A imagem de moderna cidade do início do século passado, inserida no processo de industrialização, casava-se perfeitamente com um passado original de região colonizada por europeus, onde a pequena propriedade trabalhada pelos imigrantes brancos não teria permitido a presença do latifúndio e da mão-de-obra escrava, símbolos de um país decadente, em vias de ser ultrapassado e esquecido.

A construção idealizada do passado de Nova Friburgo, integrada, portanto, ao projeto hegemônico liberal e capitalista do início do século XX, seria cuidadosamente elaborada quando das comemorações pelo centenário de Nova Friburgo, em 1918, pelas autoridades e pela imprensa local, momento em que seriam criados os símbolos da “Suíça Brasileira”, tais como o Hino e a Bandeira de Nova Friburgo, além de se realizar uma Sessão Solene na Câmara Municipal, no dia 19 de maio, com palestras proferidas por personalidades de fora ou de dentro da cidade.<sup>264</sup>

Em momentos anteriores deste trabalho, quando foi analisada a construção do “Mito da Suíça Brasileira” já se destacou a figura de Agenor de Roure, de quem pode-se dizer ter sido um dos grandes ideólogos daquela visão da cidade. Entretanto, vale destacar que,

---

<sup>263</sup> Idem, *Ibidem*, p. 4.

<sup>264</sup> COSTA, Ricardo da Gama Rosa – *op. cit*, p. 32.

segundo ele, a fundação de Nova Friburgo teria feito parte de uma nobre e elevada preocupação de D. João VI em dar uma nova orientação ao povoamento do país.

A intenção de D. João VI teria sido a de, introduzindo colonos brancos e livres, promover o rápido progresso do país e, com o tempo, forjar uma nova nacionalidade, com caracteres de uma “raça perfeitamente definida”.

Desse modo, cumpre destacar que a interpretação do “plano de D. João VI” inscrevia-se na perspectiva liberal do início do século, a propagar idéias alternativas no campo da economia, estimulando a pequena propriedade e o trabalho assalariado do imigrante europeu. Também fazia parte deste ideário a promoção do progresso através da industrialização e do fomento do livre comércio. Sendo assim:

“A Nova Friburgo industrializada e ‘progressista’ do início do século não poderia, para a facção política liberal, ser identificada a um passado de escravidão e de pobreza. Por isso sua fundação era contada como um feito de heróicos desbravadores, a cumprirem o destino de transformar as adversidades encontradas em sucesso, promovendo o progresso”.<sup>265</sup>

Assim, devido aos helvéticos, responsáveis pela criação e perpetuação no caráter do povo friburguense, de qualidades tais como o amor ao trabalho e ao civismo, Nova Friburgo seria o símbolo da “perfeição”. Contudo, tal perfeição não aceita a pobreza, a miséria e, acima de tudo, a balbúrdia e a luta de classes. É por isso que, diferentemente de ignorar os motivos pelos quais o Esperança não tenha participado das comemorações do centenário, é preciso afirmar que as festividades não cabiam de fato ao clube, formado por operários “desordeiros” e por uma torcida que se revolta por qualquer coisa, entrando em campo, brigando com os adversários, enfim, promovendo a mais completa desarmonia social. Melhor, portanto, era criar um outro clube que, embora sobrevivesse apenas nove meses, enquadrava-se num projeto burguês o qual era incompatível com o Esperança. Aqui também cabe lembrança ao fato de que 1917 e 1918 são anos de greves e, portanto, o operariado do Esperança mostrava uma face contestatória em nada compatível com o projeto da suíça brasileira.

---

<sup>265</sup> Idem, *Ibidem*, p. 38.

## O início dos anos 1920 e a popularização do futebol

Findada as comemorações do centenário, voltaremos a ter relatos de novos confrontos Friburgo *versus* Esperança somente em 1920, lembrando que durante 1919 não foi possível localizar nenhuma edição do jornal *A PAZ*, nem tampouco nenhuma outra referência sobre o universo futebolístico de Nova Friburgo. Apesar disso, no novo ano são relatados vários confrontos entre os dois clubes, como em artigo intitulado “Foot-ball”, que trata de uma vitória do Friburgo Foot-Ball Club sobre o Esperança Foot-Ball Club pelo placar de 2 X 1:

“Realizou-se no domingo 4 do corrente, no ground do Esperança, um amistoso match entre este club e o Friburgo.  
O jogo correu animadíssimo e grande era a massa popular que rodeava o campo”.<sup>266</sup>

Pelo relato acima, pode-se verificar o quanto o futebol fazia parte da vida das pessoas, e o quanto a torcida verdejante comparecia às disputas, grande era a massa popular que rodeava o campo. Apesar disso, como relata o artigo, não houve nenhum tipo de anormalidade nesta partida. Entretanto, na semana seguinte, quando novamente se encontram os dois clubes, o tom do jornal é bastante diferente, embora também não tenha havido nenhum tipo de violência ou invasão de campo:

“O Esperança empata com o Friburgo pelo score de 1 X 1.  
Encontram-se novamente as valorosas equipes do Friburgo e do Esperança Foot-Ball Club no domingo p. p.  
Ambos os *teams* jogaram bem e melhor portaram-se em campo, COISA QUE É DIFÍCIL DE ACONTECER, DEVIDO ÀS TORCIDAS RENITENTES”.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 10/junho/1920.

<sup>267</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 17/junho/1920.

Pelo relato acima, mais importante do que o placar, foi o comportamento de jogadores e torcidas, de modo tal que o jornal *A PAZ* faz questão de grifar que é difícil de acontecer, demonstrando toda a rivalidade envolvida neste duelo.

Mário Filho, estudando o futebol carioca e seus clubes, aponta as enormes rivalidades existentes entre o Bangu, constituído por operários, e os clubes que vinham da cidade, como o Fluminense e o Botafogo. Em seu campo, por exemplo, a arquibancada e a geral se confundiam, e mesmo que não se confundissem, acabado o jogo desaparecia, inteiramente, a distância que separava quem tinha pago dois mil réis ou dez tostões para entrar.

A multidão invadia o campo, ameaçadora, espalhava-se pela arquibancada, cercava o barracão, onde os jogadores mudavam de roupa. Quando o Bangu vencia, muito bem, não acontecia nada. Quando perdia, porém, as coisas mudavam bastante. Os jogadores dos clubes visitantes cidade se trancavam no barracão, sem querer sair, somente com a polícia, que os escoltava. Segundo Mário Filho, tudo isso era reflexo da luta de classes, mais que era disfarçada pela rivalidade subúrbio *versus* cidade:

“No fundo, luta de classe, sem ninguém dar por isso. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade”.<sup>268</sup>

Retomando às análises sobre o futebol friburguense, em função do empate por 1 x 1, é marcado um partida-desempate, no ground do Friburgo. Esta partida é interessantíssima, pois a participação do juiz é decisiva no resultado. Primeiramente, era costume que os clubes visitantes escolhessem os árbitros da partida. Como o Esperança era visitante, o juiz escolhido saiu de seus quadros, de modo tal que possa ter havido sim influência do árbitro sobre o resultado. No título da matéria, mais do que o próprio resultado da partida, vencida pelo Esperança pelo *score* de 1 X 0, o que mais se destaca é a grande glória do Friburgo: “O glorioso Friburgo é derrotado pelo Esperança pelo *score* de 1 X 0”. Em seguida, o relato da disputa continua desse modo:

“Realizou-se no domingo p. p. mais um match entre esses dois clubs, saindo vencedor o Esperança.

---

<sup>268</sup> FILHO, Mario – *O Negro...op.cit.*, p. 43.

O Friburgo, mais uma vez mostrou saber portar-se em campo, pois outro club qualquer deixaria de continuar o jogo devido à ‘parcialidade’ do juiz.

Não fosse a péssima atuação, o Friburgo não perderia e o match terminaria a ‘muque’.

Apesar do juiz proteger vergonhosamente o Esperança, o Friburgo mostrou a altura de não se deixar vencer por muitos gols.

(...) Só mesmo o Friburgo sabe perder valentemente e portar-se em campo como nenhum outro club”.<sup>269</sup>

Pelo o que está exposto acima, mais do que a vitória do Esperança, o que realmente valeu foi o comportamento do Friburgo, sabendo perder valentemente, coisa que nenhum outro clube saberia fazer. Isto faz lembrar as origens do futebol no Rio de Janeiro, quando numa partida entre o Club Atlético Paulistano contra o Fluminense, a torcida tricolor saudou os feitos heróicos do adversário, como no gol feito por Charles Muller, sob os gritos de: “Bravo!Bravo! Bravíssimo!”,<sup>270</sup> demonstrando que o mais importante era a conduta e a honra dos jogadores e torcida.

Com relação ao confronto Friburgo *versus* Esperança, nota-se que se procura destacar a idéia de que somente o primeiro teria condições de manter uma boa conduta dentro e fora de campo, ao passo que o segundo, mesmo que isto não esteja explicitamente posto, não é capaz de partilhar desses mesmos sentimentos, influenciando, inclusive, o juiz da partida.

No próximo confronto, entretanto, a manchete do jornal é completamente diferente, enfatizando a vitória do Friburgo, fazendo-nos pensar que era impossível ao Esperança triunfar em condições “normais”, dadas às glórias de seu rival. Assim então é relatado:

“Friburgo Foot-Ball Club fazendo jus às suas gloriosas tradições derrota brilhantemente o Esperança pelo score de 1 X 0.

Ao veterano Friburgo os nossos sinceros parabéns pela estrondosa vitória de domingo último. Hurra! Hurra! Hurra! Glorioso Friburgo”.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 24/junho/1920.

<sup>270</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – *Footballmania*, op. cit, p. 54.

<sup>271</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 24/setembro/1920.

Apesar do placar ter sido apenas de 1 X 0, como na derrota sofrida para o Esperança, procurou-se enfatizá-la bastante, classificando-a inclusive de estrondosa, demonstrando as estreitas ligações entre o jornal A PAZ e o clube, e deste para com os diretores das fábricas de tecido da cidade.

#### Disputas intraclasse: A Fundação do Fluminense A.C.

Se, contudo, saudava-se muito as atuações do glorioso Friburgo Foot-Ball Club, o que veremos, no ano seguinte, será uma forte crise interna, provocando o surgimento de um novo clube. Segundo Ângelo Ruiz, isso foi importante, uma vez que dois clubes apenas não bastavam para organizar torneios e campeonatos.<sup>272</sup>

A criação desse novo clube, outrossim, realizou-se dentro de um ambiente de crise no Friburgo, uma vez que não se dava oportunidades aos mais novos que, embora vencendo os mais veteranos nos treinos, não eram escalados para o primeiro *team*:

“Possuía o grêmio rubro em 1921 um quadro com que permanente. Os mandões do clube não davam oportunidades aos novos. Nos treinos quase sempre os antigos eram superados pelos novos. Estes não se demoraram a bater asas e procurar um lugar ao sol”.<sup>273</sup>

Assim, no dia 14 de março de 1921, era fundado o Fluminense A. C., que nascera de uma crise interna do Friburgo Foot-Ball Club, constituindo-se em um dos times mais importantes da cidade. Seu nascimento é bastante interessante pois demonstra um racha dentro de um clube representativo da própria classe dominante, ou seja, uma disputa análoga a uma luta intraclasse. O vínculo de classe do novo clube, porém, ficaria evidente já no nome escolhido, uma referência ao aristocrático clube das Laranjeiras no Rio de Janeiro. Também o Botafogo, clube tradicional do Rio de Janeiro, surgiu a partir de um grupo de jovens que não tinha oportunidade de jogar no Fluminense, fundando assim um novo clube na cidade.<sup>274</sup>

---

<sup>272</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit, p. 4.

<sup>273</sup> Idem, Ibidem, p. 4.

<sup>274</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit, p. 38.

Ainda segundo o jornalista Ângelo Ruiz, o Fluminense fez sua estréia contra o conjunto do Dias Garcia, da Capital Federal, perdendo por 3 X 1. Para grande surpresa, o clube entrou em campo com camisa azul e branca, e não tricolor, pois queria conseguir admiradores próprios, e não às custas do prestígio do clube carioca:

“O quadro pisou a cancha com camisa azul e branca, e não tricolor, de acordo com a expectativa. É que o fluminense queria conquistara aficcionados próprios, e não à custa do prestígio do seu homônimo carioca”.<sup>275</sup>

O fluminense, fundado então em 1921, constituir-se-á num dos clubes mais importantes da cidade, conquistando muitos títulos e troféus ao longo dos anos. Chama-nos a atenção, além das várias conquistas, que, a partir de agora, as rivalidades, materializadas na disputa Friburgo *versus* Esperança ganham um novo contorno. Assim, embora o Fluminense também rivalize com o clube operário, por razões óbvias da constituição de seu elenco, travará disputas acirradíssimas com o Friburgo, sendo bastante comum a troca de ofensas e outros tipos de agressões.

Mas antes de tratarmos propriamente das partidas do Fluminense, foi possível localizar uma disputa entre o Esperança e um combinado, chamado de Santa Rosa, de Niterói. A primeira partida havia terminado em empate, sendo marcada uma nova:

“Realiza-se hoje no campo do valente Esperança F. C., um sensacional e emocionante encontro entre o primeiro *team* deste e o combinado Santa Rosam de Niterói, em desempate de uma riquíssima e valiosa taça”.<sup>276</sup>

Em princípio, seria apenas mais uma partida de um time da cidade com outro de fora, sendo oferecida, como de praxe, uma taça para o vencedor. Entretanto, na edição posterior do jornal *A PAZ*, que traz a cobertura de tal desempate, é bastante grifado, além da derrota do Esperança pelo placar de 2 X 1, o seu comportamento em campo e o de sua torcida nas arquibancadas:

---

<sup>275</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit., p. 5.

<sup>276</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 11/setembro/1921.

“O combinado Santa Rosa venceu o Esperança F. C. pelo score de 2 X 1.

Realizou-se domingo último, no campo do Esperança F. C., o esperado desempate entre o primeiro quadro deste, e o combinado Santa Rosa, de Niterói, em disputa de uma riquíssima taça.

O jogo que esteve animado ocorreu na *melhor ordem*, saindo vencedor o *team* visitante pelo brilhante score de 2 X 1.”<sup>277</sup>

Além de não ter sido uma vitória tão avassaladora quanto quer passar o jornal – “saindo vencedor o *team* visitante pelo brilhante score de 2 X 1” – nota-se o destaque que é dado ao fato do jogo, apesar de animado, ter ocorrido na mais perfeita ordem, o que nos permite refletir sobre dois elementos, quais sejam: 1) era um clube visitante e, embora se tratasse de uma partida-desempate, não havia maiores rivalidades entre os clubes, que nunca haviam jogado juntos antes; 2) existia, sim, um histórico de problemas do Esperança com o Friburgo, e não contra outro clube qualquer, ainda mais de fora da cidade. Sendo assim, a disputa tinha realmente tudo para correr dentro da mais “perfeita ordem”.

Entretanto, se este não foi um ano tão movimento assim para o futebol em Nova Friburgo, colocará, por sua vez Friburgo e Fluminense frente a frente, constituindo-se na primeira disputa entre ambos:

“Realiza-se hoje, no campo do Friburgo, um sensacional encontro entre o primeiro *team* deste, e o primeiro do Fluminense, em disputa de um valioso bronze”.<sup>278</sup>

Infelizmente, por não dispormos de fontes, não sabemos qual foi o placar da partida nem o seu desenrolar, por ser aquela a última edição do jornal *A PAZ* no ano de 1921. Apesar disso tal disputa se constituiu num marco para o futebol friburguense, ao se enfrentarem, de um lado, as forças do Friburgo, e de outro, as de seu desafeto, o Fluminense.

Se o ano de 1921, portanto, é bastante importante para o futebol da cidade, tendo em vista a fundação do Fluminense, será também marcante para a história do Esperança. Num momento anterior deste trabalho, foi relatado que a sua diretoria escolheu o jornal *A PAZ*

---

<sup>277</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 18/setembro/1921.

<sup>278</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 6/novembro/1921.

como seu porta-voz. Contudo, nas eleições para formar uma nova diretoria, eis que surge, tendo um papel de destaque, a figura de Comte Bittencourt, novo procurador verdejante.<sup>279</sup>

Já se falou bastante sobre Comte, revelando a liderança que exercia sobre o operariado local, sendo uma figura central nas mobilizações operárias da cidade, além de exercer papel destacado na formação dos primeiros sindicatos, sendo, inclusive, apelidado de “O Patrono” dos operários. Todavia, ele foi se tornando um dos principais adversários do grupo político de Galdino do Valle e, portanto, do jornal o qual era redator, ou seja, justamente o jornal *A PAZ*. Tal revelação não deve ser vista, outrossim, como estranha ou contraditória por parte do operariado local, uma vez que Comte foi um dos principais articuladores da grande greve acontecida no ano anterior, quando ele realmente se apresenta como liderança e é correspondido. Sendo assim, o esporte “bretão” em Nova Friburgo vai cada vez mais se complexificando, levando em consideração o surgimento do Fluminense A. Club e a escolha de Comte Bittencourt para a nova diretoria do Esperança Foot-Ball Club.

#### Friburgo e Esperança voltam a se confrontar

Além disso, o que nos chama a atenção é o longo intervalo constituído entre as disputas de Esperança *versus* Friburgo, passando todo o ano de 1921 sem ser realizado um jogo, o que só voltaria a acontecer em junho de 1922:

“Depois de quase um ano e meio sem medirem forças, encontrar-se-ão hoje, no campo do Esperança Foot-Ball Club as equipes representativas deste club e do Friburgo Foot-Ball Club”.<sup>280</sup>

O último confronto foi exatamente a vitória do Friburgo após aquele jogo em que houve uma interferência direta do juiz na vitória do Esperança por 1 X 0, extremamente contestada pelo Friburgo. De lá para cá, mais nenhuma partida. Por isso, a disputa é repleta de expectativas:

---

<sup>279</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit, p. 5.

<sup>280</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 18/junho/1922.

“É de esperar-se que seja este um dos mais fortes encontros que aqui se tem realizado, não só pela pujança dos quadros que vão se degladiar, como também por encontrarem-se nestes quadros ‘players’ de reconhecido valor”.

Em seguida, há todo um discurso que busca refletir sobre as enormes rivalidades entre os clubes, mas que são rivalidades amigáveis, dentro dos mais nobres princípios da cordialidade:

“A rivalidade existente entre esses dois clubs, que pode-se dizer sem errar ser uma rivalidade amigável, é uma garantia da belíssima tarde sportiva que teremos hoje”.<sup>281</sup>

Apesar dessa rivalidade amigável, há toda uma exortação para que a partida se realize normalmente, sem brigas ou confusões:

“Esperamos das diretorias, jogadores e também da numerosa assistência que certamente afluirá ao campo da Rua Baroneza, a máxima cordialidade, para que o ‘sport’ bretão em Friburgo seja uma realidade”.

Todavia, apesar de não dispormos da edição seguinte que cobre tal disputa, sabemos que, além da derrota do Esperança, houve bastante confusão e invasão de campo “na única partida realizada entre àqueles clubes durante 1922”,<sup>282</sup> demonstrando toda a tensão envolvida.

Embora seja a única partida disputa entre os dois clubes naquele ano, outras tantas ocorreram, principalmente com times de fora, sobretudo do Rio de Janeiro:

“Nestas últimas semanas têm sido realizados diversos matchs entre alguns clubs desta cidade e diversos equipes do Rio de Janeiro.

O Esperança jogou com o Leopoldina tendo havido o empate com o score de 1 X 1, mais tarde desempatado com a vitória do Leopoldina pelo score de 3 X 1.

---

<sup>281</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 18/junho/1922.

<sup>282</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura, op. cit.*, p. 7.

Jogou ainda o Esperança com elementos do Botafogo, resultando o score de 3 X 3, a ser desempatado em ocasião oportuna.

Os mesmos elementos do Botafogo vieram no último domingo jogar contra o Friburgo no ground deste club, conseguindo derrotar o team local pelo score de 5 X 1.

Todos os jogos foram muitos sensacionais e levaram aos campos sportivos grande número de torcedores e torcedoras”.<sup>283</sup>

A partida-desempate entre Esperança e Botafogo só aconteceu em maio do ano seguinte, com vitória do time visitante pelo score de 2 X 1,<sup>284</sup> além da derrota do Friburgo para o Leopoldina, que excursionava novamente à cidade, também pelo mesmo placar.<sup>285</sup>

Mas antes desta partida, o ano esportivo na cidade se inicia com a inauguração da nova praça de esportes do Fluminense A. Club:

“Revestiu-se de grande brilhantismo a inauguração da nova praça de sport, do Fluminense A. Club, verificada domingo último”.<sup>286</sup>

O que chama bastante a atenção, além do forte temporal que desabou sobre a cidade, foi o convite feito ao Andaraí, da Capital Federal, para disputar a partida central com o Fluminense, que é derrotado pelo score de 5 X 0:

“Ainda mesmo com o grande temporal que desabou sobre a cidade, foi enorme a concorrência, notando-se em cada semblante o vivo interesse em ficar conhecendo onde estava empregada a atividade dos diretores desta agremiação sportiva, como também pelo encontro principal, que se verificou entre as principais equipes dessa com a do Andaraí A. Club, da Capital Federal.

Desse encontro saíram vencedores os visitantes dada a superioridade do conjunto pelo score de 5 X 0”.<sup>287</sup>

---

<sup>283</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 19/dezembro/1922.

<sup>284</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 13/maio/1923.

<sup>285</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 27/maio/1923.

<sup>286</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/fevereiro/1923.

<sup>287</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/fevereiro/1923.

Além do placar, bastante desfavorável à equipe do Fluminense, é muito curioso observar que o adversário convidado tenha sido um time operário como o Andaraí<sup>288</sup> estivesse presente aos festejos da inauguração da praça de esportes de um clube com as origens do Fluminense. É bem verdade também que essa identificação do Fluminense com elementos da classe dominante tende a aumentar com o passar do tempo, como veremos em momentos posteriores deste trabalho, o que poderia favorecer determinados contatos com clubes de origem social menos “privilegiada”.

O fato, porém, é que, embora constituído de operários, o clube do Andaraí foi muito bem recebido:

“O Fluminense A. Club foi pródigo em gentilezas para com os visitantes que, desembarcados sábado pelo trem de passageiro foram conduzidos até o Restaurante Itália, onde se hospedaram”<sup>289</sup>.

### A luta de classes se acirra

Mas a grande discussão esportiva do ano passa pelo boatos do rompimento de relações entre o Friburgo Foot-Ball Club e o Fluminense A. Club, que já não eram as melhores. Assim, teria havido uma reunião na sede do Friburgo, em que a maioria opinara pelo rompimento, restando somente a resolução de dois dirigentes:

“Foram informados de que na última reunião havida no Friburgo F. Club a maioria opinara para que fossem rompidas as relações entre este Club com o Fluminense A. Club, estando dependendo somente de dois dirigentes a última resolução a tomar”.<sup>290</sup>

Ao tomar conhecimento do ocorrido, um importante dirigente do Fluminense, o sr. Raul Sertã, foi buscar explicações com a diretoria do Friburgo, que afirmara que tal reunião

---

<sup>288</sup> FILHO, Mario – O Negro...op.cit, p. 91.

<sup>289</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/fevereiro/1923.

<sup>290</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/fevereiro/1923.

acontecera de fato, mas que o objetivo era de aniquilar de uma vez por todas o Esperança Foot-Ball Club, propondo para isso uma aliança entre Friburgo e Fluminense, mas que foi recusada por tal associação esportiva:

“A propósito da notícia que editamos sobre a reunião realizada no Friburgo F. Club para rompimento de relações com o Fluminense A. Club ouvimos de um diretor deste, que no mesmo dia foram procurados pelo sr. Raul Sertã afim de lhes dar explicação, dizendo que essa reunião se efetuou, naquele dia, não para cortar relações com o Fluminense, porém sim com o Esperança F. Club, propondo na mesma ocasião, para melhor disfarce, uma aliança entre os dois, afim de o aniquilar, e de uma vez para sempre, sendo porém recusada semelhante proposta pelo Fluminense”.<sup>291</sup>

Para além da recusa do Fluminense, o que realmente chama a atenção é a extrema rivalidade existente entre o Friburgo e o Esperança, a tal ponto do clube alvi-rubro propor o aniquilamento dos verdejantes, demonstrando, por sua vez, que os limites das quatro linhas eram extrapolados. Afinal de contas, a vantagem nos confrontos realizados é toda do Friburgo, tendo sido raros os momentos em que o Esperança conseguiu se sobrepor. Contudo, se o clube verdejante ainda não era capaz de bater o seu rival, desempenhava um papel de aglutinação muito forte entre os operários, forjando uma identidade muito própria, capaz de unir os trabalhadores da cidade. Sendo assim, nada mais oportuno do que extirpar de vez com tal forma de aglutinação.

Apesar dessas fissuras, o ano de 1923 é bastante animado para o futebol da cidade. Em março, por exemplo, é noticiada uma partida entre o Esperança e o Nacional, clube do Rio de Janeiro, que, embora terminado o primeiro tempo perdendo pelo placar de 2 X 0, conseguir virar para 4 X 2. Também na mesma edição é relatado um outro confronto entre o Friburgo e um combinado carioca, tendo ficado empatado em 1 X 1.<sup>292</sup>

Já em abril do corrente ano, foi disputada uma taça, apelidada de “D. Pedro II”, entre as primeiras esquadras do Esperança e Fluminense, em jogos realizados nos dia 22 e 29 com vitória do Fluminense<sup>293</sup>.

---

<sup>291</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/fevereiro/1923.

<sup>292</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 18/março/1923.

<sup>293</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/abril/1923.

O que também chama muita a atenção foi a tentativa da criação de uma Liga de Futebol em Nova Friburgo, angariada por América, Friburgo, Fluminense e Esperança, chamada de Associação Athetica Friburguense, com as cores lilás e branco:

“(…)Reuniram-se em salão preliminar os presidentes dos clubs: América, Friburgo, Fluminense, Esperança, com o fim de trocar idéias sobre a fundação de uma Liga Sportiva de Foot-Ball.

Ao conseguirmos saber, foi escolhido para denominá-la o título de ‘Associação Athetica Friburguense’, com as cores de lilás e branco”.<sup>294</sup>

Em seguida, há todo um apelo para que tal iniciativa seja frutífera, possibilitando, assim, acabar com as tensões existentes entre os clubes locais, principalmente após os incidentes envolvendo Friburgo, Esperança e Fluminense. Contudo, tais incidentes são denominados de “pequenas divergências de fácil solução”:

“(…)Esperamos que essa iniciativa se afirme vencedora tornando-se realidade o desejo sincero dos verdadeiros ‘sportsmen’ de que não mais se registrem infundáveis desinteligências entre os clubs locais, causadas na maioria das vezes por pequenas divergências de fácil solução, para a qual muito concorrerá a existência de uma entidade superior”.<sup>295</sup>

O que se verifica, entretanto, é que nem a liga é fundada – pelo menos naquele momento, o que acontecerá somente dois anos mais tarde – nem os apelos para o apaziguamento dos ânimos são eficientes, de tal sorte que, em partida disputada em maio daquele ano, houve “enormes desavenças” entre os *players* e torcidas de Friburgo e Esperança, em jogo vencido pelo alvi-rubro, embora tal incidente seja noticiado apenas em pequena nota do jornal, não trazendo, portanto, toda a cobertura do ensejo.<sup>296</sup> Isso demonstra toda a tensão envolvida no conflito, principalmente após as notícias de que o Friburgo conspirava para o aniquilamento do Esperança.

---

<sup>294</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/abril/1923.

<sup>295</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/abril/1923.

<sup>296</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 7/maio/1923.

Ainda neste ano completamente agitado para o futebol na cidade, tem-se como destaque uma homenagem feita aos clubes da cidade e, de maneira especial, ao Esperança Foot-Ball Club, como é relatada em primeira página pelo jornal *A PAZ*:

“Em homenagem ao Esperança Foot-Ball Club

O Grêmio Operário Arthur de Azevedo vai promover um festival

Em homenagem ao glorioso Esperança Foot-Ball Club, na próxima terça-feira, no palco do Cine Nacional, o aplaudido Grêmio Operário Arthur de Azevedo levará à cena o emocionante drama *Pena de Morte* e a espirituosa comédia de Belmiro Braga, intitulada *Na Roça*.

O espetáculo finalizará com uma estupenda apoteose dedicada a todos os clubs da cidade”.<sup>297</sup>

A notícia revela que o Esperança compunha, com outras modalidades associativas, uma rede em expansão de instituições que formavam espaços compartilhados de sociabilidade, importantes para a constituição de uma identidade de classe.

Se o ano de 1923 foi, portanto, bastante significativo para o futebol friburguense, alimentando e impulsionando as rivalidades locais, o ano seguinte, todavia, embora tenha sua importância, não foi tão movimentado assim. Consta, por exemplo, de abril de 1924, uma partida disputada entre Fluminense e Sion, da Capital Federal, embora tenha sido um belo “match”. Isto porque, segundo os relatos, o time da casa estava perdendo pelo placar de 3 X 1 até praticamente o final do jogo, tendo empatado nos cinco minutos finais, tendo contagiado a todos que assistiam à partida:

“Realizou-se domingo passado como era esperado, no campo da Avenida Friburgo, o sensacional encontro entre as falanges do Fluminense desta cidade, e o Sion da Capital Federal.

(...)Faltavam apenas 5 minutos para terminar, estando 3 X 1 a favor dos visitantes, e todos contavam como certa a vitória, se não fosse a assombrosa virada do Fluminense, que em 2 minutos conquistou 2 gols seguidos, garantindo desta forma um brilhante empate”.<sup>298</sup>

---

<sup>297</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 8/julho/1923.

<sup>298</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 27/abril/1924.

Também por volta de agosto, Fluminense e Esperança medem forças, em jogo que os verdejantes sofreram goleada, apesar de não ter havido nenhum tipo de incidente ou coisa parecida:

“Domingo passado foi um grande dia para a nossa sociedade sportiva.

No ‘ground’ do Fluminense A. C. mediram forças os quadros principais deste e do Esperança F. C.. A vitória coube ao simpático Fluminense pelo score de 4 X 0”.<sup>299</sup>

Ainda em agosto é disputada uma partida entre o Friburgo e o Esperança, no campo do Friburgo. Há, segundo os relatos – publicados em primeira página, demonstrando a importância de tal confronto -, um grande entusiasmo pela partida, havendo, também, todo um apelo para que jogadores e torcidas comportem-se de maneira amigável e dentro dos padrões da cordialidade:

“No ‘ground’ do Friburgo Foot-Ball Club, vão hoje, mais uma vez, medir forças, os principais quadro deste e do Esperança Foot-Ball Club.

Nas rodas sportivas reina grande entusiasmo pela peleja, que amistosamente terminará, com os delirantes aplausos das torcidas do vencedor”.<sup>300</sup>

O que chama bastante atenção no artigo acima é o grande entusiasmo existente entre as rodas esportivas da época, demonstrando todo o papel desempenhado pelo futebol enquanto forma de lazer e de sociabilidade dos trabalhadores. Eric Hobsbawm, refletindo sobre o esporte bretão na Inglaterra, revela que ele acabou se tornando uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, fazendo parte do universo de todos os operários, tornando-se o tópico principal da conversa social no bar. Também ele revela existir toda uma rede ilegal e, ao mesmo tempo, honesta, de apostas:

“Mais uma vez, o sistema de apostas peculiar à classe trabalhadora (...) era de natureza visivelmente proletária. (...)Uma rede ilegal, mas quase totalmente honesta, de

---

<sup>299</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 3/agosto/1924.

<sup>300</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 17/agosto/1924.

transações financeiras, que penetrava em cada rua da classe proletária e em cada oficina”.<sup>301</sup>

Em se tratando de identidade de classe, durante 1925 haverá uma visita de operários de Porto Novo do Cunha aos trabalhadores friburguenses<sup>302</sup>. Em contrapartida, pagar-se-á tal visita em fins de abril, quando os jogadores do Esperança Foot-Ball Club então excursionam para Minas Gerais, jogando também com outro time operário, o X. P. T. O.:

“Acompanhados de grande número de pessoas, domingo próximo passado, seguiu para Porto Novo do Cunha, estado de Minas Gerais, o primeiro *team* do Esperança Foot-Ball Club desta cidade, que um amistoso match foi disputar com um forte conjunto do X.P.T.O.”<sup>303</sup>

Segundo a matéria, os jogadores do Esperança foram recebidos com muita festa, contando, inclusive, com a participação da Sociedade Musical Lyceu dos Operários:

“(…) Às 13, 15, a locomotiva dava finalmente o silvo anunciando que estavam em Porto Novo, onde foram todos recebidos ao espoucar de foguetes, maviosos sons da harmoniosa Sociedade Musical Lyceu dos Operários, compacta massa popular e diretoria do X. P. T. O.”<sup>304</sup>

Embora no campo houvesse muita areia, que teria prejudicado o Esperança, houve vitória dos verdejantes, para desespero da torcida local:

“(…) Às 6,10 terminado o jogo com o score de 1 X 0 para o Esperança, as torcidas do X. P. T. O. quase desmaiaram, mas houve quem lhes dissesse, agora, Marília, é tarde, muito tarde!”<sup>305</sup>

O que chama bastante atenção, além dos desmaios da torcida e do placar apertado de 1 X 0 para o Esperança, foi todo um sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou classe social. Ao desembarcarem em Porto Novo do Cunha, os jogadores do Esperança, todos operários, foram recebidos com muita festa e ao som de uma sociedade

---

<sup>301</sup> HOBBSAWM, Eric – “O Fazer-se da Classe Operária, 1870-1914” In: Mundos do Trabalho, op. cit., p. 294.

<sup>302</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 05/abril/1925.

<sup>303</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/abril/1925.

<sup>304</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/abril/1925.

<sup>305</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 25/abril/1925.

musical constituída por operários, demonstrando, por isso mesmo, o grande papel desempenhado pelo futebol sobre como criar laços de classe, ratificando a importância política e simbólica do esporte, podendo contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais.<sup>306</sup>

Ao voltar de Minas Gerais, os comentários sobre a bela participação do Esperança são inúmeros, de forma que basta apenas acompanhar as notícias esportivas do jornal A PAZ durante o mês de maio. Entretanto, não era capaz de desbancar o grande interesse do clube e de seus torcedores em relação a uma partida contra o Friburgo Foot-Ball Club, de tal sorte que, em novembro do ano corrente, em partida realizada na praça de sports do Friburgo, compareceu uma grande massa de torcedores de ambos os times, embora o número de pessoas que assistiram o segundo *team* fosse relativamente pequeno:

“Na linda e bem cuidada praça de sports do Friburgo Foot-Ball Club, realizou-se domingo um encontro amistoso entre os dois clubs acima.

A prova preliminar, disputada entre os segundos *teams*, foi falha de interesse, dada a superioridade do *team* alvi-rubro, tendo no final o placar acusado o seguinte resultado:  
Friburgo 4 X 0 Esperança”.<sup>307</sup>

No jogo principal, já com uma audiência bem maior, também houve vitória do Friburgo pelo placar de 6 X 2, embora o Esperança tenha terminado o primeiro tempo vencendo por 2 X 0, com um dos gols marcado por Costinha que, alguns anos depois, tornar-se-á um dos fundadores do Sindicato dos Têxteis em Nova Friburgo, além de ter contribuído decisivamente para a formação do Partido Comunista na cidade, demonstrando o envolvimento político que alguns jogadores verdejantes possuíam.

#### A fundação de uma Liga de Futebol e o primeiro torneio oficial da cidade

Mas a grande realização do ano de 1925 foi a criação de uma liga de esportes na cidade, que passaria agora a organizar torneios e campeonatos. Para Ângelo Ruiz isso foi

---

<sup>306</sup> GIULIANOTTI, Richard – Sociologia do Futebol op. cit., p. 8.

<sup>307</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 8/novembro/1925.

extremamente positivo, uma vez que torcedores e desportistas já estavam fartos de disputas que só valiam troféus. Segundo o mesmo:

“ Foi assim que numa noite fria de 1925, reunidos no antigo prédio da Caixa Rural, hoje edifício do Fórum, os representantes do Friburgo F. C., Esperança F.C., Fluminense A.C. e E. C. Sírio-Libanês elegeram a primeira Diretoria da Liga, que passou a denominar-se A.S.E.A.”<sup>308</sup>

O que chama bastante a atenção é o convite a todos os clubes para participarem de tal entidade. Leonardo Affonso de Miranda Pereira mostra, de maneira oposta, o quanto as primeiras ligas ou entidades no Rio de Janeiro eram excludentes, não permitindo pessoas ou grupos sociais que não tivessem determinadas condições sociais. Assim, a Liga Metropolitana de Sports Atlético não permitia que fossem registrados como amadores as pessoas de cor, tentando fazer do esporte um monopólio de jovens brancos e endinheirados, em que não haveria lugar para trabalhadores recém-egressos da escravidão.<sup>309</sup>

Desse modo, se o campo dos direitos civis não servia mais para distinguir os indivíduos, seria necessário criar novos espaços e mecanismos de diferenciação, parecendo ser essa a tarefa dos clubes esportivos:

“Proibindo o egresso de negros e trabalhadores, confundidos aos olhos de seu preconceito, se via no ato da liga um grande benefício ao esporte, que poderia assim manter uma marca fidalga – explicitando com isso ser a nova entidade a patrocinadora de um bem elaborado mecanismo de distinção.”<sup>310</sup>

Contudo, se existia, seja nos bastidores, seja abertamente a proposta de eliminar de uma vez por todas as pretensões do Esperança, isolando-o, como naquela proposta feita pelo Friburgo ao Fluminense, o fato é que todos os clubes puderam fazer parte da ASEA, que organiza, em novembro do corrente ano, um torneio apelidado de “Initium”:

“Muito satisfeitos devem estar os dirigentes da Novel, mas já pujante, Associação Serrana de Esportes Athleticos

---

<sup>308</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit, p. 5.

<sup>309</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania, op. cit, p. 66.

<sup>310</sup> Idem, Ibidem, p. 67.

pelo sucesso alcançado no torneio ‘initium’ realizado no último domingo no campo do Fluminense A. C.”.<sup>311</sup>

Segundo ordem definida por sorteio, os confrontos do torneio ficaram da seguinte forma: Friburgo X SÍrio-Libanês e Esperança X Fluminense. Na primeira partida, venceu, de forma tranqüila, o Friburgo pelo placar de dois gols e dois córners contra um córner. No segundo jogo, embora o Esperança tenha forçado bastante os ataques, nada conseguiu. A luta passou então a pertencer ao Fluminense, sobretudo nos dez minutos finais, quando o marcador assinalou sua vitória por um gol e um córner contra dois córners. Veio então a peleja decisiva, e o Fluminense, embora com grande dificuldade, conseguiu derrotar o Friburgo por um córner, tornando-se assim campeão do torneio “initium”.<sup>312</sup>

Para além da primeira conquista oficial do Fluminense, o que foi muito ressaltado foi a atuação firme da ASEA, que conseguiu coibir comportamentos tidos como inadequados, conseguindo, assim, em pouco tempo, “moralizar” o futebol friburguense, principalmente suas torcidas:

“Houve, como é natural, vencedores e vencidos, porém, a principal, a maior vencedora foi, sem dúvida a ‘ASEA’, que num curto espaço de tempo vem fazendo um louvável trabalho de moralização no nosso meio sportivo.

Os primeiros frutos de sua obra moralizadora colheu-os ela domingo; ‘sururús’, insultos das torcidas aos jogadores, agressões aos juizes, vaias e etc., tudo desapareceu, para dar lugar à disciplina, à ordem e ao acatamento das decisões dos árbitros”.<sup>313</sup>

O torneio “initium” foi somente uma prévia do primeiro campeonato oficial da cidade, organizado pela liga. A sensação do primeiro turno foi o SÍrio-Libanês, embora tenha perdido para o Fluminense.<sup>314</sup>

O grande destaque do primeiro turno, todavia, foi mais uma atitude antipática do Friburgo Foot-Ball Club, desta vez não contra o Esperança, mas contra o SÍrio-Libanês, que utilizava o campo alvi-rubro nas disputas, isto após ter sido derrotado pelo placar de 3 X 2. Após tal disputa, alguns dirigentes do Friburgo opuseram-se ao fato do SÍrio-Libanês

---

<sup>311</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/novembro/1925.

<sup>312</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura, op. cit.*, p. 6.

<sup>313</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/novembro/1925.

<sup>314</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura, op. cit.*, p. 8.

continuar utilizando sua praça de esportes, como vinha fazendo. Diante de uma forte pressão, tal restrição não chegou de fato a acontecer, e o campeonato continuou.<sup>315</sup>

Após ter vencido o primeiro turno, o Fluminense reafirmou sua condição de favorito, vencendo o segundo turno após golear o Sírrio-Libanês por 5 X 0. Durante o campeonato inteiro, portanto, o Fluminense só havia empatado uma partida contra o Friburgo, pelo placar de 1 X 1. Assim, embora já campeões, os azuis proclamavam que o campeonato só se completaria com um vitória sobre os alvi-rubros.

Marcou-se então tal peleja, com um clima bastante pesado, saindo vencedor o Fluminense por 2 X 1. Entretanto, num certo momento da partida, o árbitro marcou uma penalidade, provocando protestos do Fluminense e a conseqüente paralisação da batalha. Passados alguns dias, o Fluminense encaminhou à ASEA uma ofício que fazia a entrega dos pontos da partida porquanto a direção da entidade ordenara a cobrança do pênalti que motivara a interrupção do jogo. Aliás, como afirma Ângelo Ruiz:

“É de se notar que nessa altura o ambiente esportivo friburguense já estava bastante carregado uma vez que Fluminense e Esperança travavam uma contenda na Entidade. A contenda prendia-se a um jogo do retorno no qual vencia o Fluminense por 3 X 1. Havia o juiz, Sr. Júlio Sertã, anulado um gol do avante Sinhá, do Esperança, e em seguida deixara de marcar um pênalti. Foi o bastante para que o Esperança abandonasse o gramado, por ordem de seu presidente. O resultado de tudo isso foi a vitória do Fluminense devido a desistência de seu opositor”.<sup>316</sup>

Ao contrário, portanto, da notícia publicada que relatava a “moralização” do futebol friburguense, o que vemos é algo bem diferente. Primeiro, vemos transparecer toda rivalidade existente entre Friburgo e Fluminense, que é datada da época da fusão, para em seguida presenciarmos desentendimentos deste novamente e o Esperança, em que pese toda uma inflexão de classe, em função da composição de seus elencos, o que revela toda a tensão, e não a harmonia, como se sentava colocar, do esporte bretão na cidade.

---

<sup>315</sup> Idem, *Ibidem*, p. 8.

<sup>316</sup> Idem, *Ibidem*, p. 8.

### A inauguração do campo do Esperança e um novo campeonato municipal

Todo esse clima será responsável para que não haja campeonato em 1926, contando apenas com jogos esparsos entre os clubes, diminuindo, com isso, a assistência das pelepas.<sup>317</sup> Entretanto, no ano seguinte tal disputa se colocará novamente na ordem do dia, envolvendo Esperança, Friburgo e Fluminense, mas não o Sírio-Libanês, que declara que não participaria por questões de ordem técnica.<sup>318</sup> Antes disso, porém, teremos a inauguração do campo do Esperança Foot-Ball Club como o principal acontecimento esportivo do primeiro semestre, atraindo a atenção da população da cidade.

Somente a título de exemplo, o jornal **A PAZ** dedicará quase toda sua primeira página cobrindo a inauguração, marcada para o primeiro dia de maio daquele ano, além de fornecer a programação do evento, que contou com uma grande queima de fogos, com a participação das Sociedades Musicais “Euterpe” e “Friburguense”, além de várias partidas de futebol:

“Em regosijo pela inauguração do campo do Esperança Foot-Ball Club, que realizar-se-á hoje, a sua diretoria resolveu organizar o seguinte programa:

Pela parte da manhã será queimada grande quantidade de fogos.

(...)Às 11 horas será inaugurado o campo com comparecimento das Sociedades Musicais “Euterpe” e “Friburguense”, diretorias dos clubs, da ASEA e da AFEA, sócios e pessoas gradadas.

Ao meio dia preliminar dos segundos quadros do Esperança X Fluminense, sendo disputado um belo troféu. Às 13,10 prova preliminar entre os principais quadros do Friburgo X Fluminense sendo disputada uma bela taça. Às 15,30 será iniciada a prova principal entre o Esperança X Gragoatá de Nictheroy”.<sup>319</sup>

O que chama bastante a atenção foi a data escolhida para tal festividade: o 1º de Maio, que passou a ser uma afirmação anual da presença da classe, salientada essa presença

---

<sup>317</sup> Idem, Ibidem, p. 10.

<sup>318</sup> Idem, Ibidem, p. 10.

<sup>319</sup> Cf: Jornal A PAZ, edição de 01/maio/1927.

por uma afirmação simbólica da força fundamental dos trabalhadores: a ausência do trabalho através de uma greve de um dia, embora em vários locais, como na América Latina, tenha sido considerada uma celebração dos mártires de Chicago<sup>320</sup>, que culmina com a morte de cinco líderes operários naquela cidade em 1886 e a posterior execução de quatro deles, já que um dos condenados arrancara de seu carrasco o direito de pôr fim a sua vida, suicidando-se na prisão.<sup>321</sup>

O 1º de Maio, por sua vez, que passa a ser celebrado a partir de 1891 no Rio de Janeiro e em outras cidades ganha novos contornos na medida em que o movimento operário criou e consolidou suas instituições, o que progressivamente gera uma situação em que a observância da data ganha certa constância, e as manifestações, maiores dimensões.<sup>322</sup> Assim, tanto as greves quanto a emergência de clubes populares, como o Esperança, nas suas devidas proporções, terão seu papel na formação e modificação da natureza das culturas associativas. O esporte, visto anteriormente com desconfiança, passava a ser parte integrante das atividades sindicais.<sup>323</sup>

Contudo, o que mais merece atenção com relação ao caso friburguense é todo um ritual verificado quando da inauguração do campo dos verdejantes, lembrando que tal data só será realmente apropriada pelo Estado a partir dos anos 1930.<sup>324</sup> Tal festividade contou, portanto, com vários discursos, inclusive do Dr. Comte Bittencourt,<sup>325</sup> troca de gentilezas entre os capitães das equipes, como, por exemplo, antes da partida principal, a entrega de um “bouquet” de lindos cravos, sendo aplaudidos pela assistência, fazendo com que os jogadores retribuam com fortes urrahs.<sup>326</sup>

Sobre a partida principal, disputada entre o Esperança X Gragoatá, houve vitória dos visitantes, embora o time da casa tenha jogado muito bem:

“Durante todo o primeiro tempo o score permaneceu inalterado e só no final do segundo é que o Gragoatá

---

<sup>320</sup> HOBBSAWM, Eric “*A Transformação dos Rituais do Operariado*” In: *Mundos do Trabalho*, op. cit. p. 112

<sup>321</sup> BATALHA, Claudio “*Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República*” In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – *Culturas de Classe*, op. cit., p. 107.

<sup>322</sup> Idem, *Ibidem*, p. 106.

<sup>323</sup> Idem, *Ibidem*, p. 114.

<sup>324</sup> Idem, *Ibidem*, p. 107.

<sup>325</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura*, op. cit, p. 15.

<sup>326</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/maio/1927.

conseguiu o ponto que lhe garantiu a vitória. O Esperança apesar de vencido atuou melhor que o seu adversário, não conseguindo os louros da vitória, devido única e exclusivamente, à má sorte que o perseguiu.

Parabéns, pois, à diretoria do Esperança”.<sup>327</sup>

Se a inauguração do campo do Esperança foi o principal evento esportivo do primeiro semestre daquele ano, teremos, a partir de agosto, o segundo campeonato organizado pela ASEA, já que em 1926, por razões já levantadas anteriormente, não foi possível sua realização. Já se sabe também que o Sírio-Libanês não participaria da competição, cabendo, pois, ao Esperança, Friburgo e Fluminense a disputa da peleja. O campeão, assim como em 1925, seria novamente o Fluminense, embora tivesse adversários muito mais duros, além de ter empatado um jogo com o Friburgo com um gol de mão:

“É bem verdade que dessa vez teve rivais mais duros, conforme demonstram os marcadores frente aos seus mais categorizados rivais, Esperança e Friburgo. O Fluminense venceu o Esperança por 3 X 2 no turno e empatou no retorno por 2 X 2. Venceu o Friburgo no primeiro jogo por 4 X 3 e com ele empatou em cima da hora, no retorno, graças a um gol com a mão consignado por Leal”.<sup>328</sup>

O campeonato de 1928 seria bem mais truncado, para usar a expressão de Ângelo Ruiz.<sup>329</sup> Ficara assentada que a temporada de 1928 seria iniciada na segunda semana de julho, e o primeiro confronto seria entre o Friburgo X Esperança, que decorreu normalmente. Dias depois o Fluminense derrotava o Friburgo por 2 X 1. Sobreviveu a peleja Fluminense X Esperança. O Fluminense era franco favorito, mas os verdejantes surpreenderam, alcançando o empate de 3 X 3.<sup>330</sup>

Em verdade o que de anormal estava sendo comentado na cidade foi levado à consideração dos dirigentes da ASEA por intermédio do Esperança F.C. Protestava o clube verde contra a inclusão de um jogador do quadro do Fluminense, conseguindo ganho de

---

<sup>327</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 15/maio/1927.

<sup>328</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura*, op. cit, p. 10.

<sup>329</sup> Idem, *Ibidem*, p. 11.

<sup>330</sup> Idem, *Ibidem*, p. 11.

causa, embora os azuis ingressassem com recurso, que não foi deferido<sup>331</sup>. Foi assim que, o clima que já não era bom entre os clubes, estourasse de vez. Como é salientado por Ruiz:

“Até o Friburgo entrou na liça, solidário com o Esperança, já que a decisão da entidade favorecera-o concomitantemente situando-se de paralelo com os seus rivais”.<sup>332</sup>

Depois de vários episódios tensos envolvendo Friburgo e Esperança, pela primeira vez há um certo apoio de um para com o outro. É lógico que existia grande interesse dos alvi-rubros nisso, pois disputavam o título. Apesar disso também a rivalidade com o Fluminense já era bastante acentuada, o que pode explicar o posicionamento do Friburgo.

O fato, porém, é que o campeonato daquele ano ficou interrompido, sem vencedores. Isso teve fortes reflexos em 1929, que acabou ficando sem disputas. Para Ruiz, o grande responsável por isso foi o Esperança, considerado uma “pedrinha na chuteira”, mas uma pedrinha bem grande, que não concordava com a disputa daquela temporada.<sup>333</sup> Isso, contudo, não foi capaz de conter o brilho da inauguração do novo campo do Fluminense. Segundo extensa matéria, o jornal ***A PAZ*** relata tal evento, cercado de grande expectativa. Para tanto, fora chamado o América do Rio de Janeiro, campeão carioca daquele ano para a primeira partida da nova praça de esportes dos azuis:

“À nova praça de sports do Fluminense A. Club, desta cidade, cita à Praça do Suspiro, foi inaugurada domingo próximo passado, com a realização de um animado ‘match’ entre o campeão local e o América Foot-Ball Club campeão carioca, abrilhantado com a presença das Sociedades Musicais Campesina e Euterpe.

E bem diferente do que se supunha foi o ‘score’ de grande pugna, porque o América F.C., não teve ainda uma derrota nos jogos do interior. Tem vencido sempre os seus adversários por elevada contagem de goals”.<sup>334</sup>

Ainda sobre a inauguração, esta contou com a presença de várias autoridades. O próprio prefeito da cidade, o Dr. Baltazar da Silveira, deu o chute inicial. Apesar de toda a

---

<sup>331</sup> Idem, *Ibidem*, p. 12.

<sup>332</sup> Idem, *Ibidem*, p. 12.

<sup>333</sup> Idem, *Ibidem*, p. 13.

<sup>334</sup> Cf: Jornal *A PAZ*, edição de 6/janeiro/1929.

festa, o América venceu a peleja por 3 X 1, embora em uma outra partida os azuis tenham conseguido se vingar, impondo-se por 2 X 1.<sup>335</sup>

Bastante interessante foi a presença do América à inauguração da nova praça de esportes do Fluminense. Sendo um dos clubes mais aristocráticos do Rio de Janeiro, fazendo parte da famosa liga da distinção<sup>336</sup>, só mesmo um clube como o Fluminense, de uma cidade do interior como Nova Friburgo, conseguiria uma partida como essas. É também de ressaltar toda a pompa das festividades, que conta com o prefeito da cidade dando o chute inicial, bem diferente das festas do Esperança. Para além disso, o artigo que relata tal partida é bastante crítico à postura dos clubes da cidade, mas que não poderia ser de outro jeito:

“Não fôra a política esportiva que infelizmente existe, Friburgo poderia formar um ‘scratch’ capaz de enfrentar qualquer ‘team’ com vantagem, elevando deste modo o nome desta cidade”<sup>337</sup>.

Ora, do jeito que andava o futebol friburguense, a única coisa impossível de acontecer era um pacto entre os clubes, tamanha a rivalidade construída e permeada por questões de classe. É lógico, outrossim, que a cidade contava com excelentes jogadores, de modo que, nas disputas para o campeonato nacional, dois jogadores da cidade foram convocados para a seleção carioca:

“Nesse conjunto figuram rapazes dos clubs de Niterói, Friburgo e Campos, representando com inexcelável galhardia a nossa terra esses dois valorosos SPORTMEN – Lindorio Hottz e Hugo Perna – ambos do Fluminense A. Club”<sup>338</sup>.

Além dos excelentes jogadores, é possível concluir que o futebol fazia parte, definitivamente, da vida dos friburguenses, constituindo-se numa das atividades de lazer mais importantes da cidade.

No ano seguinte, pelos relatos que dispomos, verificamos não ter havido grande movimentação futebolística na cidade. Sabemos, apenas, que naquele ano o Friburgo

---

<sup>335</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura*, op. cit, p. 16.

<sup>336</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – *Footballmania*, op. cit, p. 55.

<sup>337</sup> Cf: *Jornal A PAZ*, edição de 6/janeiro/1929.

<sup>338</sup> Cf: *Jornal A PAZ*, edição de 24/novembro/1929.

conseguiu levantar o certame do quadro principal e dos reservas. Isto se deve, entre outros, ao fato de que o clube alvi-rubro, formado em sua maioria por veteranos, – o que propiciou a saída de jogadores mais jovens e a eventual fundação do Fluminense – muda sua composição, de forma que os jovens passam a fazer parte do seu primeiro quadro.<sup>339</sup>

#### O campeonato de 1931 e a vitória do Esperança: acirramento profundo da luta de classes a partir desta conquista

Contudo, se neste ano não tivemos grandes partidas ou discussões acerca do futebol, o ano posterior contará com um dos campeonatos mais disputados e renhidos da cidade, em que pese o fato do Esperança Foot-Ball Club, depois de vários anos de derrotas para seus adversários, conseguir levantar o título de campeão. A partir deste fato, os verdejantes conseguirão um respeito profundo dos seus adversários. Isto poderia nos dar a impressão de que, portanto, a partir de agora, como fora campeão, os ânimos de jogadores e torcida tenham se esfriado. Todavia, o que se notará é justamente o contrário: invasões de campo, brigas e muita reclamação dos outros clubes, principalmente em 1932 em diante, quando todos querem tomar o título do Esperança, tido como campeão por mero acidente de percurso, pois, afinal de contas, um clube de operários não teria condições de conseguir um outro feito como aquele. Mas antes disso, ainda em 1931, verificamos um amistoso entre Esperança e Fluminense. Além da derrota dos verdejantes, tal partida correu na mais perfeita ordem:

“O Fluminense vence facilmente o Esperança pela elevada contagem de 5 X 1

(...) Logo aos dois minutos do início da partida, Leal aproveitando um passe preciso de Benedicto abre a contagem para os seus.

Poucos minutos após este feito de Leal, Lindolfo, de um centro de Pedrinho, consigna o segundo gol do Fluminense.

---

<sup>339</sup> RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura, op. cit, p. 17.

Daí por diante, o jogo torna-se francamente favorável ao Fluminense, que passa a exercer completo domínio sobre seu adversário”.<sup>340</sup>

Ainda antes do campeonato, em disputa da “Taça Suspiro”, Friburgo e Fluminense medem forças, com a vitória dos alvi-rubros pelo placar de 3 X 2. Apesar de toda rivalidade e dos comentários de torcedores de ambos os times, que davam como certa a vitória de seus respectivos clubes, muitas vezes por placar elevado, o jogo correu normalmente, como abaixo se segue o relato da partida:

“Em disputa da ‘Taça Suspiro’, jogaram domingo Friburgo X Fluminense, vencendo o primeiro pela contagem de 3 X 2.

(...) Assim foi anunciado o jogo Friburgo e Fluminense, passou ele a ser o assunto obrigatório nas rodas esportivas.

Comentando com alguns torcedores dos jogadores de domingo, ouvi as mais desencontradas opiniões. Os do Fluminense, unanimemente, asseguraram a vitória do seu *team*, sendo que os mais otimistas, me fizeram ver, seria por um score elevado.

Quanto aos alvi-rubros mostraram-se mais discretos ou menos imprudentes; contavam com o triunfo, porém por score pequeno pois esperavam um jogo duro”.<sup>341</sup>

Apesar de todos os comentários, o placar foi mesmo favorável ao Friburgo, vencendo por 3 X 2. Mas o principal da partida foi mesmo sua amistosidade, que é bastante ressaltada:

“Muito agradou a partida, dada a amistosidade com que foi disputada”.<sup>342</sup>

Para além de todos esses amistosos, a vida esportiva da cidade se concentrou na disputa do campeonato municipal, um “dos mais movimentados e disputado em dois turnos”.<sup>343</sup>

---

<sup>340</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 16/abril/1931.

<sup>341</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 30/abril/1931.

<sup>342</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 30/Abril/1931.

<sup>343</sup> RUIZ, Ângelo – *Cadernos de Cultura*, op. cit, p. 19.

Passado o primeiro turno, ainda ninguém sabia ao certo quem se sagraria campeão, pois a frente que mantinha o Esperança sobre o segundo colocado, o Fluminense, era de apenas um ponto. No segundo turno, no entanto, um empate do Fluminense ante o América distanciou o clube azulino ainda mais do líder. Vieram as vitórias sucessivas do Esperança sobre o Friburgo por 3 X 2, sobre o América, por 1 X 0, sobre o Flamengo, por 6 X 1, e sobre o próprio Fluminense por 2 X 1. Assim, terminou a jornada que veio coroar o primeiro clube friburguense com o título de campeão invicto.<sup>344</sup> Após este triunfo, os torcedores do Esperança F. C. percorreram as ruas da cidade tendo à frente as duas Sociedades Musicais, Euterpe e Campesina.<sup>345</sup>

A conquista e as festividades por ocasião do primeiro título do Esperança, que além de tudo foi de forma invicta, permite-nos estabelecer determinadas aproximações com a conquista do Campeonato Carioca pelo Bangu, em 1933. O time do subúrbio, em disputa com o Fluminense, nas Laranjeiras, aplica uma sonora goleada no tricolor, sagrando-se campeão carioca daquele ano. Em Bangu, a festa entrou pela madrugada. Como aponta Mário Filho:

“Os donos dos botequins de Bangu ainda se lembram, com saudade, daquela noite. Não sobrou nada nas prateleiras, uma garrafa de cerveja, de vermute, de cachaça”.<sup>346</sup>

Além disso, vários torcedores dormiram, embriagados, nas ruas, deitados na calçada, na porta da Igreja. O apito da fábrica, no dia seguinte, chamava os operários ao trabalho. Entretanto, mais de quinhentos faltaram, obrigando a Companhia Progresso Industrial do Brasil a não cortar o ponto dos trabalhadores faltosos.<sup>347</sup> É evidente que as comemorações em Nova Friburgo foram bem mais modestas, e no dia seguinte, pelo menos pelos relatos que dispomos, o trabalho não foi paralisado. Apesar disso, tal acontecimento se revestiu num marco para o Esperança e para os operários friburguenses.

Isto é justificado pelo fato de que, a partir de 1932, os ânimos estarão mais acirrados do que nunca, envolvendo vários conflitos em torno das disputas entre os clubes locais. Deve se ressaltar, além das rivalidades, que, como o Esperança havia sido o último

---

<sup>344</sup> Idem, *Ibidem*, p. 19.

<sup>345</sup> Idem, *Ibidem*, p. 20.

<sup>346</sup> FILHO, Mario – *O Negro...op.cit*, p. 203.

<sup>347</sup> Idem, *Ibidem*, p. 203.

campeão da cidade, e ainda de forma invicta, existia todo um sentimento de batê-lo, ainda mais por sua composição. Assim, logo em princípios do ano é marcado uma peleja entre Friburgo e Esperança:

“Domingo vindouro, o Friburgo disputará com o Esperança, campeão da cidade, uma partida amistosa, que promete ser muito interessante, porque o Esperança quer continuar mantendo o título invicto, e o Friburgo deseja destituí-lo deste título”.<sup>348</sup>

Na edição seguinte do jornal, há todo o desfecho da partida, na qual o Esperança sai derrotado:

“O campeão de 31, que até o momento conservava-se invicto, mostrou-se impotente para suster as avançadas dos alvi-rubros”.<sup>349</sup>

Mais importante do que o resultado, foi o desfecho da partida. Com o resultado desfavorável aos verdejantes, principalmente devido à bela atuação do goleiro Otílio, do Friburgo, que não deixara passar nada, os jogadores do Esperança conseguem retirá-lo de campo, bastante contundido. Mesmo assim não conseguem reverter o resultado da partida:

“No último encontro de domingo, foi retirado de campo, bastante machucado o Keeper Otílio, do Friburgo F.C. Os nossos juízes precisam ser mais rigorosos e reprimirem entradas violentas, que podem ocasionar, como no último domingo, incidentes mais graves”.<sup>350</sup>

Tais incidentes, relatados pelo jornal, fariam parte de uma confusão generalizada entre jogadores e torcedores de Esperança e Friburgo, paralisando a partida, que, com muito custo, foi retomada. Apesar de todas as críticas feitas ao Esperança, vale fazer menção aos comentários sobre a participação dos jogadores do Friburgo em tal incidente, sendo bastante reprovável tal comportamento:

---

<sup>348</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 28/janeiro/1932.

<sup>349</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 28/janeiro/1932.

<sup>350</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 28/janeiro/1932.

“O Friburgo F.C., um dos melhores e mais queridos clubes desta cidade, uma das glórias do nosso futebol, atravessa no presente momento um dos tranSES mais dolorosos de toda a sua brilhantíssima carreira sportiva.

Alguns amadores do glorioso grêmio, por desconhecerem os deveres e responsabilidades, amor e respeito que todo verdadeiro sportman deve ter pelo seu club, ou mesmo por espírito de rebeldia, procuram com seus maus exemplos lançar a indisciplina no seio da até então unidíssima família alvi-rubra”.<sup>351</sup>

Portanto, por mais errado que tivesse sido o Esperança, o Friburgo, segundo o discurso do jornal, jamais poderia ter compactuado e compartilhado da violência que se abatera. Não o Friburgo, tão glorioso e distinto clube. O Esperança, por sua vez, ainda se entende, por se constituir de pessoas “ignorantes” o bastante para não compreenderem o valor do esporte para a edificação da raça humana. Já havia se envolvido em vários confrontos e brigas, acostumado, portanto, a dar espetáculos nada aplaudidos pela fina sociedade friburguense. Aliás, em abril do mesmo ano, em novo confronto entre os dois clubes, eis o que acontece:

“Novamente o Esperança

Mais uma vez o Esperança Foot-Ball Club deu sinais da mais pura falta de cordialidade. Domingo próximo passado, em peleja com o Friburgo Foot-Ball Club, derrotado pelo score de 3 X 1, jogadores e torcida verdejantes proporcionaram cenas de ‘barbárie’, o que deixa profundamente triste os amantes do esporte bretão desta cidade”.<sup>352</sup>

A situação de brigas e confusões envolvendo o Esperança estava se tornando tão grave, que chegou a virar caso de polícia. Em artigo publicado em *O Nova Friburgo*, é relatado esse grande problema existente na cidade: as invasões de campo. Segundo o mesmo artigo, a polícia agirá com rigor, independente de quem seja. É claro que não está explícito que o recado é sobretudo para o Esperança, mas a sua história é bastante elucidativa:

---

<sup>351</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 28/janeiro/1932.

<sup>352</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 14/abril/1932.

“Pede-nos o Dr. Columbino de Castro, delegado regional, declarar aos interessados que atendendo às constantes invasões de campo e hostilidades aos soldados de serviços, durante os jogos, vai a polícia agir, doravante, com a máxima energia, empregando meios extremos contra os indivíduos insolentes e contumases desordeiros, sem distinguir posição dos mesmos, pois a lei, em tais casos, não dá privilégio a ninguém, não distinguindo o rico do pobre, é igual para todos”.<sup>353</sup>

Naquele momento, percebe-se que o cenário do futebol friburguense alcança níveis elevados de tensão, em função de tudo aquilo que se procurou mostrar. O conflito de classes embutido nas disputas esportivas aparecia até mesmo em anúncios de jornal. Em uma propaganda publicada em *O Nova Friburgo*, explicam-se as razões que permitiram ao Friburgo e ao Fluminense ganharem vários campeonatos da cidade e, no caso do Esperança, a explicação que é dada ao título de 1931 e sua melhora nas performances é o uso de um produto, no caso, o Vinho Guinado Figueira, que tem no rótulo a imagem de Santa Manoelina:

“Nos anos anteriores, quem tirava o campeonato era sempre o Fluminense A.C. ou o Friburgo F.C. e se buscarmos a razão do porque descobriremos facilmente o seguinte: os jogadores dos clubes citados eram filhos de abastados, e, como tal, dormiam até tarde, alimentavam-se do que queriam, podendo assim dominar os seus adversários, que são operários, dormem mal e mal se alimentam, porque ganham pouco”.<sup>354</sup>

Apesar do apelo ao uso do Vinho Guinado Figueira, fica bem claro, portanto, a composição dos clubes da cidade. Descarta-se, contudo, os reais motivos que propiciaram ao Esperança emergir como força futebolística da cidade, coisa que só vai conseguir com o acúmulo de experiências ao longo dos anos.

Mas retomando às disputas pelo campeonato da cidade, em agosto é marcado um encontro entre o Fluminense X Friburgo, constituindo-se, segunda a crônica esportiva, numa das mais belas partidas até aquele momento, vencida pelos azuis:

---

<sup>353</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 5/maio/1932.

<sup>354</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 30/junho/1932.

“Foi verdadeiramente uma batalha sensacional a que se travou no último domingo (...) entre as equipes do Fluminense X Friburgo, perante uma colossal assistência, em disputa do campeonato da cidade.

Depois de desenvolver um jogo brilhante e digno de apreciação, o Friburgo F.C. vê os seus esforços debalde, e, cai por uma vez vencido diante o seu velho rival de batalhas pelo score de 2 X 1”.<sup>355</sup>

Também o Esperança, em disputa com o Flamengo pelo campeonato da cidade, aplica uma sonora goleada, mostrando toda a sua força para disputar, ponto a ponto com seus maiores adversários, o título daquele ano:

“Sob o entusiasmo frenético da enorme assistência, realizou-se domingo, o esperado confronto entre o Esperança e o Flamengo, na penúltima partida do turno, do campeonato da cidade, vencida pelo verdejantes pelo score de 10 X 2”.<sup>356</sup>

Apesar da vitória, houve bastante reclamação do Flamengo pelo jogo violento empregado pelo Esperança, que o teria prejudicado substancialmente:

“Moreno, descontrolado, explica o motivo do grande revel:

Não perderíamos por um score tão elevado se o Esperança não abrisse o jogo violento”.<sup>357</sup>

No domingo seguinte, ainda em partida valendo pelo campeonato da cidade, defrontaram-se Fluminense X Esperança, num jogo importantíssimo para as pretensões de ambos os clubes que desejam o título daquele ano. A vitória coube ao Fluminense, isolando-se na liderança, um ponto a mais que o Friburgo F.C.:

“O Fluminense terminou desta forma o turno invicto. Com um ponto apenas na frente do Friburgo F.C., ele acaba de colocar-se como o ponteiro da tabela, transpondo domingo o seu mais sério obstáculo, abatendo-o por 5 X 3”.<sup>358</sup>

---

<sup>355</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 11/agosto/1932.

<sup>356</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 8/setembro/1932.

<sup>357</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 8/ setembro/1932.

<sup>358</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 15/setembro/1932.

Em que pese o fato da liderança do Fluminense, o que mais chamou a atenção da partida foi a agressão de Marinho, um dos jogadores do Esperança, ao juiz, que teria prejudicado seu clube:

“O grande encontro que se travou domingo último entre as aguerridas equipes do Fluminense e do Esperança, teve uma assistência enorme.

O Esperança entrou em campo disposto ao grande esforço que o levaria à vitória. Foi um conjunto que atuou com entusiasmo e energia. (...) O juiz, por ter prejudicado o Esperança, foi alvo da ira de Marinho, que o agride. Lamentamos!”<sup>359</sup>

Já na segunda rodada do retorno, o Esperança consegue, enfim, uma novo vitória, em confronto com a equipe do Flamengo, novamente goleada:

“Na segunda rodada do retorno do campeonato friburguense, perante regular assistência, defrontaram-se as fortes esquadras do Flamengo X Esperança, em que os alvi-verdes levaram a melhor, vencendo o antagonista pela esmagadora contagem de 8 X 3”.<sup>360</sup>

Mas a grande peleja do Esperança seria travada com o Fluminense, em jogo a ser realizado no campo do Esperança pelo retorno do campeonato. Tal disputa terminaria empatada pelo placar de 3 X 3, havendo forte interferência do juiz – que, diga-se de passagem, pertencia aos quadros do Friburgo F.C. -, provocando a invasão da torcida alvi-verde em campo, paralisando a partida, que só pôde ser reiniciada graças à atuação firme da polícia:

“Com uma assistência colossal, realizou-se domingo último o esperado embate entre as equipes do Esperança X Fluminense em disputa do campeonato da cidade, terminando a partida com o empate de 3 X 3.

Uma peleja deveras sensacional esteve travada domingo entre ‘verdes’ e ‘azuis’. Seria, ainda, revestida de maior brilho e entusiasmo, se o juiz não contribuísse com sua má atuação, arrancando diversos protestos entre jogadores e da numerosa

---

<sup>359</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 15/setembro/1932.

<sup>360</sup> Cf: *Jornal O Nova Friburgo*, edição de 29/setembro/1932.

assistência alvi-verde, que, invadindo o campo, provocou paralisação da partida.

Graças à atuação firme da polícia, o jogo pôde ser reiniciado, constituindo-se num dos melhores do campeonato”.<sup>361</sup>

Assim, se o Esperança não foi capaz de sagrar-se bicampeão, pois o título ficara para o Fluminense, permitiu aos jogadores-trabalhadores identificarem-se ainda mais, tendo em vista o histórico de brigas, agressões, invasões de campo, dentre outras, verificadas neste ano, o que comprova que o futebol, mais do que qualquer outra coisa, foi capaz de unir os diversos trabalhadores em Nova Friburgo. A própria greve que estouraria em princípios do ano seguinte, que constitui-se num marco fundamental para a classe trabalhadora friburguense (já analisada em capítulo anterior), só foi possível, portanto, de ocorrer, graças ao sentimento de solidariedade que se conseguiu construir entre os trabalhadores friburguenses. Afinal de contas, mesmo que já contássemos com a presença dos sindicatos, do Partido Comunista e outras organizações, estas eram ainda bastante novas e incipientes, de tal forma que o futebol e, sobretudo, o Esperança, se não foi o elemento central de aglutinação dos interesses da classe trabalhadora de Nova Friburgo, teve uma contribuição fundamental neste processo.

---

<sup>361</sup> Cf: Jornal *O Nova Friburgo*, edição de 13/outubro/1932.

## CONCLUSÃO

Ainda hoje é possível perceber em Nova Friburgo todo um discurso que busca elevar à cidade a uma condição superior, comparada às outras cidades brasileiras. É bem verdade que todo esse discurso busca respaldo em bases sociais e históricas, como aquelas que associam o passado da cidade a um projeto colonizador diferenciado, pautado no trabalho livre e na pequena propriedade.

Entretanto, tal perspectiva busca anular e mesmo apagar as lutas oriundas da classe trabalhadora que tem seu processo de formação no início do século passado, quando um determinado grupo político buscava a hegemonia política da cidade. Sendo assim, procurou-se, sempre que possível, esvaziar todo o conteúdo de luta de classes, completamente incompatível com a visão da “Suíça Brasileira”.

Apesar disso, como se procurou argumentar neste trabalho, Nova Friburgo viveu períodos intensos de agitação operária, que começam antes mesmo da instalação das primeiras fábricas, quando dos eventos da “Noite do Quebra-Lampiões”. Mais à frente, é notório todo um acirramento da luta de classes pelos trabalhadores friburguenses, como é demonstrado pelas greves do período. É bem verdade que algumas delas não conseguiram, ao menos naquele momento, conquistas efetivas. Contudo, tiveram uma contribuição colossal no processo de amadurecimento das lutas e reivindicações dos trabalhadores, como a greve de 1933 mostraria.

É lógico também que em determinados momentos a classe dominante soube, para além da repressão, - que sempre existiu - criar bases de consenso junto à classe operária para seus projetos, lembrando todo um processo de construção de uma hegemonia burguesa encabeçada pelo grupo liberal de Galdino do Valle Filho. Entretanto, em momento algum, os trabalhadores foram coniventes ou passivos. Pelo contrário, desencadearam vários movimentos reivindicatórios ao longo dos anos, construindo organizações de classe, como os sindicatos, exigindo direitos, mesmo que às vezes nem sempre compreendidos pelos próprios trabalhadores, como aquele da Carta de Reivindicações de 1933, no qual alguns operários se interrogavam sobre a obrigação da construção de creches nas fábricas, por entenderem que tal problemática não envolveria, sob espécie alguma, os empresários

têxteis. Segundo alguns militantes, propostas como essas eram muito avançadas para a época.

Todavia, os operários sempre questionaram a intensa exploração a que eram submetidos, principalmente quando comparavam sua situação à dos trabalhadores alemães, que além de receberem vencimentos maiores, ocupavam os melhores cargos dentro das fábricas, nunca sendo alvo de descontos, ao contrário dos trabalhadores de origem brasileira. Portanto, a questão da composição de classes em Nova Friburgo possuía um outro ingrediente: a questão étnica.

Apesar de todos esses entraves à formação de uma certa identidade, os operários friburguenses conseguiram, à revelia de todos esses condicionantes, atuarem de forma coletiva, empreendendo lutas acirradíssimas contra seus patrões, formando, de maneira processual, sua própria consciência de classe.

E dentro deste processo de amadurecimento de uma dada consciência de classe, o futebol teve um peso significativo. Conforme tentou se mostrar, os embates envolvendo Esperança X Friburgo e, mais depois, Esperança X Fluminense, eram acirradíssimos, não sendo raros momentos de invasões de campo, quebra-quebra, além de ofensas e outros tipos de agressões.

A própria escolha dos nomes dos clubes elucida bastante os interesses presentes por trás de suas camisas. O Esperança F. C., como o próprio nome sugere, reflete sobre expectativas e sonhos de jogadores e torcida, levando em consideração toda exploração capitaneada pelos empresários têxteis. É preciso também destacar a inauguração de sua sede, verificada em 1º de maio de 1927, dia do trabalhador, demonstrando um enorme simbolismo e um forte espírito de luta.

Com relação ao Friburgo F.C., o nome já denuncia se constituir no clube oficial da cidade, cheio de requinte, contando com pessoas ilustres da cidade, acostumadas a frequentar os locais mais finos. Não que o Fluminense A. C. seja tão diferente assim. Até porque sua origem remonta a uma disputa dentro do próprio Friburgo F.C. Aliás, embora não vestindo as mesmas cores do tricolor carioca, a escolha de seu nome também guarda muita relação com uma postura fidalga.

Vale aqui também destacar os confrontos sempre tensos envolvendo Friburgo X Fluminense. Este, nascido de uma dissidência com a diretoria alvi-rubra, apesar de manter

toda uma postura fidalga, promoverá partidas emocionantes contra seu desafeto, não sendo raros os momentos de ofensas recíprocas ou mesmo rompimento de relações.

Todavia, se o contato entre os jogadores do Friburgo e Fluminense podiam ser intensos, isto não acontecia com os jogadores do Esperança, todos operários. Isto porque a cidade dificultava o contato dos operários, pela distribuição espacial de suas fábricas, o que não era feito de forma aleatória, mas sim através de um projeto que visava dificultar o estreitamento de laços entre os trabalhadores locais. Ainda assim, o esporte bretão foi capaz, aliado às outras lutas, de formar uma identidade muito particular, contribuindo para que os trabalhadores da cidade atuassem enquanto classe.

Mas para além da luta de classes, o futebol emergirá como uma possibilidade de diversão e sociabilidade do operariado local, constituindo numa das práticas mais populares, demonstrado pela intensa assistência de torcedores aos jogos, sempre lotando os estádios e campos de futebol. Em alguns casos, como também ocorria na Capital Federal, os jogos se constituíam em grandes demonstrações de elegância e luxo das classes dominantes, sempre muito bem vestidas, desfilando nos estádios. Também as participações quase constantes das Sociedades Musicais Campesina e Euterpe demonstram que a enorme participação das pessoas nos estádios de futebol possuía um significado muito mais profundo do que simplesmente acompanhar uma disputa futebolística.

Mais do que nunca, entretanto, o futebol em Nova Friburgo se constituiu como uma atividade operária, embora a história do Friburgo Futebol Clube, primeiro clube da cidade, esteja ligada à burguesia têxtil, já que seus atletas ou eram gerentes das grandes fábricas de tecido, ou então eram filhos deles. O traço operário é característico dessa cultura futebolística, e a atividade acabou por se tornar uma das práticas de lazer mais populares da cidade e do meio operário. O futebol, portanto, foi extremamente importante para os trabalhadores friburguenses, seja como fenômeno aglutinador e formador de identidades de classe, seja como simples meio de lazer ou de ocupação do tempo livre.

Partindo, pois, da experiência dos trabalhadores no interior das fábricas e da prática do futebol, foi possível ao operariado local se identificar enquanto classe e mover diversas lutas, como a verificada em 1933, caracterizada como um momento chave para o processo de sua formação.

Embora não se possa esquecer as lutas travadas em momentos anteriores, bastante significativas e importantes – lembrando que algumas das reivindicações dos trabalhadores, como a que se referia a igualar os salários de alemães e brasileiros, ou mesmo o direito de não terem tratamentos diferenciados – a greve de 1933 possuiu um caráter bem mais geral, além do maior nível de organização e mobilização, além, é claro, de impor um respeito e, ao mesmo tempo, um temor generalizado nas classes dominantes, que enfim puderam visualizar de fato o poder de reivindicação de seus trabalhadores.

## **FONTES**

JORNAIS PESQUISADOS JUNTO AO DEPARTAMENTO PRÓ-MEMÓRIA DA SECRETARIA DE CULTURA – PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO:

**A CIDADE DE FRIBURGO**

**A PAZ**

**O FRIBURGUENSE**

**O NOVA FRIBURGO**

LIVROS DE ATAS DO SINDICATO UNIÃO DOS TRABALHADORES DAS FÁBRICAS DE TECIDOS DE NOVA FRIBURGO (PERÍODO: 1931-1933).

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Maurício de Almeida “Da Habitação ao Habitat: A Questão da Habitação Popular no Rio de Janeiro e Sua Evolução”, In: Revista Rio de Janeiro n.º 2, Rio de Janeiro, 1986.

AHMAD, Aijaz - Linhagens do Presente, São Paulo, Boitempo, 2002.

ARAÚJO, João Raimundo “A Indústria em Nova Friburgo” In: Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

\_\_\_\_\_ “Nova Friburgo de Vila a Cidade” In: Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

\_\_\_\_\_ – Nova Friburgo: O Processo de Urbanização da Suíça Brasileira, Niterói, 1992, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_ & MAYER, Jorge Miguel (coord)– Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

BATALHA, Claudio “*Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República*” In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, Campinas, Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_ – O Movimento Operário na Primeira República, RJ, Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_ – Sociedades de Trabalhadores no Rio de Janeiro no Século XIX: Algumas Reflexões em torno da Formação da Classe Operária, Cadernos do AEL, nos. 11/12, Campinas, 2000.

BOURDIEU, Pierre – “Como é possível ser esportivo”, *In: Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.

\_\_\_\_\_ - “Programa Para Uma Sociologia do Esporte” *In: Coisas Ditas*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

CARVALHO, José Murilo - Os Bestializados, SP, Cia das Letras, 1987.

CHALOUB, Sidney – Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial, São Paulo, Cia das Letras: 2004.

\_\_\_\_\_ – Trabalho, Lar e Botequim, SP, Brasiliense.

CORREA, Heloisa B. Serzedelo – Nova Friburgo: O Nascimento da Indústria (1890 – 1930), - dissertação apresentada no curso de mestrado em História da UFF, 1985, memo.

COSTA, Branno Hocherman e FREITAS, Francisco Josué Medeiros – “ *Greves e Polícia Política nas Décadas de 1920 e 1930*” *In: MATTOS, Marcelo Badaró (coord) - Trabalhadores em Greve, Polícia em Guarda: Greves e Repressão Policial na Formação da Classe Trabalhadora Carioca*, Rio de Janeiro: Bom Texto: Faperj, 2004.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa – Visões do Paraíso Capitalista: Hegemonia e Poder Simbólico na Nova Friburgo da República, 1997, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense.

COUTINHO, Carlos Nelson – Cultura e Sociedade no Brasil, Oficina de Livros.

FACINA, Adriana – Literatura e Sociedade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social. São Paulo, Difel, 1976.

FERREIRA, Marieta de Moraes – A República na Velha Província, RJ, Rio Fundo, 1989.

FILHO, Mario – O Negro no Futebol Brasileiro, 4ª Edição – Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FORTES, Alexandre – “*Os Outros ‘Polacos’: Classe e Identidade Étnico-Nacional Entre Imigrantes do Leste Europeu em Porto Alegre*” In: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, Campinas, Unicamp, 2004.

GIULIANOTTI, Richard – Sociologia do Futebol – Dimensões Históricas do Esporte das Multidões, São Paulo, Nova Alexandria, 2002.

GOLDAMACHER, Marcela – Movimento Operário: Aspirações e Lutas, Rio de Janeiro, 1890-1913, Niterói, 2005, dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense.

\_\_\_\_\_ - “*Movimento Operário: Aspirações e Lutas. Rio de Janeiro (1890-1906)*” In: MATTOS, Marcelo Badaró - Trabalhadores em Greve, Polícia em Guarda: Greves e Repressão Policial na Formação da Classe Trabalhadora Carioca, Rio de Janeiro: Bom Texto: Faperj, 2004.

GOMES, Angela de Castro – A Invenção do Trabalhismo, SP, Vértice, 1988.

HARDMAN, Francisco Foot e LEONARD, Victor – História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

HOBBSAWM, Eric “*A Transformação dos Rituais do Operariado*” In: Mundos do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_ “*Notas Sobre Consciência de Classe*” In: - Mundos do Trabalho – Novos Estudos Sobre História Operária, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_ – “O Fazer-se da Classe Operária, 1870-1914” In: Mundos do Trabalho, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

LAFORET, Maria Regina Carpedeville “A Colônia de Nova Friburgo” in: Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

LOBO, Eulália M. L – “A Situação do Operariado no Rio de Janeiro” in LOBO, Eulália M. L (coord). – Rio de Janeiro Operário, RJ, ACESS Editora, 1992.

\_\_\_\_\_ – “Estado, Movimento Operário e Condições de Vida no Rio de Janeiro (1930-1960)” in LOBO, Eulália M. L (coord) – Rio de Janeiro Operário, RJ, ACESS Editora, 1992.

LOPES, José Sérgio Leite – A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés, Brasília, Marco Zero e UnB, 1988.

\_\_\_\_\_ – “Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro” in: BATALHA, Claudio; FORTES, Alexandre e SILVA, Fernando – Culturas de Classe, Campinas, Unicamp, 2004.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2000.

MALIK, Kenan – “O Espelho da Raça: O Pós-Modernismo e a Louvação da Diferença” In: WOOD, Ellen & FOSTER, John – Em Defesa da História – Marxismo e Pós-Modernismo, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

MARX, Karl – O Capital, São Paulo, Abril Cultural, 1985, vol. III, Tomo 2.

\_\_\_\_\_ – O 18 de Brumário de Louis Bonaparte. Obras Escolhidas, vol. 1. Moscou, Progresso; Lisboa, Avante, 1982.

MATTOS, Marcelo Badaró - Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988), Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

\_\_\_\_\_ – O Sindicalismo Brasileiro Após 1930, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_ (coord) - Trabalhadores em Greve, Polícia em Guarda: Greves e Repressão Policial na Formação da Classe Trabalhadora Carioca, Rio de Janeiro: Bom Texto: Faperj, 2004.

\_\_\_\_\_ – Trabalhadores e Sindicatos no Brasil, RJ, Vício de Leitura, 2002.

MAYER, Jorge Miguel “A Criação de Nova Friburgo” in: Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo, RJ, Ao Livro Técnico, 2003.

MENDONÇA, Sônia Regina “Agricultura, Poder e Estado no Brasil: Um Projeto Contra-Hegemônico na Primeira República” In: MENDONÇA, Sônia Regina & MOTTA, Márcia (orgs.) – Nação e Poder: As Dimensões da História, Niterói: EdUFF, 1998.

\_\_\_\_\_ – Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento, RJ, Graal, 1986, 3ª edição.

MURRAY, Bill – Uma História do Futebol, São Paulo, Hedra, 2000.

OLIVEIRA, Francisco de – Crítica à Razão Dualista, São Paulo, Boitempo, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda – Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERROT, Michelle. *Lês ouvriers em grève. France, 1871/1890*. Paris, Mouton, 1974 (2 vols.).

RUIZ, Ângelo – Cadernos de Cultura: História do Esporte em Nova Friburgo, Nova Friburgo, Prefeitura Nova Friburgo/Secretaria de Educação e Cultura/Pró-Memória, volume VI, 1988.

THOMPSON, E. P. “*A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII*” In: Costumes em comum, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_ - A Formação da Classe Operária Inglesa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, (3 vols.).

\_\_\_\_\_ “Algumas Observações Sobre Classe e Falsa Consciência”. In As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos, Campinas/São Paulo, Ed. Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_ – A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Uma Crítica ao Pensamento de Althusser, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ “*Economia Moral Revisitada*” In: Costumes em comum, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_ “Folclore, Antropologia e História Social”. In As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_ “*Introdução: Costume e Cultura*” In: Costumes em Comum, São Paulo, Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_ “*Tempo, Disciplina de Trabalho e o Capitalismo Industrial*” In: Costumes em Comum, SP, Cia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond – Marxismo e Literatura, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WOOD, Ellen Meiksins. Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico, São Paulo, Boitempo, 2003.